

T.A. ADA

CORPOREIDADES INSURGENTES:  
UM ENSAIO SOBRE AS (IM)POSSIBILIDADES DA VIDA  
EM UM TEMPO DE CIBORGUES

MANAUL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ENFERMAGEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA  
MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE COLETIVA

CORPOREIDADES INSURGENTES:  
UM ENSAIO SOBRE AS (IM)POSSIBILIDADES DA VIDA  
EM UM TEMPO DE CIBORGUES

ALEXANDRE SOBRAL LOUREIRO AMORIM

Porto Alegre, 2015

Ancho de vía 1435 mm  
Presión del eje trasero

Neumáticos  
Dimensiones de los llantos 4 1/2 K x 15

NZ

TYP 220

Puente trasero

DBL 207  
PALMER-BENZ A.G.  
FACHBEREICH MASCHINENBAU

Freno hidráulico

Impresión reducida del puente trasero

Impresión reducida del puente trasero

Impresión reducida del puente trasero

53  
14  
52  
51  
4

33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41

17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16

- 1 Cubierta
- 2 Cámara de aire
- 3 Válvula
- 4 Tambor de freno
- 5 Porta-embalador de rueda
- 6 Rueda — balón de fijación
- 7 Junta circular
- 8 Rodamiento radial o bolas, rígido
- 9 Tapa embalador de rueda
- 10 Rueda de disco
- 11 Contrapeso
- 12 Placa de soporte de freno
- 13 Tapa virte-oreste
- 14 Caja de relizans
- 15 Cable frente de freno
- 16 Tercoo ranurado
- 17 Abrazadera de bollesta (bollesta trasero)
- 18 Toca de goma
- 19 Soporte con tubo de guía
- 20 Tubo flexible de protección
- 21 Cinta de suspensión
- 22 Mango de semi-eje
- 23 Semi-eje trasero
- 24 Manguito de goma
- 25 Válvula de sangría
- 26 Cabezillo unión de tubo (habano del líquido de freno)
- 27 Bollesta trasero
- 28 Chapas suplementarias
- 29 Pendor ranurado y agrietado
- 30 Bollesta suplementaria
- 31 Soporte del tubo de freno
- 32 Ajustador de presión
- 33 Compresión
- 34 Cilindro de líquido de freno
- 35 Pistón, embolo
- 36 Tapa de freno
- 37 Bastidor de tubos de freno
- 38 Travesaño
- 39 Cámar del puente trasero
- 40 Beca de llenado de aceite
- 41 Soporte
- 42 Respiradero
- 43 Muelle de retroceso
- 44 Rueda — cilindro de freno
- 45 Manguito de estancamiento
- 46 Pistón, embolo
- 47 Copertura de protección
- 48 Espiga de presión
- 49 Leva de resquite
- 50 Palanca de freno (freno de mano)
- 51 Forro de freno
- 52 Zapata de freno
- 53 Abrazadera de bollesta
- 54 Bolas con pastilla
- 55 Torillo de vaciado de aceite
- 56 Pieza intermedia (habano del líquido de freno)
- 57 Soporte de tubo flexible de freno

**ALEXANDRE SOBRAL LOUREIRO AMORIM**

**CORPOREIDADES INSURGENTES:  
UM ENSAIO SOBRE AS (IM)POSSIBILIDADES DA VIDA  
EM UM TEMPO DE CIBORGUES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Escola de Enfermagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em em Saúde Coletiva.

Orientador:  
**RICARDO BURG CECCIM**

Porto Alegre, 2015



A maior riqueza do homem

é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou - eu não  
aceito.

Não agüento ser apenas um sujeito que abre  
portas,

que puxa válvulas, que olha o relógio,

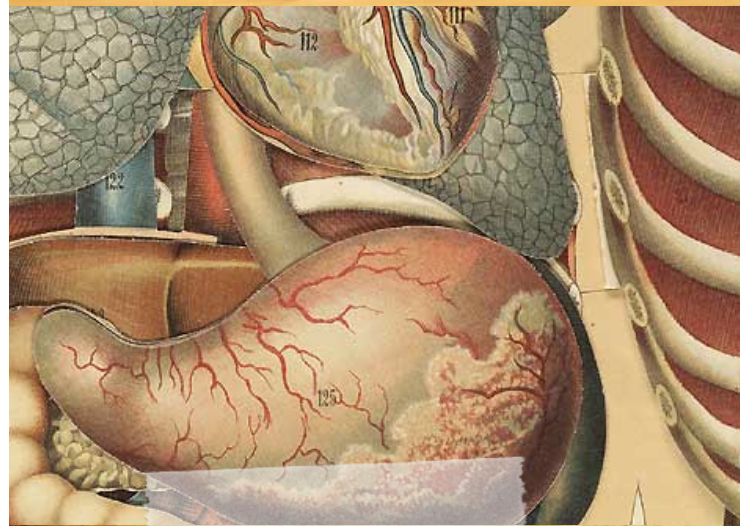
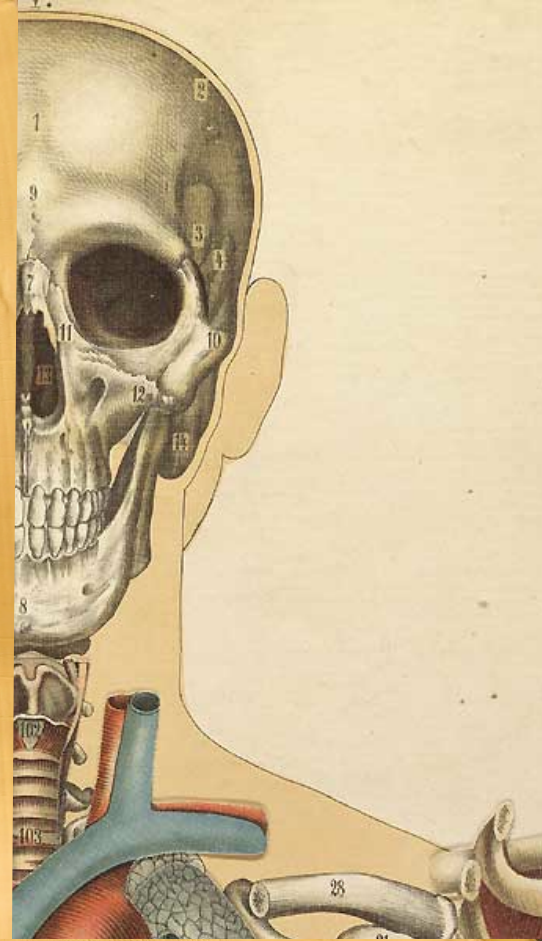
que compra pão às 6 horas da tarde,

que vai lá fora, que aponta lápis,

que vê a uva etc. etc.

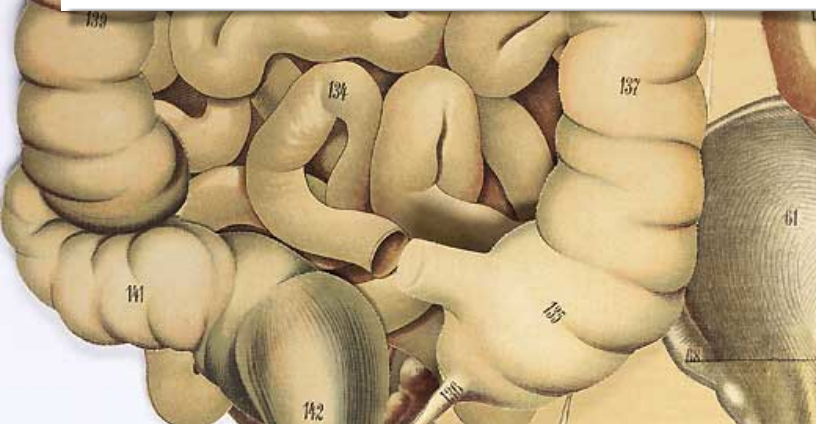
Perdoai

Mas eu preciso ser Outros...



...Eu penso renovar o  
homem usando  
borboletas.

(Manoel de Barros)





## CIP - Catalogação na Publicação

Amorim, Alexandre

Corporeidades insurgentes: um ensaio sobre as  
(im)possibilidades da vida em um tempo de ciborgues  
/ Alexandre Amorim. -- 2015.

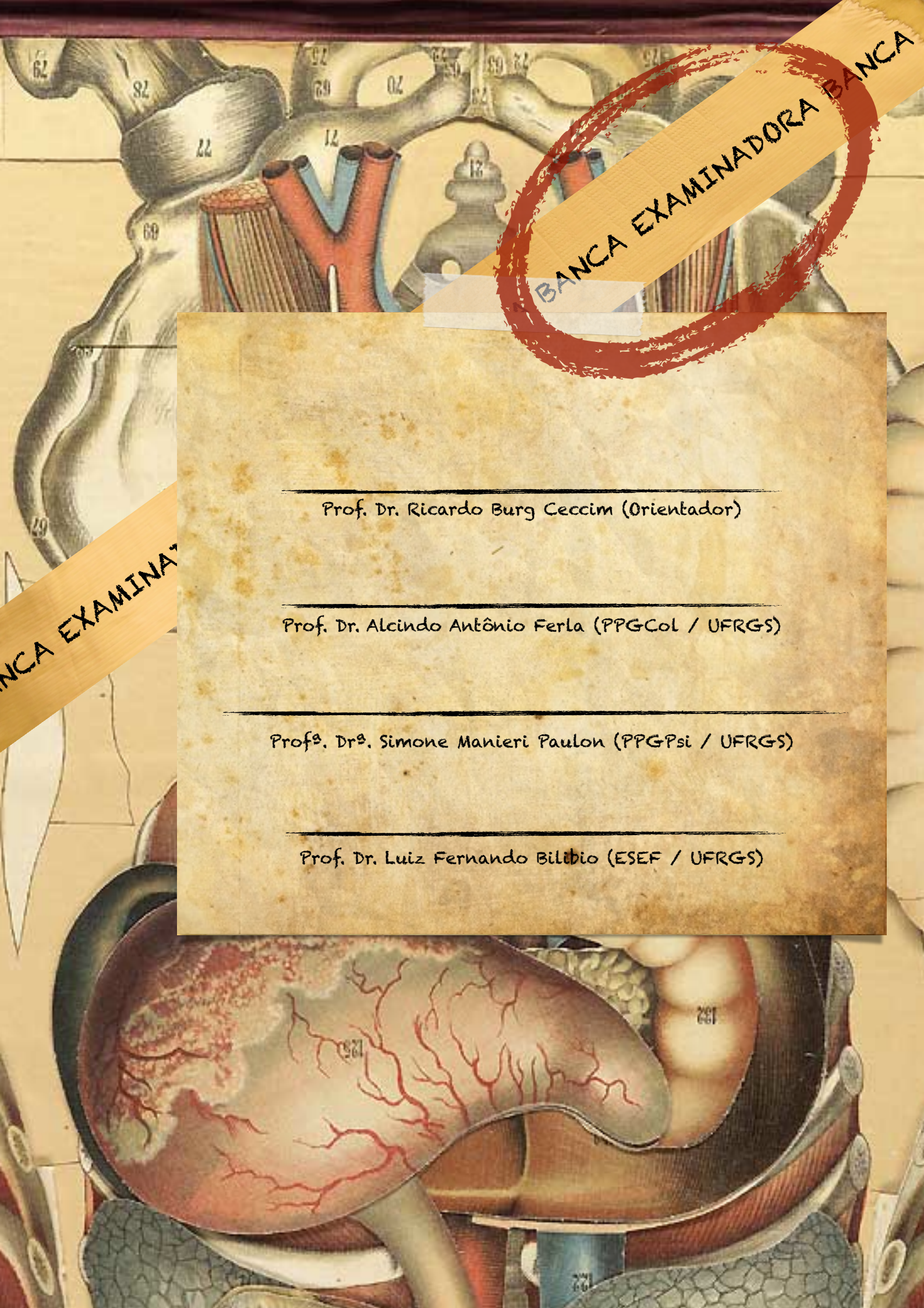
100 f.

Orientador: Ricardo Burg Ceccim.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de  
Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Porto Alegre, BR-RS,  
2015.

1. Ciborgue. 2. Ficção-Científica. 3.  
Corporeidades. 4. Corpo-sem-Órgãos. 5. Saúde  
Coletiva. I. Ceccim, Ricardo Burg, orient. II. Título.





BANCA EXAMINADORA BANCA

---

Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim (Orientador)

---

Prof. Dr. Alcindo Antônio Ferla (PPGCol / UFRGS)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Simone Manieri Paulon (PPGPsi / UFRGS)

---

Prof. Dr. Luiz Fernando Bilibio (ESEF / UFRGS)



## RESUMO

Este ensaio traça um percurso textual inusitado para estudar a saúde. Pesquisa-experimento que acopla o conto de ficção científica "A Formiga Elétrica", de Philip K. Dick, às (des)construções poéticas do Corpo-sem-Órgãos, de Antonin Artaud, e visa a ofertar caminhos possíveis ao pensamento, aportando - para o campo dos estudos científicos da saúde - provocações sobre o *corpociborgue*. Com a ficção-científica apreendeu-se que, após tornar o corpo máquina, insurge um potente desejo de retorno, pois o andróide (vir-a-ser do ciborgue) luta - após atingir sua perfeição como máquina - para conquistar a vida e suas sensações (memórias, inscrições, riscos). Esta experimentação buscou produzir acontecimentos (geradores de linhas de fuga) para pensar os movimentos de corpos (im)possíveis que se rebelam contra sua *ciborguização* para que a vida possa escapar: rasgos nos territórios da terapêutica, da cura e da reabilitação; deslocamentos de realidade; imaginação; subversão da norma e desconstrução do controle sobre o corpo; fabulação de corpos-humanos-outros na saúde coletiva. Corpo-sem-Órgãos para outras clínicas (im)possíveis, produção de um cuidado que afirme a vida. Margens (riscadas a giz) para corporeidades insurgentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciborgue, Ficção-Científica, Corporeidades, Corpo-sem-Órgãos, Saúde Coletiva



## **ABSTRACT**

---

This essay outlines an unusual textual route to study health. Research-experiment that engage the Philip K. Dick's science-fiction short story "The Electric Ant" in the Antonin Artaud's poetic (de)constructions of the Body-without-Organs and aims to offer possible ways to thought, introducing - in the field of scientific health studies - provocations on the *cyborgbody*. With the science-fiction was apprehended that, after rendering the body as a machine, a powerful desire of return insurges, as the android (the becoming of the cyborg) struggles - after reaching its perfection as a machine - to conquer life and its sensations (memories, inscriptions, risks). This experiment quested to produce events (lines of flight generators) to think the movements of (im)possible bodies who rebel against their cyborgzation so that life can escape: tears in the territories of therapy, healing and rehabilitation; displacements of reality; imagination; subversion of the rules and deconstruction of the control over the body; fable other-human-bodies in collective health. Body-without-Organs to other (im)possible clinics, production of a care that affirms life. Borders (chalk scratched) to insurgent corporealities.

**KEYWORDS:** cyborg, scientific-fiction, corporealities, body-without-organs, collective health



**ALESSANDRA CHARNEY...** por caminhar e enlouquecer junto, por nomadizar sempre, por apoiar sem condições, por ser leveza, permeabilidade e consistência, por ser prumo sem nunca ser juízo ou restrição, por ser amor infinito...

**SOFIA & ALICE...** pelo tempo roubado das brincadeiras, dos jogos e desenhos e pela compreensão incrivelmente madura de que crianças podem igualmente ajudar adultos na realização de projetos de crescimento...

**RICARDO CECCIM...** pela potência do encontro, pelo convite nunca esquecido, pela amizade, por se dispor ao novo, pelo compartilhar de aprendizados *esquizos*, pelos agenciamentos do cotidiano, pelas brechas imprevistas, pelos intervalos de tempo construídos nas linhas das agendas (e principalmente em suas entrelinhas), pela rebeldia admirada e pelo carinho, respeito e afetuoso cuidado nestes muitos anos de caminhada e luta em defesa da vida...

**SIMONE, BILI & ALCINDO...** pela relevante disposição e disponibilidade, pelas (re)orientações, pelos belos ensinamentos e principalmente por acreditar neste

experimento como potência para a construção de uma saúde coletiva capaz de afirmar a vida...

**ANDRÉ LUIZ...** pelo amor-a-primeira-vista, pela louca lucidez, pelos apoios e tropeços, pela constante presença para além dos lugares ou não-lugares, pelas doces palavras sempre disponíveis...

**COLETIVO NÔMADE...** pela sempre cuidadosa amizade, pela desterritorialização, poesia, política, e por todo o desejo compartilhado de revolução...

**DANI NOAL...** pela entrega, pelos encontros tão cheios de vida, pelo olhar cúmplice, a escuta-leitura aguçada e por tudo que ainda haveremos de inventar juntos...

**TRABALHADOR@S DA COORDENAÇÃO ESTADUAL DA ATENÇÃO BÁSICA / RS (GESTÃO 2014)...** por todo o aprendizado, experimentações e compartilhamentos em um dos anos mais intensos, importantes e deliciosos de minha vida...

**PAI, MÃE, JACÓ & CATIANA...** pelo apoio irrestrito e incondicional e toda ajuda sempre tão interessante...

**RODRIGO, CHICO, KIKO, WALTER, CLOVIS, JAX, LEANDRO & KATARINA...** por me mostrarem, desde muito cedo, como é potente a vida em bando...

**ÀQUELES DA ESCRITA DE FICÇÃO-CIENTÍFICA...** por me fazerem acreditar - dia a dia - que a realidade além de incrivelmente múltipla é composta por nossas mais insólitas fabulações...



# Sumário...

## Pequena coletânea de notas úteis.../

Farpas na mente te fazem enlouquecer... [ @ pg. 011 ]

Ensaio como rebeldia... [ @ pg. 016 ]

Interfaces insólitas: Saúde-Corpo-Órgãos-Ficção-Ciência... [ @ pg. 025 ]

## Ensaizando (im)possibilidades.../

Artaud & Dick: Conversações sobre o corpociborgue... [ @ pg. 036 ]

Corporeidades insurgentes: Acoplamentos Louco-Formiga em cinco movimentos... [ @ pg. 048 ]

1º movimento... / Acontecer... [ @ pg. 049 ]

2º movimento... / Desterritorializar... [ @ pg. 054 ]

3º movimento... / Desestratificar... [ @ pg. 058 ]

4º movimento... / Delirar... [ @ pg. 062 ]

5º movimento... / Desfazer o organismo... [ @ pg. 065 ]

Pode um ciborgue criar para si um Corpo-sem-Órgãos? [ @ pg. 069 ]

Pistas para uma clínica (im)possível... [ @ pg. 080 ]

## Interferências.../

Textuais... [ @ pg. 092 ]

Não-Textuais... [ @ pg. 100 ]





... Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. (...)  
Eu queria decifrar as coisas que são importantes. (...)  
Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder...

[Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas]

... Sei exatamente o que quer dizer, vou te dizer porque está aqui. Você sabe de algo, não consegue explicar o quê, mas você sente, você sentiu a vida inteira.  
Há algo errado com o mundo, você não sabe o que é, mas há...  
Como uma farpa na sua mente te enlouquecendo...

[Morpheus para Neo em Matrix]

Pequena coletânea de notas úteis.../  
Farpas na mente te fazem enlouquecer...

Palier (derecha)  
Trompeta (derecha)  
Manguito desplazable con cambio de dirección de rodillos en los extremos

4 Fuelle de goma  
5 Horquilla (exterior) del cardán  
6 Cruceta

7 Horquilla (interior) del cardán  
8 Piñón planetario  
9 Piñón satélite

20 Caja del di  
21 Rodamiento  
22 Tornillo de  
23 Anillo de p  
24 Rodamiento contacto an  
25 Anillo achal  
26 Precinto de  
27 Brida para  
28 Piñón de at  
29 Arbol cardé  
30 Tuerca estrí



Assustadora a proposta de voltar a expor-se, retornar à tela-branca e preenchê-la com tecladas mais ou menos firmes a fim de produzir um texto-experimento. Voltar a ocupar-me de expressar claramente (ou nem tanto) os descaminhos dos pensamentos e a grandiosidade dos pequenos espaços de conversação. Fazer texto e sentido, do mastigado e comido, do ouvido e falado; enfim do vivido e pensado.

O desafio colocado se inicia, então, nestas linhas, declarando algumas intencionalidades, projeto este impossível sem informar ao leitor quem é este que escreve e com que motivações o faz. É preciso falar de um desejo de subversão pretendido, anunciar que o caos (des)organizará o proposto, considerando que (...) *a única maneira de defender a língua é (...) atacando-a* e que um escritor *é obrigado a fazer a sua língua (...)*<sup>1</sup> para dar conta de fazer escapar as idéias.

Defendendo que o ato de envolver-se em um programa de pós-graduação deva estar comprometido com um plano ético, estético e político e desta forma, dificilmente este poderia ser realizado em outra instituição ou com outro orientador. Urgia a liberdade para criar. Não poderia me envolver em um programa disciplinar duro e cristalizado. Era preciso transitar entre as brechas. Subversão. Foi assim que aprendi a caminhar e assim estou comprometido. Fica ao leitor então um aviso: este experimento científico, não é uma produção asséptica, neutra e imparcial. Este texto defende a vida e, portanto, possui um não-sei-quanto de intencionalidades...

Trata-se de um percurso textual para estudar a saúde. Pesquisa-experimento que visa a ofertar caminhos possíveis ao pensamento. Convite. Aportar para o campo dos estudos científicos da saúde provocações sobre o corpo. Rasgos nos territórios da terapêutica, da cura e da reabilitação. Deslocamentos do real, imaginação, desconstrução da norma e do controle sobre o corpo. Fabulação de corpos-humanos-outros na saúde coletiva.

---

<sup>1</sup> Deleuze, 1997, p.15

O imaginário fantástico sempre foi parte essencial da minha vida e as melhores histórias que eu conheço definitivamente se passam em algum lugar não-lugar - *erehwon*<sup>2</sup> - e em um tempo não-tempo. Cresci lendo gibis e livros de ficção científica e estes velhos companheiros de viagens e delírios inventivos continuam hoje a me seguir e atravessar as minhas produções de significado. As heterotopias<sup>3</sup> nas quais sempre acreditei, existem e podem existir como *farpas na mente*: meus deslocamentos imaginários mais íntimos...

Lembro-me que quando cursava a graduação em medicina – e me encontrava extenuado pela informação científica dura e inflexível - sofrendo de uma overdose de realidade pelos limites do concreto, tive meu primeiro contato com os escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari. De lá para cá, eles igualmente juntaram-se a mim nas produções de significado e nas leituras sobre a clínica e a vida, e nunca mais me deixaram. Para viver era preciso rebelar-se contra os conteúdos e as formas...

Não poderia ser de outra maneira. O pensamento posto num formato-formatado criava em mim incômodos diversos desde que me lembro. Sempre preferi a criação-sensação fluida de nadar livre, sem bóias e sem garantias. A liberdade do pensar e a rebeldia dos fluxos. Possivelmente esta forma subversiva de sentir o mundo e nele transitar tenha me aproximado da literatura fantástica, da ficção científica e, posteriormente, da *esquizoanálise*<sup>4</sup>. Talvez tenha sido o contrário. Afinal, *é a canção que determina os acontecimentos ou são estes que determinam a canção?*<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> (...) *Graças a Samuel Butler, descobrimos o Erehwon como aquilo que significa, ao mesmo tempo, o "parte alguma" originário - e o "aqui- agora" deslocado, disfarçado, modificado, sempre recriado. Nem particularidades empíricas nem universal abstrato: Cogito para um eu dissolvido. (Deleuze, 2006, p.9) [Grifo meu]*

<sup>3</sup> Heterotopia (*hetero* = outro + *topos* = espaço) é um conceito que pode descrever lugares e espaços que funcionam em condições não-hegemônicas. Michel Foucault usa o termo heterotopia para descrever os espaços da alteridade, espaços que têm múltiplas camadas de significação ou de relações a outros lugares e cuja complexidade não pode ser vista imediatamente. Em geral com o *papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real*. (Foucault, 2001, p.420).

<sup>4</sup> (...) *a Esquizoanálise não incide em elementos nem em conjuntos, nem em sujeitos, relacionamentos e estruturas. Ela só incide em lineamentos, que atravessam tanto os grupos quanto os indivíduos. Análise do desejo, a Esquizoanálise é imediatamente prática, imediatamente política, quer se trate de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade. Pois, antes do ser, há a política*. (Deleuze & Guattari, 1996, p. 77-78).

<sup>5</sup> Deleuze, 1997, p.32



Recordo das inúmeras brechas que criei no aprendizado da clínica durante minha graduação - e em seu exercício após estar graduado - com movimentos de rebeldia e com minhas leituras *fantásticas*. Apenas com a convicção ideológica de que outros mundos, outras medicinas e outras ciências eram possíveis pude atravessar aquele *momentum*. Com o passar do tempo sentia que *ao longo de meu caminhar, ia sempre acompanhado pelos ecos daquelas vozes distantes que eu tinha escutado, com meus olhos*. Sentia que em minhas leituras (e escritas) o texto *havia crescido tanto dentro de mim, que agora era outro, agora era meu*.<sup>6</sup>

Desde aquele tempo guardava uma estranha sensação de que algo se conectava com todas aquelas histórias fantásticas que por tanto tempo vinham me acompanhando: planos atravessavam-se esgueirando-se por entre os meus lugares não-lugares e os meus tempos não-tempos. Na hibridização da filosofia com a ficção eu havia encontrado algo. Era a aquisição de outros significados para meus deslocamentos imaginários. Era possível subverter a clínica. Era possível produzir ciência com a imaginação. Era possível criar outros mundos: a *nêmesis do real*.

Em todos os processos de produção acadêmica e mesmo nestas impermanentes propostas colocadas para minha dissertação não haveria de ser de outra maneira: teria de encontrar uma forma híbrida entre as minhas leituras e sensações para criar um texto que pudesse, de forma potente, provocar meu campo de estudo rumo a possibilidades impensadas.

Para tanto, transitar entre os mundos da ficção sendo guiado pela filosofia para construir questionamentos sobre o corpo e a clínica na contemporaneidade poderia compor, sem dúvida, um sem número de inéditos agenciamentos. Afinal, acreditando na verdade que habita o chiste: *a realidade é uma muleta para quem não consegue lidar com a ficção científica*<sup>7</sup>, já que a ficção é também sobre o corpo que temos.

---

<sup>6</sup> Galeano, 1995, p.14

<sup>7</sup> Wilson, 2003, p.19

Ensina-se: Pare no vermelho, atenção no amarelo e siga no verde, mas todas as cores acendem ao mesmo tempo. E então? Como lidar com a multiplicidade, com o instável, com o inesperado, com o imprevisto? E mais ainda como ver através das mensagens turvas o que o *socius* espera de seus componentes? (...) *Paisagem que não aparece a não ser no movimento* (...)<sup>8</sup>.

Mercado. Múltiplas mensagens do mercado. Subjetividades sujeitadas. Medo como produção. Fobia-produção-de-mercado. Vende-se mais para quem tem medo. Armas, fardos de água, papel-higiênico, abrigos anti-aéreos. Também (e principalmente) remédios, exames e consultas; e porque não novos pares customizados de braços e pernas?

Transitando nestes territórios existenciais e extremamente desacomodado com o modo como temos nos posicionado frente ao nosso acelerado processo de ciborguização e virtualização – lidando, pois, com estas insólitas interfaces - estes atravessamentos também afetam a minha escrita de maneira singular. Uma escrita como ato de produção de si e conseqüentemente atravessada por afetos. Exercício de *sentipensar*<sup>9</sup>: o corpo como não-lugar, a clínica como acontecimento, a rebeldia como proposta, o incerto como método, o delírio como guia e a ficção científica como *intercessor*<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Deleuze, 1997, p.7

<sup>9</sup> Galeano, 1995, p.119

<sup>10</sup> *O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas - para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artista - mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso dos meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimem sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê.* (Deleuze, 1992, p.156)



Puente trasero  
de una sola  
articulación

(diseño esquemático)

- 1
- 2
- 3
- 4

Centro de

9 10 12 18

... Por muitos caminhos diferentes e de muitos modos cheguei eu à minha verdade, não por uma única escada subi até a altura onde meus olhos percorrem o mundo. E nunca gostei de perguntar por caminhos - isso a meu ver sempre repugna! Preferiria perguntar e submeter à prova os próprios caminhos. Um ensaiar e perguntar foi todo o meu caminhar...

[Friedrich Nietzsche, Assim falou Zaratustra]

... Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada....

[Eduardo Galeano, O Livro dos Abraços]

- 31
- 32
- 33
- 34
- 35 Barra transversal
- 36 Arandela bombeada
- 37 Descanso de goma (arriba)
- 38 Plataforma portante
- 39 Descanso de goma (abajo)

- 48 Tambor de
- 49 Topo terminal (de la Barra transversal)
- 50 Taco de goma

DAIMLER-BENZ A.-G.  
STUTTGART-UNTERKÖNIG

Pequena coletânea de notas úteis /  
Ensaio como rebeldia...

Colocado o desafio da criação, da invenção e da subversão dos modelos postos inicio a busca por um caminho. Não apenas um método, mas um percurso. Trabalhar com memórias próprias, filosofia e ficção científica, transversalizado pelo desejo de realizar movimentos de recusa das estratégias sistêmicas de normatização do pensar<sup>11</sup>, buscando visualizar nos encontros *entre* personagens - e nestas inusitadas conversas - novos questionamentos sobre o corpo. Por que o corpo? Perguntas, perguntas e mais perguntas...

Preciso criar pequenos textos-vivos<sup>12</sup>, microtextualidades que escapem pelas brechas... Produzir estas tais textualidades para além do arquivamento nos capítulos; texto-dispositivo em que se instale a possibilidade de desvelar os próprios encontros<sup>13</sup> ocorridos entre escritor e leitor. *Algo de não traduzível, de não enunciável, no processo da escrita, algo que se apresenta como possibilidade de palavras outras, várias, de múltiplos sentidos a seguirem caminhos inesperados*<sup>14</sup> como algo sempre *inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria visível ou vivida*<sup>15</sup>. Fazer desta produção textual um plano para a produção de acontecimentos, entradas e saídas; portas, janelas e rebeldia.

Estando imerso neste movimento e entendendo a importância de trazer para o campo da produção científica não o modo como somos, mas aquele como contamos nossas

---

<sup>11</sup> *Todo ato de escrita deixa habitar um ato de pensar. E, assim, deixa passar avante (...) O ato de escrever, assim, vale-se como desdobramento, como pensar que se desdobra na linguagem, como linguagem.* (Eyben, 2011, p.283)

<sup>12</sup> *Produção textual que possibilite fazer um balanço do que há de "vivo" em nós: nas nossas palavras, nas nossas idéias, na nossa forma de escrever e de ler, na nossa forma de pensar, em todas essas coisas que somos e fazemos e que, (...) contribuiu - e talvez siga contribuindo - para formar e transformar.* (Larrosa, 2004, p.28)

<sup>13</sup> (...) *isso equivale a dizer que o sentido justo da escritura está em uma relação ética que pode desmoronar e ao mesmo tempo habitar o pensamento de sempre dois.* (Eyben, 2011, p.291)

<sup>14</sup> Zanella, 2012, p.90

<sup>15</sup> Deleuze, 1997, p.11



histórias (como nos narramos<sup>16</sup>) afirmando sensações e percebendo que na imensa maioria dos textos científicos tradicionais as análises - e analisadores - insistem em buscar conceitualizações utilitaristas<sup>17</sup> que buscam as verdades universais (e universalizantes), comprometidas em constituir uma ciência produtora de estabilidade, embasada numa questionável neutralidade dos sujeitos e dos processos. Pareceu-me amplamente potente buscar uma escrita apaixonada<sup>18</sup> - para uma ação-método rebelde - transgressora, subversiva, *que faz o saber poetizar-se*<sup>19</sup>.

Essencial, então, reconhecer a origem da estrutura, dos métodos e a da validade do conhecimento que atualmente se constrói em diversos campos da saúde e com o qual muitas vezes operamos nosso trabalho. A ciência – dita moderna, e amplamente utilizada pelos cursos de saúde nas universidades – traça, em seu caminho para a compreensão das múltiplas realidades que se apresentam, análises fortemente embasadas na solidez do positivismo, estruturalismo e determinismo, valendo-se de correntes de pensamento que têm como marca a previsibilidade com vistas a uma (pretensa) estabilidade. As classificações e as evidências em busca de certezas numeráveis, sólidas e seguras, capazes de diagnóstico e de prescrição.

O formato (literalmente) com o qual somos educados e, conseqüentemente, “ensinados a fazer ciência” acaba por não favorecer a produção de narrativas onde possam prevalecer nossas vivências e nossos fluxos de desejo. Desta forma, favorecem a composição de perversos planos produtores de poder sobre os corpos, normatizando-os,

---

<sup>16</sup> (...) assumimos que de fato existe um narrador posicionado em uma tese - um narrador que busca textos por uma volição independente e os interpreta via um intelecto que se formou mediante experiências pessoais (...) (Rodríguez, 2012, p.67)

<sup>17</sup> Parece haver uma assunção de que não temos alternativas maiores diante da atual realidade acadêmica que produz injunções aparentemente inescapáveis que definem e assumem uma inexorabilidade quanto a mudanças maiores, que escapem à perspectiva utilitarista dominante. (Castiel, Moraes & Silva, 2014, p.213)

<sup>18</sup> Pode-se, podemos, posso fazer uma escrita “higiênica”, uma escrita neutra e distante acerca de alguma coisa. Escrita de um objeto separado e distinto de um sujeito. Nesse caso, “eu” ou “nós” ou “se” são apenas figuras de linguagem que denotam a originalidade e competência de um “eu” autor ou uma certa humildade do mesmo ou um apagamento de qualquer rastro de singularidade no discurso. No entanto, esse tipo de texto carrega muito pouco de uma potência de transformação. Por quê? Talvez porque não haja paixão. (Machado, 2004, p.147)

<sup>19</sup> Eyben, 2011, p.294.

controlando-os e medicalizando-os. Emergem conteúdos já manifestos enquanto escondem-se todos os outros. Calam-se os desejos para que então possam livremente produzir as sintomatologias classificáveis, que serão captadas e devolvidas aos corpos sensíveis, dessensibilizando-os (“curando-os”).

Trata-se de perceber que *o método de redação com que lidamos encontra-se profundamente desgastado*<sup>20</sup> e para a superação desta perspectiva na busca das questões e possibilidades do conhecimento, aparece, então, a criação de conceitos (filosofia) como instrumento intercessor para os profissionais de saúde, acionando seu espaço de produção de sentidos (e significados). A verdadeira filosofia *consiste em reaprender a ver o mundo*<sup>21</sup>.

Para o trabalho em saúde e as pesquisas neste campo, a filosofia, desta maneira, atenta à ciência do saber em saúde, faz com que devamos nos debruçar sobre todas as contribuições que venham a complexificar nosso modo de ver e possam dotar nossos olhos de lentes que ampliem nosso poder de enxergar para além do cristalizado e do instituído pela lógica “médica”. Como coloca Deleuze, *é olhando através das palavras, entre as palavras, que se vê e que se ouve*<sup>22</sup>.

Para estranhar a medicalização dos corpos, por exemplo, precisamos problematizar (e mesmo nos propormos a desconstruir) a lógica médico-hegemônica colocada como verdade<sup>23</sup> na saúde e reafirmada por uma grande maioria dos estudos científicos. Precisamos *perfurar buracos na linguagem*<sup>24</sup>, buscando por isso *novos conceitos que*

---

<sup>20</sup> Rodríguez, 2012, p.11

<sup>21</sup> Gallo, 2008, p.45

<sup>22</sup> Deleuze, 1997, p.9

<sup>23</sup> Urgência no desaparecimento da verdade e da totalidade, do apagamento radical que autoriza a testemunha e a ausência frente à história. (Eyben, 2011, p.289)

<sup>24</sup> Deleuze, 1997, p.9

*possam romper com os modelos de poder dominantes. Para tanto precisamos primeiro desmanchar nossas noções e conceitos previamente antecedentes*<sup>25</sup>.

Em contraposição aos processos pedagógicos atrelados aos esquemas de poder instituídos socialmente (principalmente entre profissionais de saúde), sugerimos, resgatando Ilya Prigogine, uma *escuta poética da natureza*, uma tentativa de reintegrar o homem ao Universo<sup>26</sup>. Uma escuta poética refuta o Universo estruturado e determinado, considerando que o mesmo está longe do equilíbrio e que a matéria sempre adquire novas propriedades, tornando as análises mais complexas. Uma compreensão e um trabalho em saúde dotado de escuta poética – e, portanto, *agenciador coletivo de enunciações*<sup>27</sup> – permite ser entendido longe da estabilidade, acolhendo e trabalhando com o aleatório, o instável e o imprevisível.

Lembrando que em conversações que envolvam pensar o corpo e suas interfaces seremos obrigatoriamente empurrados a lidar com as linhas de poderes hegemônicos mantenedora das máquinas de captura do sistema e com as intencionalidades dos próprios corpos envolvidos. A instabilidade e imprevisibilidade tomam conta de nossos cotidianos e poderíamos dizer o mesmo de toda a era pós-moderna onde estamos inscritos sendo *uma certa maneira de balbuciar no vaivém de um fazer que é incerto, o exercício da escritura que é a vida mesma*<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> Gallo, 2008, p.45

<sup>26</sup> Prigogine, 1993, p.39

<sup>27</sup> (...) a definição provisória mais englobante que eu proporia da subjetividade é: "o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva" (...) Assim, em certos contextos sociais e semiológicos, a subjetividade se individua (...) Em outras condições, a subjetividade se faz coletiva, o que não significa que ela se torne exclusivamente social. Com efeito, o termo "coletivo" deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao socius, assim como alguém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando uma lógica dos afetos mais do que uma lógica de conjuntos bem circunscritos. (Guattari, 1992, p.19-20)

<sup>28</sup> Ribetto, 2009, p.88



Inserido neste contexto - e percebendo assim a produção científica - foi necessário buscar algo que desse - em parte - conta deste desafio inventivo e para tanto o Ensaio<sup>29</sup> pareceu (...) *oferecer um corpo textual que mais atendia às nuances desse relevo escolhido (...) talvez por oferecer um corpo textual mais próximo, contaminado pelos próprios problemas implicados no caminhar do percurso (...)*. E já que esta pesquisa acabará por flertar com o incerto, o instável e o híbrido a (...) *escolha do estilo ensaístico pode permitir caminhar por este terreno assumido como confuso, buscando, na própria confusão, seu alimento e sua mobilidade*<sup>30</sup>.

Entendendo ainda que (...) *o ensaio na sua insinuação sedutora com a experiência coloca para o campo (...) não só espaços de ambiguidade e incerteza, mas, aquilo da vida que é imprescindível incluir no relato que a memória convoca (...)*<sup>31</sup> desenha-se como escolha metodológica (e/ou de percurso) emprestando potência à proposta desta dissertação produzindo conversações insólitas, realizando encontros imaginários entre múltiplos escritores, construindo antropofagicamente novos territórios existenciais para pensar a saúde a partir de corpos diversos: loucos, desfeitos, refeitos. Humanos e pós-humanos. Fecais, sépticos, ciborgues, andróides.

Na subversão do transitar sobre o tempo<sup>32</sup> - visto que serão feitos deslocamentos no presente que nos levam a especular futuros possíveis - o ensaio demonstra-se como estratégia pertinente visto que não está situado *fora do tempo, mas no tempo e, além disso, num tempo consciente de sua fugacidade, de sua caducidade, de sua finitude, de*

---

<sup>29</sup> Do latim *exagiu(m)*: ação de pensar, provar, experimentar.

<sup>30</sup> Martins, 2006, p.51

<sup>31</sup> Ribetto, 2009, p.88

<sup>32</sup> *O ensaio surge quando se abre a possibilidade de uma nova experiência do presente. Primeiro, quando o passado perdeu toda a autoridade e, portanto, volta a ser lido a partir do presente, mas sem nenhuma reverência, sem nenhuma submissão. Segundo, quando o futuro aparece como algo tão incerto, tão desconhecido, que é impossível se projetar nele. Terceiro, quando o próprio presente aparece como um tempo arbitrário, como um tempo que não foi escolhido, como um tempo que só pode ser tomado como uma morada contingente e provisória, na qual sempre nos sentiremos estranhos; como um tempo que escorre constantemente das nossas mãos, resistindo a qualquer uma das nossas tentativas de fixá-lo, de solidificá-lo, de traçar a sua forma e o seu perfil.* (Larrosa, 2004, p.33)

sua contingência<sup>33</sup>. Ensaando (e ensaiando-se) pode-se perceber mortalidades<sup>34</sup> e impermanências bastante importantes para as aproximações com o vivo - e a vida - que se pretende traçar.

Escrita na qual o roteiro vai sendo construído no próprio escrever<sup>35</sup>, nas idas e vindas possibilitadas pelo caminhar no próprio percurso do pensamento do escritor, nos recortes e colagens que permitiam sua composição a partir de fragmentos (...) de textos lidos e de palavras já proferidas e que foram redesenhadas. Ressignificações de inquietações provocadas pelas leituras de obras várias, sejam literárias, acadêmicas, imagéticas<sup>36</sup>. Exercício de uma *alteridade insuspeitada*<sup>37</sup>.

Como poderia alcançar uma escrita-bricolagem de textos menores de modo que - juntos - não perdessem sua potência subversiva, diferenciadora? O que poderia ser o impostergável, como gesto mínimo de potência política? O que estaria em condições de ser assumido na sua dimensão irreduzível relativamente ao que nos inscreve como sujeitos de saberes menores?<sup>38</sup> Era preciso desenhar uma metodologia para poder *pesquisinventar*, e esta pode ser potência do ensaiar-se.

---

<sup>33</sup> Larrosa, 2004, p.33

<sup>34</sup> Poderíamos dizer que o ensaísta pensa e escreve sabendo-se mortal, sabendo que tanto suas palavras como suas idéias são mortais e que, talvez por isso, estão vivas. (Larrosa, 2004, p.33)

<sup>35</sup> *Aparecimento do despercebido, o ensaio dialoga com as formas de habitar que, deixadas, podem ganhar reino no fragmentário, na promessa desarranjada do comentário associado à experiência plural e limítrofe do saber.* (Eyben, 2011, p.283)

<sup>36</sup> Zanella, 2013, p.18

<sup>37</sup> (...) aquilo do relato que a memória convoca e, o além disso. Aqui a necessidade de dizer sobre essa memória é urgente. Aquela memória insuspeitada... Aquela memória que tem mais a ver com a alteridade que nos constitui que com os registros literais que habitualmente convocamos pra falar, justamente porque é uma memória indizível e impensável (...) Por isso alteridade insuspeitada. (Ribetto, 2009, p.89)

<sup>38</sup> Ribetto, 2009, p.88

Inauguração de territórios possibilísticos. *Criação de seu autor a recriar a realidade*<sup>39</sup>. Escrita como devir. Escrita como um fazer menor. Escrever uma dissertação-ensaio<sup>40</sup>. *Contar algo de si que não seja só um relato auto centrado, mas que advenha como memória polissêmica dos acontecimentos que nos constituíram como sujeitos e nos quais [foi] possível e impossível falar ou escrever com tranqüilidade*<sup>41</sup>.

Convocar um devir-escritor para revoltosamente produzir ciência. Desafio traçado e trançado. Um escritor que está à *margem de sua frágil comunidade científica* e pode estar *mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência, de uma outra sensibilidade*<sup>42</sup>. Linhas de intencionalidade a produzir corpos, produzir saúde. *Por isso traços de um saber que sempre é menor e sempre é risível e ensaístico*<sup>43</sup>.

Ensaio como metodologia (do) possível. O outro possível. Método que permite o instável e o desequilibrado e nestes encontra inspiração e caminhos. Escrita subversiva, revoltosa. Escrita possível a partir de si<sup>44</sup>, em encontros, bricolagens, desterritorializações. Escrita de desfecho incerto<sup>45</sup>, sendo *sempre um mistério antes de o processo findar-se por completo*<sup>46</sup>.

---

<sup>39</sup> Zanella, 2012, p.90

<sup>40</sup> (...) *o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose.* (Larrosa, 2004, p.32)

<sup>41</sup> Ribetto, 2009, p.90

<sup>42</sup> Deleuze & Guattari, 1977, p.27

<sup>43</sup> Ribetto, 2009, p.89

<sup>44</sup> *O ensaísta, necessariamente, não põe a si mesmo em sua escrita, em sua linguagem ou em seu pensamento, mas, sem dúvida, tira algo de si e, acima de tudo, faz algo consigo mesmo escrevendo, pensando, ensaiando.* (Larrosa, 2004, p.36-37)

<sup>45</sup> (...) *talvez esse seja o lugar incerto do ensaio, certo perigo noturno da escritura, certa incerteza na experiência. O engendramento da escritura se dá pela violência contrária à violência dogmática da verdade, do ideal de totalidade, em que se faz uso dos prazeres, da poeticidade do saber.* (Eyben, 2011, p.284)

<sup>46</sup> Rodríguez, 2012, p.12



Metodologia escolhida com o entendimento de que o que se pensa e o que se escreve, *escapa e vaza*<sup>47</sup>. *Afirmção de vida que de certa forma é transversa aos manuais de metodologia científica, os quais geralmente apresentam o trajeto da pesquisa como caminho de passos sucessivos, previamente demarcados*<sup>48</sup>. Um texto que escreve a si mesmo<sup>49</sup>, composto de incertezas, silêncios e nuances por revelar. *Produção que reinventa (...) o próprio corpo e (...) a própria vida, em vez de somente explicá-la ou compreendê-la*<sup>50</sup>. Afinal, a vida também vaza. E deve fazê-lo.

---

<sup>47</sup> Deleuze, 2002, p.74

<sup>48</sup> Zanella, 2013, p.20

<sup>49</sup> Rodríguez, 2012, p.14

<sup>50</sup> Zanella, 2013, p.21



... .. Ficção científica também no sentido em que os pontos fracos se revelam. Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever. Suprir a ignorância é transferir a escrita para depois ou, antes, torná-la impossível. Talvez tenhamos aí, entre a escrita e a ignorância, uma relação ainda mais ameaçadora que a relação geralmente apontada entre a escrita e a morte, entre a escrita e o silêncio. Falamos, pois, de ciência, mas de uma maneira que, infelizmente, sentimos não ser científica...

[Gilles Deleuze, O que é a filosofia?]

... Não temos idéia, agora, do quê, ou de quem possa habitar o nosso futuro. Nesse sentido não temos futuro. Não no sentido em que os nossos avós tiveram um futuro, ou pensaram que o tinham. Futuros culturais imaginados em que o luxo de outro dia, um em que o "agora" durasse mais. Para nós, com certeza, as coisas podem mudar tão abruptamente, tão violentamente, e tão profundamente que, futuros como os dos nossos avós possuem um insuficiente "agora" para se manterem. Não temos futuro porque o nosso presente é demasiado volátil. [...] Apenas temos a gestão do risco. A fiação dos cenários dados no momento. O reconhecimento de padrões...

[William Gibson, Reconhecimento de Padrões]

Pequena coletânea de notas úteis /  
Interfaces insólitas: Saúde-Corpo-Órgãos-Ficção-Ciência...

As propostas distópicas da Ficção Científica<sup>51</sup> (FC) sempre geraram um sentimento misto de fascinação e angústia devido principalmente a certo efeito de estranhamento<sup>52</sup> gerado em seus leitores quando associa as propostas antecipatórias - e conseqüentemente o medo das possibilidades apresentadas, caso seus autores (um dia) estivessem certos - a um plano de *ordem surpreendente e improvável*<sup>53</sup> principalmente no tocante às (pre)visões propostas.

Para além das dificuldades e divergências de categorização (e sub-categorização) que a FC apresenta como gênero literário é consensual que esta sempre foi – e ainda é – considerada como uma literatura “menor”, se comparada a outros gêneros. Não sendo as classificações literárias objeto de aprofundamento neste estudo, o importante é percebê-la (a FC) exatamente em sua potência molecular de *literatura menor*<sup>54</sup>, comprometida assim, na perspectiva da criação de outros possíveis *quando mergulha no*

---

<sup>51</sup> *A ficção científica é uma forma de literatura fantástica que tenta retratar, em termos racionais e realistas, tempos futuros e ambientes que diferem dos nossos. No entanto, mostra estar consciente das preocupações dos tempos em que é escrita e provê um comentário implícito sobre a sociedade contemporânea, explorando os efeitos, materiais e psicológicos, que qualquer tecnologia nova pode ter sobre ela. Quaisquer mudanças que tiverem lugar na sociedade enfocada, e também quaisquer acontecimentos futuros que forem extrapolados, deverão basear-se em uma teoria, científica ou não, encarada em forma comedida e considerada. Os autores de ficção científica usam seus ambientes estranhos e imaginativos como um campo de prova para novas idéias, examinando em forma plena as implicações de qualquer noção que propuserem.* (Mann, 2001, p. 6) [tradução livre]

<sup>52</sup> Conceito chave do teatro de Bertold Brecht, (...) o efeito de estranhamento, ou de distanciação (*verfremdung*) se realiza mediante a adoção de procedimentos cênicos que rompem o envolvimento do espectador com o drama encenado, característico do naturalismo teatral empenhado em reproduzir a vida como ela é. Em sentido contrário, utilizando determinados recursos que podem estar na interpretação, nos adereços, nos figurinos, nos objetos cênicos, nos gestos, na música, na iluminação, na própria narrativa, Brecht solicita que o habitual seja estranhado para que nele não se veja mais uma vez o que estamos acostumados a presenciar e vivenciar em nosso dia-a-dia e sim o novo, o insólito. (Montagnari, 2010, p.15-16)

<sup>53</sup> Tavares, 2011, p.13

<sup>54</sup> *Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior (...). A língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização. (...) A literatura menor é totalmente diferente: seu espaço exíguo faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. (...) O caso individual se torna então mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele. (...) O que no seio das grandes literaturas ocorre embaixo (...), aqui ocorre em plena luz; o que lá provoca um tumulto passageiro aqui não provoca nada menos que uma sentença de vida ou de morte.* (Deleuze & Guattari, 1977, p.25-26)



*fantasioso, na sombra, no fantástico (...) se estruturando como uma narrativa que tem como objetivo mais amplo os possíveis prognósticos de futuro face à realidade presente*<sup>55</sup>.

Desde *Frankenstein: o prometeu moderno*, escrito em 1817 por Mary Shelley – e considerado o primeiro livro produzido deste gênero<sup>56</sup> – fomos arremessados a uma forma inusitada de pensar-ler-escrever sobre as corporeidades, que convoca à desterritorialização, nos entregando antecipações de nossos espaços-tempos cotidianos e outras percepções possíveis sobre e para o humano, acabando a FC por colocar-se *como precursora de aspectos da ciência e das tecnologias modernas, já que tem o tempo futuro como temática central, mas o tempo presente como metáfora*.<sup>57</sup>

Os desenhos sociais e econômicos surgidos na literatura de FC (na ficção científica especulativa<sup>58</sup> principalmente) - e vistos com reserva e descrença por parte da sociedade acadêmica – tornaram-se talvez a melhor imagem literária da pós-modernidade<sup>59</sup>, *mostrando protagonistas mal-adaptados tentando manter a identidade e o equilíbrio numa sociedade cambiante*<sup>60</sup>.

---

<sup>55</sup> Coutinho, 2008, p.4

<sup>56</sup> *Considerado por muitos o primeiro romance de ficção científica, Frankenstein (1817), de Mary Shelley, é a primeira história em que matéria inerte é animada por meio de procedimentos científicos. Na experiência do trágico Dr. Frankenstein repousam algumas das principais questões sobre as relações entre homens e autômatos: a promessa de obtenção da força prometéica, o medo de que o conhecimento sobre a criação da vida seja proibido e leve o homem à ruína, o receio de que a criatura se volte contra seu criador, e o temor de que a criatura se reproduza por conta própria.* (Oliveira, 2005, p.184)

<sup>57</sup> Coutinho, 2008, p.4

<sup>58</sup> (...) *quando a especulação contrafactual de um mundo estruturalmente possível é conduzida extrapolando, de algumas linhas de tendência do mundo real, a possibilidade mesma do mundo futurível. Ou seja, a ficção científica assume sempre a forma de uma antecipação, e a antecipação assume a forma de uma conjectura formulada a partir de linhas de tendência reais do mundo real (...)* (Eco, 1989, p.169)

<sup>59</sup> Para compreensão do conceito de pós-modernidade foi considerado: O descrédito dos grandes esquemas explicativos (metanarrativas) como fonte de verdade (Lyotard, 2010); a liquefação da modernidade num presente multiforme, incerto e imprevisível (Bauman, 2001); a condição de ruptura socio-cultural geradora de novos modelos produtivos (Harvey, 1992); a captura sistêmica das subjetividades (Guattari, 1990) e principalmente as alterações biotecnológicas como a *clonagem, o implante de órgão, próteses e órgãos artificiais engendram uma geração de seres em estados artificiais que colocam em xeque a originalidade ou naturalidade do humano* (Tadeu, 2013, p.14).

<sup>60</sup> Oliveira, 2009, p.09

Vivemos hoje lançados inexoravelmente numa *distopia*<sup>61</sup> biopolítica especulada por diversos autores há vários anos onde o *virtual (...) se transforma em real e a realidade (...) se transmuta em irrealidade, confundindo “fronteiras” antes tão perceptíveis*.<sup>62</sup> Clones, roupas plásticas, megalópoles dotadas de vigilância ininterrupta, o *cyberespaço*, as guerras biológicas, robôs e ciborgues. A “nuvem” e nossas diversas conexões virtuais permanentes. Os espetáculos de uma mídia onipotente e onipresente. O *apartheid tecnológico*<sup>63</sup> divide castas humanas minoritárias - que conseguem acessar tecnologia de ponta – dos bilhões de pessoas que sobrevivem fora dos limites das cidades inteligentes como piratas igualmente sedentos por tecnologia.

As relações humanas são formatadas a partir dos limites (ilimitados) das *megacorporações*<sup>64</sup>. O mercado, compelindo os corpos a se moverem através de fluxos incessantes de lançamentos de novos produtos de consumo e emoções pré-fabricadas igualmente comercializáveis que dissolvem as singularidades destruindo as possibilidades dos encontros.

Melhorias para lidar com as incertezas e imperfeições no cotidiano *do consumo hipervalorizado, na saga do prazer/evitação do vazio, que se inclui finalmente no*

---

<sup>61</sup> O conceito de *Distopia* (ou utopia negativa) encontra-se embasado em planos ficcionais onde apresenta-se como (ou promove a vivência da) antítese da utopia. Enquanto na utopia esperam-se sistemas sociais idealizados e nos universos ficcionais distópicos as normas criadas para o bem comum mostram-se “flexibilizadas” havendo geralmente opressivo e violento controle da sociedade através de dispositivos tecnológicos. Como notórios exemplos na literatura estão *1984* de George Orwell e *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley.

<sup>62</sup> Coutinho, 2008, p.2

<sup>63</sup> Criação conceitual atualizando o conceito de *apartheid* (separação) racial tal como adotado entre 1948 e 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da grande maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca.

<sup>64</sup> *Megacorporação* (publicado inicialmente em 1988 por William Gibson, importante escritor de ficção no gênero cyberpunk) é um termo atualizado a partir do conceito de *Corporação* trazido anteriormente pela ficção científica e que se refere a um conglomerado empresarial que detém o monopólio de vários tipos de mercado simultaneamente, tendendo a estar mais concentradas nas áreas de tecnologia, comunicações, extrativismo, dispositivos e armamentos militares. Costumam interferir diretamente em questões privadas de seus consumidores, ignorar as leis, possuir territórios e forças de segurança próprios ou até mesmo agir como uma entidade governamental. Para visualização dos exemplos no cinema: *Tyrell Corporation* (*Blade Runner*, 1982), *Omni Consumer Products - OCP* (em *RoboCop*, 1987 e 2014), *Cyberdyne Systems* (*The Terminator*, 1984; *Terminator 2: Judgement Day*, 1991; *Terminator 3: Rise of the Machines*, 2003), *RDA Corporation* (*Avatar*, 2009) e *Oscorp Industries* (*Spider-man 1*, 2002; *Spider-man 2*, 2004; *Spider-man 3*, 2007).

*anonimato da vida escravizada*<sup>65</sup> são buscadas incessantemente por todas (ou pelo menos pela maioria) das pessoas. A inumanidade como sonho de consumo. Movimentos de abandono do corpo, substituições, reposições.

Neste contexto, a saúde vem também se transformando em um produto vendável e *nesta saga de consumo também o "consumo médico" está incluído e surgindo a partir deste uma grande inflação da procura/saúde, atenuando-se o limite entre a procura "fundada" e a compulsão consumidora de prestações médicas*<sup>66</sup>. É cada vez mais perceptível o processo de transformação ocorrido com os corpos: desejo por bioimplantes ou biomelhorias para "melhorar-nos", hibridizando-nos com as máquinas.

Além disto, a virtualização<sup>67</sup> das relações humanas e a psicofarmacologia - transformada em mais puro código informacional - vem definindo de modo regulatório como devemos nos sentir e nos adaptar, visando ao alto desempenho funcional rumo ao esperado homem-máquina-melhor-adaptado. *As toxicodependências como atitude hipernormal*<sup>68</sup> controladas como que em um console por médicos-programadores.

*A multiplicidade de práticas imagético-discursivas que investe o corpo hoje é delineada pelo a priori histórico da informação, definido pela junção da cibernética, tecnologias da informação e biologia molecular*<sup>69</sup> e a centralidade ocupada pelo humano na modernidade é pouco a pouco reduzida às conexões destes com suas melhorias biônicas e informacionais: obsolescência do corpo não modificado.

---

<sup>65</sup> Teixeira, 2005, p.7

<sup>66</sup> Teixeira, 2005, p.7

<sup>67</sup> Sendo um conceito importante para a leitura deste trabalho (mas não sendo foco principal deste estudo seu aprofundamento conceitual) pode-se dizer que *a virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual para o virtual, em uma "elevação à potência" da entidade considerada (...), não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do sujeito considerado.* (Levy, 2005, p.17-18)

<sup>68</sup> Teixeira, 2005, p.7

<sup>69</sup> Lima, 2005, p.3



A *Ciborguização* – caminhos do corpo no inexorável processo capturado de hibridização entre organismos e máquinas - se dá privilegiando as máquinas e reforçando as noções de identidade, funcionalidade e automatismo. E após tornar-se máquina-funcional-completa, resta abandonar enfim o corpo, no passo final rumo a uma virtualização imprudente onde capturam-se todas as tentativas de subjetivação. É neste território que podemos encontrar a condição de possibilidade das novas configurações em que se inscrevem os discursos sobre corpo ciborgue, corpo informação, corpo pós-humano<sup>70</sup>.

Os médicos – e toda a rede de serviços de saúde sejam públicos ou privados – igualmente hibridizam-se e adaptam-se na construção deste processo, para que possam fornecer-se como produtos. Este círculo vicioso alimenta abundantemente as grandes indústrias e reforça um projeto de extinção da felicidade e da vida em favor da ciborguização e virtualização dos corpos: movimentos de obsolescência dos corpos organismo, dispositivos adaptados de não-vida.

Vemos uma transição das ações de saúde antes voltadas apenas para os órgãos e sintomas para movimentos que tem como objetivo a supressão daqueles antes mesmo que estes possam surgir. Extinção do corpo-apenas-orgãos não como percurso possível ao corpo-sem-orgãos, mas ao corpo-sem-corpo (*corpo-ex-orgãos*<sup>71</sup>).

Este *modus vivendi* contemporâneo vem produzindo, pois, tipos peculiares de atenção à saúde. Fortalecidos pelos avanços tecnológicos e pelo imaginário produzido pelos veículos midiáticos proliferam-se numa margem os *tecnoprofissionais de saúde, médicos-programadores* e em outra pacientes ciborgues, autômatos e descorporeificados. Um espaço-tempo onde a modelização das corporeidades é a tônica do existir.

As propostas colocadas como tentativas para (re)humanização do cuidado em saúde assumem perspectivas tímidas e limitadas que em geral são aplicadas tendo como

<sup>70</sup> Lima, 2005, p.3

<sup>71</sup> (...) *corpo ex-órgãos, sem órgãos, do mesmo modo que se diz exangue (sem sangue). Corpo sem órgãos porque não requer mais a tecnologia disciplinar do exame ou de que sejam vistos para o diagnóstico que gera a prescrição "clínica". O diagnóstico antecede o exame físico, é o diagnóstico do risco, e estamos todos sob o risco da doença dos órgãos. Esse corpo sem órgãos, em contrapartida, é um corpo sem forças, débil, exausto.* (Ceccim & Merhy, 2009, p.539)

referencial um corpo que já se desfez: como humanizar o pós-humano? Movimentos que tendem a não resistir aos movimentos que tornam o corpo obsoleto. Caçam-se as linhas de fuga. Dinamitam-se as estradas subterrâneas e por cima dos escombros constroem-se estradas rígidas e imutáveis onde se vende caro o pedágio para passar por elas.

A partir da insuficiência deste modelo para um cuidado de saúde que possa afirmar a vida, embora possa fazê-la sobreviver, precisamos entender como novas experimentações podem desconstruir (desterritorializar) esta *clínica ciborgue*, lançando na área a análise de novas formas de entendimento, ou outros pontos de mirada: derivações, resistência.

Pensar, pois, as corporeidades na contemporaneidade deve ser um exercício para possibilitar inaugurar novos olhares que possam disputar estas construções intencionando produzir outros possíveis, considerando *questões que reconhecemos como pertencentes às narrativas de ficção científica (...) como hibridações, misturas (...) experiências espaço-temporais, outras subjetividades, inteligências e mesmo anatomias*.<sup>72</sup>.

Ao utilizar as lentes insólitas da ficção científica no exercício de criar um outro olhar, pretendendo transitar nestas *interzonas*<sup>73</sup> distópicas para tentar apreender como pode o corpo resistir aos processos cotidianos contemporâneos: biodominadores, medicalizadores, geradores de captura, obsolescência e morte.

---

<sup>72</sup> Tucheran, 2007, p.84-85

<sup>73</sup> Espaços-tempos de acontecimento no "entre", ocorrência nas entrelinhas dos territórios existenciais.

A partir do convite a *personagens conceituais*<sup>74</sup> que insistem e vivem intensamente (e que portanto podem *arrojar-se na cena do pensamento*<sup>75</sup>) me proponho nas páginas que se seguem a esboçar pistas que possam - nos encontros com os leitores e a partir destes - sinalizar elementos agregadores de potência para a composição de uma noção insurgente do corpo em corpos, individual ou coletivamente - apreendidos.

Convidando Antonin Artaud (como personagem rebelde de seu próprio corpo) e Garson Poole personagem (in)orgânico da ficção-científica de Philip K. Dick<sup>76</sup> (igualmente rebelde crítico de sua corporeidade), tentarei perceber - e receber - os diversos fluxos ou linhas de força onde podem acontecer inusitados encontros, inéditas conversações ou uma clínica capaz de desenhar (a giz) pistas, fissuras e áreas de escape para corporeidades insurgentes.

Poole<sup>77</sup> ao descobrir que é um andróide controlado por uma empresa, e desejando ser vivo, rebela-se contra seu próprio corpo empreendendo diversas modificações em seu funcionamento intrínseco. Artaud tenta desconstruir um corpo medicalizado,

---

<sup>74</sup> *O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é até, o contrário: o filósofo é somente o envelope do seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos da sua filosofia. Os personagens conceituais são os "heterônimos" do filósofo, e o nome do filósofo, o mero pseudônimo dos seus personagens. Não sou mais eu, e sim uma aptidão do pensamento a se ver e desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares. O personagem conceitual nada tem a ver com uma personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois ele está vivendo, ele está insistindo. (...) O personagem conceitual é o devir ou o sujeito de uma filosofia. (Deleuze & Guattari, 1992, p.86)*

<sup>75</sup> Teixeira, 2004, p.37

<sup>76</sup> *Philip Kindred Dick* (1928-1982), também conhecido como *Philip K. Dick* (ou apenas *PKD*), foi um escritor americano de ficção científica que alterou profundamente este género literário. Explorou em muitas das suas obras temas como a realidade e a humanidade, inovando na utilização de "pessoas comuns" como personagens (e não heróis galácticos como faziam na época outras obras do género). Esta abordagem mais cotidiana, especulativa e perturbadora o destaca como o precursor do *Cyberpunk* (género literário de ficção surgido na década de 1980), tendo como marco importante o romance *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (inspiração para o filme *Blade Runner*) que ao lado de 1984 (de George Orwell) e *Brave New World* (de Aldous Huxley) é considerado entre as maiores narrativas distópicas criadas no século XX. Teve maior parte do seu reconhecimento em carácter póstumo devido à adaptação de vários de seus romances para o cinema.

<sup>77</sup> Garson Poole que após ser hospitalizado devido a um acidente descobre não ser um humano e sim um robô (mais precisamente "uma formiga elétrica") é o principal personagem do conto *A Formiga Elétrica* (*The Electric Ant*), escrito por Phillip K. Dick em 1969 e adaptado para os quadrinhos pela Marvel Comics (com texto de David Mack e ilustrações de Pascal Alixe) em 2011.



*ciborguizado* pela instituição manicomial (...) *que está ali, como uma página arrancada, como um farrapo desenraizado de carne*<sup>78</sup>.

Desta forma, acoplo Artaud - e seu corpo-escrito, manicomializado e desfeito - ao corpo de um Poole<sup>79</sup>, personagem escolhido por materializar o conceito-experiência do *Andróide*<sup>80</sup>, máquina humanóide altamente complexa - tida momentaneamente como corpo completo, finalizado, perfeito, mas que se rebela contra esta perfeição funcional não-viva - e, por isso, carregará consigo a função de trazer a tona o paradoxo elevado à sua máxima radicalidade que se apresenta como a principal questão condutora deste experimento acadêmico: após tornar o corpo máquina, a ponto de não ser mais humano, é possível que se sobressaia - que insurja - um potente desejo de retorno, pois tudo que um autômato (andróide) espera após atingir sua perfeição como máquina é conquistar a vida e suas sensações (memórias, inscrições, riscos). *Quando você é obrigado a encontrar uma causa (...) você tenta dar-lhe um nome. Você o chama de "eu", eu o chamo de "você"*<sup>81</sup>...

Neste percurso, estes corpos-deslocamentos-ficcionais operarão como intercessores imaginários que, a partir da possibilidade - criadora e rebelde - que Artaud inaugura de um *Corpo-sem-Órgãos*<sup>82</sup>, podem levantar questões sobre como podem os corpos na

---

<sup>78</sup> Artaud, 2001, p.198

<sup>79</sup> Os personagem escolhido traz em seu protagonismo um forte traço de rebeldia e subversão em relação ao seu corpo-criação-perfeita e por isso torna-se "matéria" para esse estudo. Além disso, protagoniza um conto onde não emerge a oposição dicotômica binária entre homem e máquina - bastante comum em narrativas de ficção científica - onde em geral o primeiro quer destruir o segundo, que por sua vez tem igual interesse pelo primeiro. Garson Poole é múltiplo e nem um pouco atrelado em sua narrativa a esquemas identitários visibilizando ainda em sua existência - tal qual o corpo-escrito de Antonin Artaud - a insurgência de corporeidades cativas.

<sup>80</sup> Etimologicamente o termo remete a "algo com aparência humana" (Do grego: *andros* = homem + *oide* = com a aparência de). Na ficção (e na ciência) são máquinas de formato humanóide - em maior ou menor grau de semelhança - sem a presença de quaisquer componentes orgânicos, telecontrolados ou animados por um computador (inteligência artificial).

<sup>81</sup> Minsky apud Le Breton, 2013, p.196.

<sup>82</sup> O termo *O Corpo sem Órgãos* foi cunhado pela primeira vez por Antonin Artaud nos anos 1940, e Deleuze e Guattari (1988: 150) sugerem que Artaud fez para si um corpo sem órgãos, quando cometeu suicídio em 28 de Novembro de 1947. Apareceu pela primeira vez em Deleuze (1980) *A Lógica do Sentido*, em seguida, em Deleuze e Guattari (1984) *Anti-Édipo* e, em seguida, em Deleuze e Guattari (1988) *Mil Platôs*.

contemporaneidade distópica resistir aos movimentos de captura que os tornam dominados, medicalizados, obsoletos e descartáveis... e insurgir.

Deleuze e Guattari ao inaugurarem escritas dedicadas ao Corpo-sem-Órgãos (CsO), enfatizando sua natureza dinâmica, experimental e prática, abrem uma brecha para que possamos transitar na intimidade do ciborgue, no limiar, nas suas sutilezas. Neste movimentar-se encontra-mo-nos com a clínica. Afinal, o CsO não é redutível a um objeto acabado da metafísica, mas sim um devir, um limiar interminável. O CsO para pensar a vida e o vivo não é um conceito, mas uma prática experimental em que o desejo ganha matéria, força de efetivação. O CsO não pode ser dado como certo, mas precisa ser criado continuamente: desafio da clínica, (im)pertinências da ciborguização...

A partir destes corpos múltiplos tentarei inaugurar estes e mais alguns questionamentos, já que a obsolescência do corpo vivo que tende à máquina, acaba por gerar um território de possíveis para que a máquina torne-se ela obsoleta e tenda a retornar em uma jornada em busca do vivo: uma jornada que afirma a vida. Nestas experimentações e lançando mão destas conversações tentarei produzir agenciamentos novos (invenção de acontecimentos<sup>83</sup> geradores de linhas de fuga) para pensar nas possíveis derivações que corpos que se insurgem e se rebelam contra sua *ciborguização* podem traçar, intencionado criar espaços por onde a vida possa escapar.

Assim, sem pretensões de esgotar a temática ou mesmo atingi-la em sua praticamente infinita e peculiar profundidade, espero poder compartilhar com os leitores dúvidas, proposições de acoplamentos novos e bricolagens impensadas, capazes de instaurar brechas para (re)pensar uma clínica, uma produção do cuidado em saúde numa perspectiva subversiva, rebelde e de insurgência.

Na eleita era ciborgue, na presente distopia e para a vivência atual de novas corporeidades: insurreição, linhas de fuga. Novas políticas do corpo para outras clínicas,

---

<sup>83</sup> (...) o acontecimento é o próprio sentido. (Deleuze, 2000, p.34)

produção de um cuidado que afirme a vida. Pistas para investigar corporeidades insurgentes...



...I beat my machine it's a part of me it's inside of me / I'm stuck in this dream it's changing me I am becoming / The me that you know he had some second thoughts / He's covered with scabs and he is broken and sore / The me that you know doesn't come around much / That part of me isn't here anymore / All pain disappears it's the nature of my circuitry / Drowns out all I hear there's no escape from this my new consciousness / The me that you know used to have feelings / But the blood has stopped pumping and he's left to decay / The me that you know is now made up of wires / And even when I'm right with you I'm so far away / I can try to get away but I've strapped myself in / I can try to scratch away the sound in my ears / I can see it killing away all my bad parts / I don't want to listen but it's all too clear / Hiding backwards inside of me I feel so unafraid / Annie, hold a little tighter I might just slip away / It won't give up it wants me dead / Goddamn this noise inside my head...

[Nine Inch Nails, The Becoming]

... You're alive, Bod. That means you have infinite potential. You can do anything, make anything, dream anything. If you can change the world, the world will change. Potential. Once you're dead, it's gone. Over. You've made what you've made, dreamed your dream, written your name. You may be buried here, you may even walk. But that potential is finished..

[Neil Gaiman, The Graveyard Book]

Ensaiaando (im)possibilidades.../  
Artaud & Dick: Conversações sobre o corpiciborgue...





A transmutação (ou captura) do corpo em ciborgue encontra-se em curso e desta maneira as definições são declaradamente temporárias e imprecisas. Uma leitura conclusiva do ciborgue - tal qual uma leitura definitiva e final sobre quaisquer de suas corporeidades - é um ato irrealizável. Existem apenas percepções temporárias e mutáveis.

Trazer a tona estas possibilidades é sinalizar a necessidade urgente de estudos que possam mapear e (de)codificar a contemporaneidade não a partir de um ponto de vista sem corpo, mas de uma perspectiva corporal, chamando a atenção para a importância do corpo - ou melhor, os corpos - na produção das subjetividades contemporâneas e da subversão do instituído nos estudos em saúde.

Desta forma, neste ensaio - mais do que realizar incursões no sentido de definir conceitos - me proponho entregar ao leitor questionamentos que julgo interessantes para o agenciamento da realidade contemporânea, partindo do elenco de algumas situações-pistas, que acredito poderem auxiliar no desvelamento de alguns substratos ocultos da clínica a partir da insurgência de corporeidades.

O discutir o ser humano e sua ciborguização não é colocado como mais um debate intelectual sobre produtos imaginativos da ficção literária fantástica, mas como urgentes conversações sobre microeventos inscritos na contemporaneidade, *já que o acoplamento vivo-máquina conquistou extensão e banalidade ao abranger a área médica e a vida comum*<sup>84</sup>.

*Do nascimento à morte, o ciborgue assinala o recuo do corpo e seu aperfeiçoamento*<sup>85</sup> e é por este motivo que, neste estudo - para além das discussões filosóficas humanistas (e

---

<sup>84</sup> Le Breton, 2013, p.204

<sup>85</sup> Le Breton, 2013, p.205

pós-humanistas) - me interessa realizar a problematização do corporal, o corpo como acontecimento<sup>86</sup>. Corpo território de significado múltiplo na literatura de ficção especulativa, corpo distópico e real, profundamente modificado pela tecnologia.

São inúmeros os exemplos de corpos tecnologicamente modificados - construídos, aumentados ou aprimorados - demonstrando os elementos fusionais biológico-artificiais (mais ou menos monstruosos) que podem ser encontrados na literatura de FC, podendo inclusive creditar a esta última a imensa maioria das imagens que nos fazem imaginar (e criar) os ciborgues da maneira que fazemos hoje.

*As antigas fronteiras entre o mecânico e o biológico dissolvem-se*<sup>87</sup>. A multiplicação das variadas formas conjugadas homem-máquina imaginadas pela ficção na segunda metade do século XX, juntamente com o desenvolvimento das tecnologias associadas, permitiram diversas incorporações orgânico-tecnológicas (sistemas biônicos, máquinas de suporte vital, biotelemetrias das mais variadas ordens).

A gênese do *corpociborgue*<sup>88</sup> tenta então se fazer explicar por uma finalidade: criar máquinas-humanas é, entre outras coisas, melhorar as condições ou explorar funções corporais humanas de maneira mais eficiente. *Regulagem bioquímica a fim de mantê-lo no melhor nível de eficácia ou de saúde*.<sup>89</sup> Já que na organização operativa do Capitalismo em Rede<sup>90</sup>, faz-se (...) *necessário, por todos os meios de atividade humana,*

---

<sup>86</sup> A efetuação nos corpos (encarnação ou atualização do acontecimento) gera apenas a sucessão de dois estados de coisas, antes-depois, segundo o princípio de disjunção exclusiva, ao passo que a linguagem recolhe a diferença desses estados de coisas, o puro instante de sua disjunção (...): ocorre-lhe realizar a síntese disjuntiva do acontecimento, e é essa diferença que faz sentido. (Zourabichvili, 2009, p.16)

<sup>87</sup> Le Breton, 2013, p.205

<sup>88</sup> A palavra *corpociborgue* - bastante oportuna para esta dissertação - apropria-se do conceito criado por Rego (2013) em atualização ao conceito de *cyborg* de Donna Haraway (1985), evidenciando que o *cyborg* é uma categoria/fenômeno que ocorre no corpo; estabelecendo (...) aproximações e conexões com teóricos contemporâneos que dialogam com o conceito de *cyborg* de Haraway. (Rego, 2013, p.42)

<sup>89</sup> Le Breton, 2013, p.204

<sup>90</sup> O novo capitalismo em rede, que enaltece as conexões, a movência, a fluidez, produz novas formas de exploração e de exclusão, novas elites e novas misérias, e sobretudo uma nova angústia - a do desligamento. (Pelbart, 2003, p.21)



*substituir a natureza onde esta possa ser substituída (...) instaurando (...) mais espaço para a inércia humana (...) para (...) ocupar os operários<sup>91</sup> e seguir criando robôs<sup>92</sup>.*

O termo ciborgue (em inglês *cyborg*; *[cyb]-ergetic [org]-anism*), inventado em 1960 por Manfred E. Clynes e Nathan S. Kline no artigo *Cyborgs and Space*<sup>93</sup> continua a ser o referencial comum desses acontecimentos sendo então definido em termos de sua capacidade de incorporar deliberadamente *componentes exógenos que estendem a autofunção de controle - regulação do organismo - a fim de adaptá-lo a novos ambientes (...) de forma automática e inconsciente mantendo constantes seus sistemas orgânicos<sup>94</sup>, objetivando um expressivo aumento de eficiência operacional visando, portanto, ser um paliativo das insuficiências do corpo<sup>95</sup>.*

O ciborgue é substrato - ao mesmo tempo imaginário e prático - para o desenvolvimento de possíveis ligações entre o ser humano (ou qualquer outro organismo) e a máquina: biológico-tecnológico. Pode residir em um corpo artificial (robótico/sintético/protético) podendo ou não ser regido por uma Inteligência Artificial (IA). O corpiciborgue pode apresentar uma capa humana física-biológica, partes corpóreas naturais-humanas, estruturas orgânicas tecnologicamente modificadas, melhoradas ou adaptadas, podendo ainda apresentar-se como um combinado - em qualquer ordem - destes componentes.

Com sua peculiar propensão para a fusão, união e (re)montagem (tanto de peças como de conceitos), o ciborgue é ao mesmo tempo um ser material em fluxo constante, e uma corporeidade através da qual tornou-se possível imaginar novas imagens individuais e

<sup>91</sup> Artaud, 2007, p.34

<sup>92</sup> O termo "robô" popularizado por Isaac Asimov, *tem origem numa das (...) mais prestigiadas peças de teatro do autor tcheco Karel Capek (...) do início do século XX, intitulada Rossum's Universal Robots (R.U.R.) A palavra robô, de origem tcheca - robota - quer dizer trabalhador forçado.* (Halfpap, de Souza & Alves, 2007, p.209)

<sup>93</sup> Para descrever as vantagens do sistema homem-máquina de "auto-regulação ajustável" a diferentes ambientes e demonstrar a viabilidade de suas idéias em viagens espaciais, eles construíram o primeiro ciborgue: um rato com uma bomba osmótica implantada sob a pele, injetando produtos químicos a uma taxa controlada, criando assim um sistema fechado de auto regulação. (Clynes & Kline, 1960, p.28) [tradução livre]

<sup>94</sup> Clynes & Kline, 1960, p.27 [tradução livre]

<sup>95</sup> Le Breton, 2013, p.204

coletivas para perceber a pós-modernidade. Talvez por isso, a atenção acadêmica tenha se voltado para a questão do corpo ciborgue de maneira expressiva após a publicação do Manifesto Ciborgue, de Donna Haraway em 1985<sup>96</sup>.

Ali finalmente foi reconhecido de maneira “acadêmica” o que a FC há muito já apontava: o incrível potencial de extrapolações polissêmicas que o termo-dispositivo trazia causando a abertura de novos campos possibilísticos para desconstruir ambíguas definições do assunto dentro da cultura digital pós-moderna. Numa escrita utópica, irônica e inovadora para a problematização do feminismo na pós-modernidade Haraway conseguiu esboçar o desenho de uma nova figura pós-humana - insistente e provocante - que possibilitou à época o repensar de orientações filosóficas e (bio)políticas<sup>97</sup>.

Além de ser usado como desenho de um astronauta perfeito, os significados do termo foram ampliados e utilizados na ficção-investigação-científica dados os múltiplos acoplamentos biotecnológicos possíveis tornando o ciborgue uma espécie de mito pós-moderno. Nos níveis fenomenológico e ontológico a existência híbrida do ciborgue passa a expor novas vias de entendimento e articulação de sua própria existência sendo percebido como mais do que um ser humano tecnologizado.

Como um novo analisador para os estudos da pós-modernidade, a teoria ciborgue tornou-se central, não apenas para o trabalho de acadêmicos no campo do desenvolvimento tecnológico, mas também para o estudo crítico e interdisciplinar de cientistas políticos, historiadores, críticos literários, artistas, cientistas das áreas humanísticas e da saúde, como um marco que inaugurou uma nova perspectiva para as problematizações biopolíticas sobre o impacto das tecnologias e as noções filosóficas do que é ser (ou não ser) humano após o século XX.

---

<sup>96</sup> O “Manifesto Ciborgue” é um documento estranho, uma mistura de polêmica apaixonada, teorização complexa e divertimento tecnológico. Haraway denomina-o um irônico mito político. Ela executa o truque nada insignificante de fazer com que o ciborgue se transforme de um ícone da Guerra Fria em um símbolo de libertação feminista (...) quando argumenta que o ciborgue - uma fusão de homem e máquina - joga para a lata do lixo as grandes oposições entre natureza e cultura, self e mundo, que atravessam grande parte do nosso pensamento. (Kunzru, 2013, p.25)

<sup>97</sup> (...) assim, meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades. (Haraway, 2013, p.45)

A existência deste corpo se impõe então como uma nova figuração para a subjetividade. Um híbrido corpo-máquina, entidade de conexão, uma corporeidade que deliberadamente borra distinções categóricas<sup>98</sup>. Um corpociborgue não é apenas físico, mecânico ou mesmo textual. É um contraparádigma para a interação entre o interior e a realidade externa. Constituído como uma função de vários - que se cruzam em redes de comunicação - pode ampliar a leitura do que ocorre entre corpo e máquina, tecendo uma nova e poderosa substituição para o desgastado debate mente *versus* corpo.

Paradoxalmente, no entanto, tendo sua gênese atrelada a esquemas de manutenção de micropoderes e ao aumento de eficiência no trabalho humano, tendo sido criado primariamente em laboratórios médicos e militares - recebendo limitações e não produzindo autonomia - o ciborgue (em seu lugar de corpo e conceito) nasce híbrido, mas capturado<sup>99</sup>. Sendo adaptados pelo sistema, os corpos ciborgues tornam-se - ainda que não de maneira óbvia - mera engenharia de software, mais uma estratégia de reprodução e decalque da lógica vigente: organização-organismo cibernético.

Para o corpo tornado ciborgue vendem-se escolhas emprateiradas. Tudo é possível, tudo torna-se um ato de escolha modulável por meio da programação correta. Sentir, pensar e lembrar podem tornar-se escolhas moduláveis. Basta escolher num menu as pílulas corretas<sup>100</sup>. Basta ter o valor correto de créditos para comprá-las. Movimentos superlativos a favor do perfeito funcionamento da máquina-corpo.

Neste cenário acreditamos ter feito escolhas, mas que na verdade, são imposições realizadas por meio de eficientes propagandas que nos vendem metáforas de uma tranquilidade e nos atira rumo a um modelo social sorridente e vazio em um mundo

---

<sup>98</sup> (...) pois os órgãos somente aparecem e funcionam aqui como intensidades puras. O órgão muda transpondo um limiar, mudando de gradiente. "Os órgãos perdem toda constância, quer se trate de sua localização ou de sua função (...) órgãos sexuais aparecem por todo o lado (...) ânus emergem, abrem-se para defecar, depois se fecham, (...) o organismo inteiro muda de textura e de cor, variações alotrópicas reguladas num décimo de segundo. (Deleuze & Guattari, 1996, p.14)

<sup>99</sup> O principal problema com os ciborgues é, obviamente, que eles são filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal, isso para não mencionar o socialismo de estado. (Haraway, 2013, p.40)

<sup>100</sup> A ciborguização remete também a modalidades técnicas mais discretas, como a programação da afetividade cotidiana pelo recurso à psicofarmacologia. (Le Breton, 2013, p.205)



idílico onde a felicidade encontra-se a apenas uma ou duas pílulas de distância. E as pílulas geralmente ganham a rua, e ainda que este não seja o discurso hegemônico, este fato também encontra-se inscrito no projeto sistêmico de obtenção de lucro. Para um corpociborgue, respostas emocionais sintéticas e padronizadas conforme a vontade do usuário, exatamente como num *console de um Órgão de Humor Penfield*<sup>101</sup>.

Modificações corporais são praticadas não apenas para fins de tratamento médico, mas para preencher lacunas funcionais(?) questionáveis; próteses e implantes são re-colocações dos corpos em um mundo que exige operacionalidades objetivas estáveis e sem margens de erro. Não apenas complementação de faltas em um corpo disfuncional, mas produção de novas (dis)funcionalidades em corpos saudáveis que usam próteses, implantes ou realizam modificações genéticas como uma extensão-excesso de si.

Neste percurso, fazendo das máquinas humanóides um paradigma para a transformação humana em um cenário ideal puramente tecnológico, sintético e asséptico abandonamos o vivo em nós. Descorporeificamos nossos corpos, mas mantemos nele o peso de sua organização e *a maquinização se revela ainda mais gritante (...) colocando (...) a degradação, a doença e a fragilidade dos corpos a serviço da burocracia*<sup>102</sup>. Não só seguimos como cativos de nossos órgãos como no intuito de nos potencializar abandonamos quaisquer corporeidades possíveis em função da construção de um organismo perfeito.

A valorização da perfeição sintética do corpociborgue como uma norma pode resultar no surgimento de novas conformações sociais, que ao invés de reforçar o hibridismo e a multiplicidade contida em seu estado de existir, paradoxalmente emprestará sua potência para o fortalecimento de um modelo identitário e asséptico, onde não haja espaço para a afirmação da vida.

---

<sup>101</sup> O *Penfield Mood Organ*, dispositivo apresentado por Philip K. Dick no romance *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, permite ao usuário escolher seu humor conforme uma determinada situação por códigos específicos digitados num painel de controle (console). No romance, em uma discussão entre Deckard e sua esposa Iran, o mesmo hesita *entre disar por um supressor talâmico (o que aboliria sua disposição irritadiça) ou um estimulante (o que o tornaria aborrecido o suficiente para ganhar a discussão)*. (Dick, 2014, p.16)

<sup>102</sup> Kiffer, 2006, p.275

É exatamente neste corpo permeado por discursos utópicos que o interpretam como *bem adaptado às tecnologias ou que, pelo menos, deveria tornar-se bem adaptado a elas, inserindo-o na mesma lógica da racionalidade técnica*<sup>103</sup> que pulsa uma corporeidade subversiva, um devir insurgente. No corpociborgue se escondem multidões de corporeidades que podem acabar com todos os julgamentos em movimentos de rebeldia: *corpo infinitamente potencial, com poder de explodir, em luta contínua contra (...) a organização do organismo, a representação, a língua carcaça e deus*<sup>104</sup>.

Aproxima-se então Antonin Artaud<sup>105</sup> - que como nenhum autor conseguiu *afrontar as letras e os órgãos*<sup>106</sup> produzindo uma língua tão capaz de comunicar sobre o poder biomédico e sua força de captura e permanência - para guiar enviesadamente estas conversas de intensas interseções/intercessões.

Afirma-se que Artaud é *uma das referências mais requisitadas pelo pensamento crítico e pela criação artística contemporânea*<sup>107</sup> no tocante ao corpo e a partir dele - e de suas vivências em espaços manicomiais - podemos perceber que *com suas medidas repressivas, a prisão impõe uma reorganização das funções do corpo em uma dimensão tanto fisiológica quanto semântica*<sup>108</sup>.

Todavia, muito mais do que traçar um mapa seguro sobre os trajetos do artista-escritor, abraçarei seu corpo-escrito: o Artaud (d)escrito pelo Artaud, autor-feito-personagem. E

---

<sup>103</sup> Viviani, 2007, p.46

<sup>104</sup> Lage, 2008, p.67

<sup>105</sup> Antoine Marie Joseph Artaud (1896–1948), mais conhecido como Antonin Artaud foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro francês de aspirações anarquistas. *“Maldito”, marginalizado e incompreendido enquanto viveu, encarnação máxima do gênio romântico, da imagem do artista iluminado e louco, Artaud passou a ser reconhecido depois da sua morte um dos mais mercantes e inovadores criadores do nosso século. Tudo o que, aos olhos dos seus contemporâneos pareceu mero delírio e sintoma de loucura, agora é referência obrigatória para as mais avançadas correntes de pensamento crítico e criação artística nas suas várias manifestações: teatro, arte de vanguarda e criações experimentais, manifestações coletivas e espontâneas, poesia, lingüística e semiologia, psicanálise e antipsiquiatria, cultura e contracultura.* (Artaud, 2007, p.2)

<sup>106</sup> Deleuze, 1997, p.26

<sup>107</sup> Lage, 2008, p.64

<sup>108</sup> Kiffer, 2006, p.263-264

neste as escrituras do corpo louco, do corpo livre. O corpo-escrito que trava a batalha de inumeráveis (...) *tentativas de pensar o inapreensível sobre o corpo, ou ainda sobre o corpo que resiste aos mecanismos de controle*<sup>109</sup>. Corpo-escrito rebelde e invasor, personagem conceitual de si mesmo.

Na produção destas conversações me permitirei realizar agenciamentos a partir da escrita rebelde e sintomática de Artaud para repensar o lugar da *saúde*<sup>110</sup> como *potência* num tempo de um humano desfeito - espaço-tempo em que grita Stelarc pelo corpo obsoleto<sup>111</sup> - e desta forma *olhar para o que está posto e ao mesmo tempo para o que se anuncia como realidade (...) de forma a poder (...) projetar cenários difusos que (...) precisam se constituir como (...) complexas problematizações*<sup>112</sup> para fazer repensar a vida. Neste insólito encontro - e acompanhado da criação de Philip K. Dick e acompanhado de outro corpo-escrito ficcional (que paradoxalmente é igualmente corpo científico) que ao nos emprestarem seus corpos *como campo de forças, capaz de operar a inversão de signos e ir além do simbólico*<sup>113</sup> poderão nos fazer deslocar entre brechas ofertando *possibilidades outras de pensar e viver o próprio corpo*<sup>114</sup>.

Philip K. Dick explora a complexidade do corpociborgue revelando sua multiplicidade (libertador/ameaçador/amante/servil/rebelde) ao centralizar várias de suas obras na emaranhada relação de conexões possíveis homem-máquina, relativizando o consumismo, o imperialismo, as forças sociais alienantes e nos propondo a alterar nosso

---

<sup>109</sup> César, 2010, p.163

<sup>110</sup> A saúde, como acordo com as exigências da vontade de potência, não pode, portanto, designar outra coisa que não a aptidão do corpo para enfrentar a luta pelo domínio da realidade [...] longe de ser uma norma imposta do exterior sobre o corpo, a saúde traduz a capacidade que ele tem de interpretar eficazmente a realidade, ou seja, a capacidade que tem a vontade de potência de assimilar o real, chegando assim à intensificação do sentimento de potência. (Wotling apud Peixoto Junior, 2010, p.734)

<sup>111</sup> Stelarc é o pseudônimo de Stelios Arcadiou, artista performático australiano (...) que considera o corpo obsoleto dentro do ambiente tecnológico contemporâneo. Ao seu ver, o corpo perdeu toda utilidade ao ser substituído por máquinas com melhor desempenho na maioria de suas funções. (Le Breton, 2013, p.215)

<sup>112</sup> Zanella, 2013, pg. 17-18

<sup>113</sup> Resende, 2008, p.72

<sup>114</sup> Kiffer, 2006, p.264

conceito de o que vem a ser o ser humano e qual sua verdadeira diferença para as engrenagens da máquina.

O imaginário do andróide como personagem que luta - que se rebela, insurge - é um tema bastante presente na maioria dos seus escritos. Para Dick, a *Androidização* (facilmente extrapolada aqui para *Ciborguização*, ou entendida conceitualmente neste caso como um contínuo, *ciborgue-prelúdio-do-andróide*) e o percurso trilhado em busca de mais vida como ser humano, são focos importantes da crítica de sua ficção e em suas construções podemos perceber em várias ocasiões a inversão da díade homem/andróide (o andróide assumindo qualidades consideradas humanas, enquanto o ser humano torna-se mais parecido com uma máquina)<sup>115</sup>.

O autor conceitua ainda - recorrentemente - que a diferenciação final entre ser humano e andróide reside na *empatia*<sup>116</sup> do primeiro, podendo assim ser entendida a vida como uma potencialidade para rebelar-se e desafiar a programação que poderia - num contexto de ciborguização - reduzi-lo a um autômato. Nesta relação entre o corpo ciborgue e o seu corpo-ideal-andróide, portanto, podemos perceber diversos deslocamentos interessantemente conectados no conto '*A Formiga Elétrica*' (*The Electric Ant*, 1969). Partindo da complexa fusão de sua visão tecnológica, dos elementos clássicos da escrita de Ficção Científica e dos trabalhos de mapeamento do cérebro do final dos anos 1950, Dick nos traz a imagem do andróide lutando para tomar o controle de sua vida (e sua realidade) produzindo sua subjetividade por meio da recriação de seu corpo. Estes movimentos ofertam ao corpociborgue uma série de questionamentos inusitados.

---

<sup>115</sup> Nas vezes que falou em público, este tema foi geralmente debatido. Numa conferência no Canadá em 1972, Dick disse: "*O que é isso que chamamos especificamente de "humano"? O que é isso que chamamos de "comportamento da máquina", ou por extensão, o comportamento de insetos, ou de comportamento reflexo? A redução dos seres humanos a simples objetos utilizáveis, homens transformados em máquinas... Trata-se do maior mal que se pode imaginar. Androidização exige obediência. E acima de tudo, previsibilidade.* (Dick, 1995, p.129) [tradução livre / grifos meus]

<sup>116</sup> Preocupação recorrente de Philip K. Dick, pode-se encontrar em vários de seus textos referências à "empatia" (conceito que para o autor reuniria emoções, sensações e memórias) como afirmação de uma experiência singular do vivo no humano. No romance *Andróides sonham com ovelhas elétricas?* a andróide (replicante) Rachael Rosen consegue burlar o Teste de Empatia Voight-Kampff (utilizado para diferenciar humanos de andróides com uma série de perguntas estruturadas e um leitor de reações pupilares) e não ser percebida - e nem perceber-se - como uma máquina devido a ter memórias humanas reais (vivências da sobrinha de seu criador) implantadas em seu sistema operacional. (Dick, 2014)



Garson Poole, um ser limítrofe entre o orgânico e o inorgânico - uma formiga elétrica - , descrito fisicamente como humano tendo carne e pele, podendo inclusive sentir algum tipo de dor. Poole, trabalha, experimenta, sente, lembra. No entanto, por baixo desta constituição orgânica, ele é feito de micro-mecanismos e sistemas de fita. Ao longo de sua vida estes mecanismos funcionaram tão bem que Poole (dotado de um implante de memórias humanas sintéticas) sempre acreditou ser humano e não soube ser um andróide até o dia em que sofreu um acidente grave que resultou na amputação de sua mão direita.

Ao questionar a equipe de saúde do hospital onde foi internado recebe uma informação inusitada: disseram-lhe que não se poderia tratar "sua espécie" ali, pois o mesmo não era humano, e sim uma "formiga elétrica". Algo precisava ser feito a respeito, afinal, Poole não era a primeira formiga elétrica que acidentalmente descobriria sua verdadeira natureza...

Sem dúvida estas são, pois, tratativas de conversações insólitas. O percurso escolhido para possibilitar encontros de autor-leitores vem repleto de outros microencontros. Conversações (im)possíveis por entre corpos de tempos vários, brechas que se acham para poder infectar os discursos vigentes com a virulência necessária a quaisquer atos de rebeldia. Para o desafio colocado - e assumido - de fazer estas conversas entre multifacetadas corporeidades para repensar a saúde como plano de criação e afirmação de vida a partir de corpos igualmente (im)possíveis, *proponho antropofagicamente me apropriar de conceitos e reflexões propostos por autores que, com seus escritos, apresentam um olhar crítico para dicotomias legadas de uma racionalidade taxionomizante, classificatória e hierarquizante*<sup>117</sup>, cotejando deste modo leituras do referencial da filosofia nômade (esquizoanalítica).

Estas conversações são inventadas em tempos e situações díspares ao movimento de uma primeira aproximação do leitor, mas terão potência bastante própria de caminhar para encontros sutilmente íntimos em um movimento seguinte, colocando em jogo na

---

<sup>117</sup> Zanella, 2013, pg. 19

rede de diversidades - especialmente entre homem-máquina - a viabilidade ética, estética e política de um paradigma tecnológico para a existência de subjetividades que afirmem a vida. Desta maneira - numa tentativa de inauguração e ineditismo - espero poder produzir algumas brechas, por onde escapem movimentos de desterritorialização de um tal corpo dito ciborgue - e assim múltiplo mas cativo, híbrido mas capturado - entregue à sua própria asfixia em um mundo que pretende aprisioná-lo a cada instante<sup>118</sup> tornando-o enfim um andróide perfeito.

Com essa bricolagem de corporeidades e rebeldias espera-se produzir um indistinguível amálgama de tempos passados-passantes, presentes-apresentados e futuros-futuríveis indicando a existência de uma subversiva produção de vida que reverbera como *reivindicação tonante do corpo contra as forças coercitivas que um dia pretenderam domesticá-lo, aprisioná-lo*<sup>119</sup>.

Explorando os percursos dos corpos-escritos em suas múltiplas corporeidades na ficção científica, guiados caoticamente por esta existência-corpo-escrito-louco que nas experiências da captura e libertação pode levar-nos ao pensamento fronteiro - o pensamento da borda, pensamento-limite - para repensar o corpociborgue como uma corporeidade própria do contemporâneo, será tentada uma linha de fuga, que no *limite dessas experiências (...)* nos revelem a (...) *radicalização de um plano de existência que, na verdade, engloba todos nós. Um plano que insurge com a idéia de tribunal (...)*<sup>120</sup>, de regras e normatizações. Um devir-rebelde, revoltoso. Corporeidades insurgentes que possam *acabar com o juízo de deus*<sup>121</sup>...


---

<sup>118</sup> Kiffer, 2006, p.264

<sup>119</sup> Kiffer, 2006, p.264

<sup>120</sup> Kiffer, 2006, p.264

<sup>121</sup> Referência à transmissão radiofônica de Antonin Artaud em 1947: *Para acabar com o julgamento de deus (Pour en finir avec le jugement de dieu*, que pode ser ouvida em seu audio original em francês em <https://www.youtube.com/watch?v=MCIA7LE5wbM>).



...Quando criança, eu queria ser um trem. Não percebia que isso era incomum – as outras crianças brincavam com trens, não de ser um. Gostavam de construir trilhos e impedir que os trens saíssem deles. De vê-los passar por túneis. Eu não entendia isso. O que eu gostava era de fingir que meu corpo era composto por 200 toneladas de aço, impossível de ser parado. De imaginar que eu era feito de pistões, válvulas e compressores hidráulicos. “Você quer dizer robôs”, corrigiu meu melhor amigo, Jeremy. “Você quer brincar de ser robô.” Eu nunca havia enxergado por esse ângulo. Robôs tinham olhos quadrados, braços e pernas que se moviam abruptamente, e em geral queriam destruir a Terra. Em vez de fazer apenas uma coisa direito, eles faziam tudo errado. Eram construídos com múltiplas finalidades. Eu não era fã de robôs. Eles eram máquinas ruins...

[Max Barry, Homem-máquina]

Ensaçando (im)possibilidades.../

Corporeidades insurgentes: Acoplamentos Louco-Formiga em cinco movimentos...



## 1º movimento<sup>122</sup>.../ Acontecer...

Às 4:15 PM TST, Garson Poole acordou em sua cama de hospital. Sabia que estava deitado na cama de um hospital, em uma enfermaria de três leitos e percebeu, além disso, duas coisas: que ele já não tinha a mão direita, e que não sentia nenhuma dor<sup>123</sup>.

O médico explica<sup>124</sup>: *Você é uma formiga elétrica (...), nós recebemos uma formiga elétrica a cada semana, ou quase (...) trazida aqui por um acidente de foguete, como o seu (...) pessoas a quem, como você, nunca lhes foi dito, e que acreditavam-se humanas*<sup>125</sup>. Poole é apenas uma das muitas formigas elétricas que acidentalmente descobre sua verdadeira identidade.

As formigas elétricas são projetadas para funcionar - a partir de seus implantes de memória sintética - como seres humanos, e vestidas de carne viva<sup>126</sup> são programadas para nunca saberem sobre suas verdadeiras existências<sup>127</sup>. *Pele natural cobrindo carne natural, verdadeira e cheia de sangue nas veias e capilares. Mas abaixo desta, fios e circuitos, componentes miniaturizados brilhando (...) motores, válvulas, todas muito pequenas. Intrincado*<sup>128</sup>.

<sup>122</sup> Em todos os cinco "movimentos" - que se seguem nesta seção da dissertação - foi feita a opção de referenciar os aparecimentos textuais do conto *A Formiga Elétrica* (Dick, 1983), apenas como ANT, seguido de sua respectiva página, devido a sua recorrência no texto.

<sup>123</sup> ANT, p.371

<sup>124</sup> *Você é um homem bem-sucedido, Sr. Poole. Mas, Sr. Poole, você não é um homem. Você é uma formiga elétrica (...)* Então não poderemos tratá-lo aqui, agora que nós descobrimos. Soubemos assim que nós examinamos a sua mão direita ferida; vimos os componentes eletrônicos e em seguida fizemos um raio-x do seu torso, e claro que eles confirmaram nossa hipótese. (ANT, p.371)

<sup>125</sup> ANT, p.371

<sup>126</sup> Artaud, 2007, p.36

<sup>127</sup> *Você sabe por que você nunca adivinhou? Devem ter havido sinais... estalos e chiados de dentro de você. Você nunca imaginou, porque você estava programado para não notar.* (Dick, p.372)

<sup>128</sup> ANT, p.372



Carne em cima, mecanismos embaixo: *em cima, embaixo. Em cima com sua figura de múmia oca. Embaixo com sua massa, seu talhe maciço e bem traçado. Ela está ali como uma muralha de noite compacta, atraindo, mostrando a chama das cartas sulfuradas.*<sup>129</sup>.

O acidente de Poole demarca sua inclusão e sua exclusão. Mais que um acidente, é um acontecimento<sup>130</sup>. Ao descobrir seu corpo como dispositivo recombinante<sup>131</sup> vê desconstruída sua noção de vivo e volta-se a transgressão de sua finalidade. Circuitos autodestrutivos. Tecnologia tornada normativa por meio de seus índices hiperfuncionais. A ambiguidade do ciborgue vista por Haraway não é comemorada por Poole, mas a partir do instante *dar-se conta* em um corpo-outro - em uma nova existência - sente *aí um moer de eclusas, uma espécie de horrível choque vulcânico (...) e desta colisão, e deste dilaceramento de dois princípios, nascem todas as imagens em potência, em uma irrupção mais viva que uma lâmina do fundo*<sup>132</sup>. Imagens todas em potência, imagens que se apresentam ao vivo não como leque de possibilidades a escolher, mas de várias experiências a sofrer no corpo, inexoravelmente.<sup>133</sup>

O acidente fornece um princípio de diferença radical irreduzível dentro da ontologia funcionalista do ciborgue. Extermínio dos valores por eventos fabulosos que ordenam a destruição não só dos sujeitos e identidades da filosofia tradicional, mas também faz colapsar as subjetividades localizadas, cativas (como o ciborgue de Haraway). A possibilidade de (re)experimentar o corpo perdido, o corpo-outro. O acidente configura seu corpo com um repertório alargado de novos órgãos que é preciso desorganizar. Vinculação do desejo nas conjunções oferecidas por essas novas superfícies. Decreta o

<sup>129</sup> Artaud, 2011, p.201

<sup>130</sup> *Que haja em todo acontecimento minha infelicidade, mas também um esplendor e um brilho que seca a infelicidade (...) o brilho, o esplendor do acontecimento é o sentido. O acontecimento não é o que nos acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera (...) ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser represento no que acontece.* (Lins, 2012, p.31)

<sup>131</sup> "Eu só perdi a mão direita" disse Poole. "Mas você vai ficar bem. Quero dizer, eles podem enxertar outra". (ANT, p.370)

<sup>132</sup> Artaud, 2011, p.199

<sup>133</sup> (...) quando não houver restado mais nada para você desejar, então você só espera até que não haja mais pelo que esperar, não é? (Gaiman, 2003)

deslocamento de uma ordem identitária para um território existencial imaginário, sutil. Faz sucumbir o vivo programado para o surgimento do singular no andróide. *E em relevo, sobre esta convulsão dos bas-fonds, sobre esta aliança da luz enérgica com todos os metais da noite, como a própria imagem deste erotismo das trevas, ergue-se a volumosa e obscena silhueta do Autômato Pessoal*<sup>134</sup>.

Poole engravatado e conduzido por protocolos abandona o cenário para a aparição da potência de singularização de um corpo que se percebe aprisionado. *No fundo do grito das revoluções e das tempestades, do fundo desta trituração de meu cérebro, neste abismo de desejos e de questões, apesar de tantos problemas, tantos temores*<sup>135</sup>, o acidente como estado catastrófico de autoafetação que permite questionar a vida. Acontecimento enfim.

Depois de descobrir-se como sua mais nova verdade possível<sup>136</sup>, Poole examina em seu corpo cada detalhe<sup>137</sup> do acontecimento: ele se questiona se Danceman ou Sarah<sup>138</sup> teriam-no comprado ou projetado. *Um títere, disse a si mesmo, isso é tudo que eu sou. Nunca realmente devo ter comandado a empresa, era uma ilusão implantada em mim quando eu fui feito... juntamente com a ilusão de que eu sou humano, e que estou vivo*<sup>139</sup>.

---

<sup>134</sup> Artaud, 2011, p.199

<sup>135</sup> Artaud, 2011, p.200.

<sup>136</sup> *De qualquer forma você estará logo de volta em sua mesa na Tri-Plan, funcionando como antes.* "Exceto" disse Poole "que agora eu sei." (ANT, p. 371)

<sup>137</sup> *Mas todo este tremor em um corpo exposto com todos os seus órgãos, as pernas, os braços movendo-se com seu ajustamento de autômato, e ao redor das rotundidades da garupa que cinge o sexo bem fixado, rumo a estes órgãos cuja sexualidade aumenta, sobre os quais a sexualidade eterna cresce, se dirige uma revoada de flechas lançadas de fora do quadro. Como nas ramagens de meu espírito, há esta barreira de um corpo (...) que está ali, como uma página arrancada, como um farrapo desenraizado de carne, como a abertura de um relâmpago e do raio sobre as paredes lisas do firmamento.* (Artaud, 2011, p.198)

<sup>138</sup> Pode-se inferir a partir da leitura do conto, que em sendo Poole o presidente-proprietário da Tri-Plan Eletronics, Danceman e Sarah seriam seu assessor e sua secretária pessoal, respectivamente.

<sup>139</sup> ANT, p.371

Questiona sua experiência como ser humano, mas vai muito além disso. A despeito de sua evidenciada falta de vida sentia em algum lugar a certeza de estar vivo. *Sou uma aberração, ele concluiu. Um objeto inanimado que imita um animado. Mas (...) se sentia vivo. Ainda assim ele se sentia diferente agora. Sobre si mesmo. Assim como sobre tudo*<sup>140</sup>. Comparava diretamente seus pensamentos e sentimentos com os seres humanos, colocando-se como andróide sob um novo ângulo. Urgia recriar o conceito de si mesmo. Sua rebelião humana. Rebelião de vida, luta contra a máquina em si, contra todo o autêntico<sup>141</sup> em si.

*Acho que vou me matar, disse para si mesmo. Mas provavelmente sou programado para não fazer isso, seria um enorme prejuízo que meu dono teria que absorver. E que ele não iria querer*<sup>142</sup>. No entanto, enquanto os corpos são atraídos para os modos tranquilizadores de órgãos/organização também é possível que os afaste simultaneamente. A morte - aqui colocada como esvaziamento - dá lugar ao excesso das possibilidades e potências. Rachaduras aparecem nos estratos.

Assim, cabe colocar que nenhuma categoria identitária é totalmente estável. Nenhum funcionamento totalmente unificado e consistente. E exceto no esvaziamento (morte) não há modo de organização totalmente sedimentado. O corpo mantém o seu ímpeto. *Sua positividade aniquiladora, qual vírus à espera de as células dormirem seu sono eterno, (...) uma maneira de desconstruir a imagem tradicional do pensamento e de propor outras vias*<sup>143</sup>: impulso próprio para a formação de agenciamentos que permitem a fruição do desejo em diferentes direções, produzindo novos acontecimentos.

---

<sup>140</sup> ANT, p.372

<sup>141</sup> Entendido aqui no sentido de algo legítimo, verdadeiro, real e portanto essencial. Deste modo precisa ser combativo para a emergência da subjetividade (concebida como um sistema aberto), para possibilitar o *singular* que permite acontecimentos livres, tal como visto em *Kafka: por uma literatura menor*. (Deleuze & Guattari, 1977)

<sup>142</sup> ANT, p.372

<sup>143</sup> Lins, 2012, p.9; p.13

Devir insurgente. Devires que podem transformar um corpo único de formiga elétrica ou toda a realidade. Breves linhas de movimento que se afastam da organização e estratificação e em direção a um CsO. Em outras palavras, em um corpo (des)articulado cujos órgãos (e os seus movimentos e potenciais estão capturados), em algum lugar possível, pensou Poole, *existe uma matriz local, eliminando determinados pensamentos, certas ações. E obrigando-me a outros*<sup>144</sup>. *Não sou livre. Eu nunca fui, mas agora eu sei disso, o que faz diferença*<sup>145</sup>.

E o limite nunca é totalmente atingível. Cada agenciamento pode ser traçado em termos de suas relações singulares - e suas afetações - que não se reduzem para um único processo a priori. Para cada conjunto de partes eletrônicas novas pode existir uma criação de corpo para que diferentes fluxos de desejo sejam produzidos.

Percebendo em si estes novos atravessamentos brotam urgências: alguém (ou algo) que pode reagir de forma intempestiva<sup>146</sup> e sentir experimentar a vida pode não estar vivo? *Assim como preferiu viver em vez de aceitar viver morto (...) teria que consentir em não ser (...) e seria capaz de se decidir a perder o ser, ou seja, a morrer vivo*<sup>147</sup>. Emerge em Poole o impostergável da insurgência do corpo: como deixaria de ser um andróide?

---

<sup>144</sup> *Mas talvez Cogito seja o nome que não tem sentido, nem outro objeto a não ser a regressão indefinida como potência de reiteração (eu penso que eu penso que eu penso)* (Lins, 2012, p.15)

<sup>145</sup> ANT, p. 372

<sup>146</sup> *Esta personagem (...) o intempestivo (...) não é nem temporal nem eterno.* (Lins, 2012, p.15)

<sup>147</sup> Artaud, 2007, p.37-38



## **2º movimento.../ Desterritorializar...**

Havia *tornando sua janela opaca, acendeu a luz, enquanto cuidadosamente removia suas roupas, peça por peça. Tinha visto atentamente, como os técnicos na instalação de reparo haviam anexado a mão novamente*<sup>148</sup>. Tendo sido montado<sup>149</sup> e programado, seria capaz de atualizar a si mesmo?

*Se eu estou programado, decidiu, a matriz provavelmente se encontra lá (...) mas o labirinto de circuitos deixou-o perplexo. Em sua primeira tentativa de compreender sua estrutura física interna andróide, ele precisava acoplar-se. Solicita então ajuda de um supercomputador da sua corporação para ajudá-lo a decifrar o labirinto de circuitos em seu corpo, percebendo então um rolo de fita perfurada*<sup>150</sup> *montada acima do seu mecanismo do coração*<sup>151</sup>.

Descobre então *que não possui uma unidade de processamento central, nada que lhe diga como reagir a uma determinada situação. Ao invés disso, tem no interior um "construtor de suprimento de realidade"*<sup>152</sup>. Sua nova existência como formiga elétrica poderia então lhe emprestar a capacidade de alterar o real. Reconfigurar conexões com

---

<sup>148</sup> ANT, p. 373

<sup>149</sup> *tinha a idéia bastante clara agora, de como seu corpo havia sido montado. Dois painéis principais, um em cada coxa, e o técnico havia retirado os painéis para verificar os complexos circuitos por debaixo.* (ANT, p.373)

<sup>150</sup> O dispositivo vital mais importante em uma formiga elétrica é, para os padrões atuais, cômico. Muitas histórias de ficção da época estavam cheias de máquinas complexas, robôs e naves espaciais, por exemplo, que se utilizavam da velha tecnologia de válvulas, díodos e caixas de fusíveis, atestando sua temporalidade em relação ao quê de científico era produzido na época.

<sup>151</sup> ANT, p.373

<sup>152</sup> *Diminuto... não maior que dois carretéis de linha, com um leitor-scanner montado entre os tambores. Ele não podia ver qualquer sinal de movimento, os carretéis pareciam inertes. Eles devem ser removíveis para substituição, refletiu, sob situações específicas. Como substituir meus processos encefálicos. E estiveram fazendo isso por toda minha vida. (...) Sob o sistema de lentes, pode visualizar (...) uma fita plástica (...), uma faixa larga com centenas de milhares de buracos. Como desconfiei, Poole pensou. Não se tratavam de registros gravados sobre uma camada de óxido de ferro, mas fendas na verdade. Sob a lente a tira de fita avançava visivelmente. Muito lentamente, mas a uma velocidade uniforme, se movendo na direção do leitor-scanner. A forma como eu imagino, pensou, é que os furos funcionam para o leitor como (...) como um piano mecânico, sólido é não, o furo é sim.* (ANT, p.373)

outros, capturados em construções conjuntas de mundos (im)possíveis. Esta segunda descoberta permitiria então a *possibilidade de reprogramar a realidade*<sup>153</sup>.

*Quero interferir com a fita de realidade? No caso afirmativo, por quê?*<sup>154</sup> Com a descoberta da fita de realidade, Poole percebe que sua vida - até o momento inflexível, programada e determinada por uma cadeia pré-perfurada que cria eventos serializados - em uma realidade<sup>155</sup> de corpociborgue talvez pudesse ser editada<sup>156</sup>.

Esta percepção dissolve a miragem de sua liberdade como ciborgue-incógnito-de-si-mesmo ao mesmo tempo que amplia suas possibilidades de alteridade na vivência desta nova corporeidade<sup>157</sup>; potência para rebelar-se contra seu corpo andróide, na insurgência de uma outra corporeidade, produção do inédito em sua narrativa<sup>158</sup>.

No território corpo-de-formiga-elétrica começa a ser possível colocar em questão discursos recorrentes de permanência. Construir, destruir e reconstruir territórios com uma atividade especialmente humana, ressignificada para emprestar vida ao andróide em seu movimento de luta insurgente. *Subversão que perturbasse os homens, que fosse como uma porta aberta e que os levasse lá onde jamais consentiriam em ir, uma porta simplesmente aberta para a realidade*<sup>159</sup>.

---

<sup>153</sup> ANT, p.374

<sup>154</sup> ANT, p.374

<sup>155</sup> (...) *minha realidade subjetiva... mas isso é tudo que existe. A realidade objetiva é uma construção sintética, lidando com uma universalização hipotética de uma multiplicidade de realidades subjetivas.* (ANT, p.374)

<sup>156</sup> Poole percebe que pode alterar a realidade na subversão de seu próprio corpo: *Vou puxar a fita para fora, disse Poole a si mesmo. Ele estendeu a mão, tocou o tambor de saída. Tudo o que tenho a fazer é puxar para fora, pensou ele, e...* (ANT, p.373)

<sup>157</sup> (...) *isso me levaria além de qualquer ser humano que já viveu e morreu...* (ANT, p.380)

<sup>158</sup> (...) *meu universo está sob meus dedos, percebeu. Se eu pudesse apenas descobrir como esta maldita coisa funciona. Tudo o que eu quis fazer foi procurar e localizar o meu circuito de programação, para que assim, pudesse ter o verdadeiro controle homeostático de mim mesmo. Mas com isto... Com isso, ele não se limitaria a ganhar o controle de si mesmo, ele ganharia o controle sobre tudo.* (ANT, p.380)

<sup>159</sup> Artaud, 2011, p.208

Nômade de si mesmo, rebelde de seu próprio corpo, se pergunta: *Como posso testar isso? Para em seguida insurgir: Obviamente, através do preenchimento de uma série de buracos*<sup>160</sup>. (...) *Tinha coberto pelo menos mil buracos*<sup>161</sup>. Usando lentes de ampliação<sup>162</sup>, seleciona uma seção de buracos perfurados e os apaga com um esmalte opaco. Assim, Poole experimenta a ausência do horizonte<sup>163</sup>. Insurgência em movimento de desterritorialização do corpo: *cada furo coberto significara o desaparecimento de algum objeto*<sup>164</sup> em sua realidade<sup>165</sup>.

No desaparecimento material de seu movimento, mesclavam-se as imagens como as observadas na paisagem, dentro de um carro em alta velocidade, percebia que a realidade nada era além de linhas. *À esquerda e à direita veículos e edifícios, ruas, pedestres, placas... e no centro nada. Como posso voar para lá? se perguntou. Eu desapareceria. Ou não? Voou em direção ao nada*<sup>166</sup>.

Desconstruíra os objetos - sacralidade da organização normativa para o corpociborgue - e agora pensava o múltiplo efetivamente como substantivo, pois é aí que ele não encontra mais nenhuma relação com o uno - sujeito ou objeto -, *como realidade natural e espiritual, como imagem e mundo*, pois a multiplicidade não constitui sujeito e muito menos objeto, mas apenas determinações, grandezas e dimensões, *que não podem*

---

<sup>160</sup> *Mediu a quantidade de fita a esquerda do carretel de saída, calculou com grande esforço a velocidade da fita, e depois teve uma ideia. Se ele alterasse a fita visível na borda que entra no leitor-scanner, de cinco a sete horas se passariam antes que este determinado ponto alterado chegasse ao leitor. (...) Ele na verdade experimentaria os estímulos horas depois. Seria interessante ver o que iria mudar, se algo aconteceria além do seu meio ambiente, seis horas a partir de agora.* (ANT, p.375)

<sup>161</sup> ANT, p.375

<sup>162</sup> Percebendo que *um acontecimento microscópico estremece o equilíbrio do poder local* (Deleuze & Guattari, 2004, p.25)

<sup>163</sup> *Uma seção da parede havia desaparecido. E com ela, várias pessoas nas mesas próximas. E... Através do vidro do lado do grande bar, a silhueta dos prédios de New York City cintilou e desapareceu. (...) Poole disse com voz rouca, "Olhe ao seu redor. Você vê alguma mudança?" (...) "Você ainda vê o horizonte?"* (ANT, p. 376)

<sup>164</sup> *Saiu do bar e na rua procurou um táxi. Nenhum táxi. Eles também, pensou. Eu me pergunto o que mais eu fiz desaparecer. As prostitutas? As flores? Prisões? Nova York não tinha retornado.* (ANT, p.376)

<sup>165</sup> ANT, p.376

<sup>166</sup> ANT, p.376

*crescer sem que se mude de natureza*<sup>167</sup> e com aquele experimento o andróide mudara sua natureza.

Decupagem da realidade. As multiplicidades se definindo pelo fora, pelas linhas componentes do rizoma, linhas abstratas e de fuga. Insurgência do corpociborgue na produção de *um plano de consistência (ou plano de imanência) como o fora de todas as multiplicidades, e nele a linha de fuga marcada no número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche, assim como a impossibilidade de toda dimensão suplementar e também a possibilidade e a necessidade de achatar todas estas multiplicidades sobre um mesmo plano de (...) exterioridade*<sup>168</sup>.

*Fumando um cigarro atrás do outro, voou em círculos por quinze minutos... e em seguida, silenciosamente, Nova York reapareceu*<sup>169</sup>. E haveriam sem dúvida mais reterritorializações...

Poderiam surgir acoplamentos que enfraquecem o corpo reduzindo lentamente o seu potencial para tornar-se outro. Repetição mais e mais vezes ou vários componentes poderiam estratificar, endurecer, codificar. Sedimentação possível de órgãos e percursos do corpo. Mas estava atento e assim tentaria seguir, em movimento. *Devires se encadeando e revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe*<sup>170</sup>.

Com atenção e movimentando-se mais longe, Poole estava começando algo ainda mais inesperado: *descobri que sou uma formiga elétrica. O que sob um ponto de vista abre para mim algumas possibilidades, e estou explorando-as agora*<sup>171</sup>...

---

<sup>167</sup> Deleuze & Guattari, 2004, p.16

<sup>168</sup> Deleuze & Guattari, 2004, p.17

<sup>169</sup> ANT, p.375

<sup>170</sup> Deleuze & Guattari, 2004, p.19

<sup>171</sup> ANT, p. 376



### **3º movimento.../ Desestratificar...**

*Consideremos os três grandes estratos relacionados a nós (...) o organismo, a significância e a subjetivação. A superfície de organismo, o ângulo de significância e de interpretação, o ponto de subjetivação ou de sujeição<sup>172</sup>. Acoplamentos que tendem a classificar e identificar e hierarquizar os organismos de acordo com noções fixas de estabilidade. Força coercitiva da medicina, classificação redutora da psiquiatria, a categorização interventora da saúde, o olhar de desaprovação moral, as restrições de ordenamento dos territórios, e assim por diante.*

*"Como seria" (...) se este televisor projetasse todos os canais na tela de raios catódicos ao mesmo tempo? Poderíamos distinguir algo na mistura das imagens?" "Talvez pudéssemos aprender (...) a ser seletivos, perceber o que queremos e o que não<sup>173</sup>. Dentro de cada agenciamento, o corpo ligando-se a outros organismos e máquinas de pessoas, substâncias, saberes, instituições dos quais pode redirecionar ou bloquear fluxos de desejo.*

*Experimentações possíveis para transitar nos segmentos dos contínuos de intensidades no corpo: eu o ponho em suspensão na vida, eu quero que ele seja mordido pelas coisas exteriores e, em primeiro lugar, por todos os sobressaltos em cisalhas, todas as cintilações de meu eu por vir.<sup>174</sup>*

*Conectar, conjugar, continuar: todo um "diagrama" contra os programas ainda significantes e subjetivos<sup>175</sup>. Estabelecer conexões transversais entre os estratos e os níveis, sem centrá-los ou cercá-los, mas atravessando-os, conectando-os<sup>176</sup>. Poole*

---

<sup>172</sup> Deleuze & Guattari, 1996 p. 23

<sup>173</sup> ANT, p.377

<sup>174</sup> Artaud, 2011, p.207

<sup>175</sup> Deleuze & Guattari, 1996 p. 23-24

<sup>176</sup> Guattari & Rolnik, 1986, p.322

poderia ter dito: tentarei me desestratificar. Fazer com que o leitor-scanner não receba informação alguma. Ação subversiva de efeito radicalmente inesperado<sup>177</sup>.

Inseriu um "espaço morto" de vinte minutos no fluxo de desdobramento de sua realidade<sup>178</sup>. (...) "Você conserta a si mesmo?" Sarah perguntou timidamente. Poole disse: "Eu estou me libertando"<sup>179</sup>.

O quarto se imobilizou. Em seguida, as cores começaram a escorrer. Objetos diminutos, até a fumaça, voaram para as sombras. A escuridão cobriu os objetos do quarto como uma película. O último dos estímulos morria<sup>180</sup>. Ele se senta e olha o apartamento desaparecer e se encontra mentalmente em um vazio. Poole havia sido descuidado e se desestratificou rápido demais<sup>181</sup>.

A inserção que incluiu, bloqueou a entrada do leitor-scanner e o dispositivo desligou-se sozinho: Quando recobrou a consciência, dois técnicos uniformizados da manutenção de sua empresa estavam trabalhando nele<sup>182</sup>.

---

<sup>177</sup> Apertou os olhos tentando enxergar. Viu Sarah Benton sentada na cama: uma figura bidimensional como uma boneca, então ela desbotou e encolheu. Rajadas aleatórias de substância desmaterializada moveram-se em nuvens instáveis, os elementos colhidos, desmoronaram em seguida, recolhidos novamente. E então o último ardor, energia e luz dissiparam-se, a sala fechou-se dentro de si mesma, como se isolada da realidade. E nessa escuridão absoluta que substituiu tudo, o espaço sem profundidade não era escuro, mas sim duro e inflexível. E além disso ele não ouviu nada. Tentou tocar alguma coisa. Mas não tinha nada a alcançar. (...) Ele já não tinha mãos, e mesmo se tivesse, não haveria nada para sentir. Estou certo sobre a forma como a maldita fita funciona, disse a si mesmo usando a boca inexistente para comunicar uma mensagem invisível... (ANT, p.378)

<sup>178</sup> A fita de plástico possuía uma margem não perfurada no topo e abaixo, ele escolheu uma tira horizontal, muito estreita, então, após um momento de grande concentração, cortou a fita a quatro horas de distância da cabeça de leitura. Em seguida, a girou em ângulo reto em relação ao leitor-scanner, fundindo-a no lugar desejado, com um microponto de calor, então recolocou o carretel de fita fixando o lado esquerdo e o direito. (...) Faria efeito, segundo seus cálculos, poucos minutos depois da meia-noite. (ANT, p.377)

<sup>179</sup> ANT, p.377

<sup>180</sup> ANT, p.378

<sup>181</sup> Há uma vertigem cujo rodopio tem dificuldade de se desprender das trevas, uma descida voraz que se absorve em uma espécie de noite. E como que para dar todo sentido a esta vertigem, a esta fome girante, eis que uma boca se estende, e se entreabre, que parece ter por mira alcançar os quatro horizontes. Uma boca como um carimbo de vida para apostilar as trevas e a queda, dar uma saída radiante à vertigem que drena tudo para baixo. (Artaud, 2011, p.198)

<sup>182</sup> "Você esteve brincando com sua fita de realidade. (...) Isso desligou o transporte da fita" explicou o técnico. "A fita parou de se mover, ficou presa, e o mecanismo automaticamente desligou para evitar rasgar a fita. Não lhe ocorreu que havia um fator de segurança embutido? Por que você quer mexer com isso? Você não sabe o que você poderia fazer?" (ANT, p.379)

*A consciência de seu próprio corpo partiu-se com tudo mais no universo*<sup>183</sup>. Se uma desestratificação ocorre muito rapidamente ou de maneira muito descuidada<sup>184</sup> pode não ser capaz de conter o fluxo de desejo ou pode mesmo destruir um corpo: subjetividade em colapso. Para tanto, é importante ser capaz de manter pelo menos algumas conexões com o mundo social e sua organização e subjetividade. *Tudo isso deverá ser arranjado muito precisamente numa sucessão fulminante*<sup>185</sup>.

Sem essas ligações um corpo torna-se incapaz de formar novos agenciamentos e não consegue mais gerar novas linhas de fuga. Sem essas ligações perde todo o poder político e estratégico para insurgir<sup>186</sup>. Em vez de produzir brechas para transitar, vão gerando buracos negros, capazes de anular quaisquer resquício de vida.

No entanto, *após tantas deduções e malogros, (...) após este grito de uma boca na queda sem fundo, após me haver chocado com muralhas, após este turbilhão de astros (...) não estou bastante enfastiado para que toda esta experiência me desmame*<sup>187</sup>. Era preciso estar aberto à possibilidade de produzir diferentes efeitos, bons e maus. Poole

---

<sup>183</sup> ANT, p.379

<sup>184</sup> *Isso porque o CsO não pára de oscilar entre as superfícies que o estratificam e o plano que o libera. Liberem-no com um gesto demasiado violento, façam saltar os estratos sem prudência e vocês mesmos se matarão, encravados num buraco negro, ou mesmo envolvidos numa catástrofe, ao invés de traçar o plano. (...) O pior não é permanecer estratificado – organizado, significado, sujeitado – mas precipitar os estratos numa queda suicida ou demente, que os faz recair sobre nós, mais pesados do que nunca.* (Deleuze & Guattari, 1996, p.23-24)

<sup>185</sup> Artaud, 2007, p.33

<sup>186</sup> *É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas razões de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante.* (Deleuze & Guattari, 1996, p.23)

<sup>187</sup> Artaud, 2011, p.199-200

<sup>188</sup> *"Tenho a oportunidade de experimentar de tudo. Simultaneamente. Para conhecer o universo e seus elementos, para estar momentaneamente em contato com toda a realidade. Algo que nenhum ser humano pode fazer. Uma partitura sinfônica entrando em meu cérebro de fora do tempo, todas as notas, todos os instrumentos soando de uma vez. E todas as sinfonias. Percebe?" "Isso vai te destruir" os técnicos disseram juntos. "Todos os neurocircuitos seriam acessados e ocorreria um curto-circuito. (...) Significa o fim do mecanismo."* (ANT, p.380)

continuará suas experimentações<sup>188</sup>... A muralha a pique da experiência não o desviaria de seu deleite essencial<sup>189</sup>.

---

<sup>189</sup> Artaud, 2011, p.200

#### 4º movimento.../ Delirar...

Poole especula tentar controlar o tempo com sua fita<sup>190</sup>. Planeja, vacila, recua. Após seus experimentos com a oclusão de luz de seu sistema, fabula controlar sua realidade com a luz. *O que eu quero, ele deu-se conta, é a final e a absoluta realidade, mesmo que por um microssegundo. Depois disso, não importa, porque tudo será conhecido, nada será deixado para entender ou ver. Eu poderia tentar outra mudança*<sup>191</sup>, disse para si mesmo.

*Vou fazer novos buracos na fita*<sup>192</sup> e ver o que acontece. Vai ser interessante, porque eu não sei o que os buracos que eu farei significarão. Poole literalmente permite que mais luz passe para o leitor-scanner. Tal qual como Beckett (lembrado por Deleuze) decide perfurar buracos em sua linguagem para ver ou ouvir o que se esconde<sup>193</sup>.

Edição de si como uma *escrita perfurante que atravessa a membrana do organismo e deixa vazar o quente, o úmido, o grito de vitalidade que o vácuo produz. A liberdade (...) neste movimento vacuolar, sístole-diástole de uma pulsão sem órgãos*<sup>194</sup>.

"Patos" disse Poole, maravilhado. "Eu furei um vôo de patos selvagens."<sup>195</sup> Perfurar novos furos aleatórios na fita para ver o que acontecerá. Furos como possibilidades,

---

<sup>190</sup> *Gostaria de controlar o tempo. Para revertê-lo. "Vou cortar um segmento de fita, pensou ele, e colá-lo de cabeça para baixo. As seqüências de causalidade então, fluirão de outra maneira (...) gostaria de saber mais do que eu sei agora, e que não é suficiente". Mas o que tudo isso prova? Uma fita de vídeo em execução para trás...* (ANT, p.380)

<sup>191</sup> (...) *Antes de tentar cortar a fita definitivamente.* (ANT, p.381)

<sup>192</sup> *Usando a ponta de uma microferramenta, fez vários buracos, ao acaso, na fita. O mais próximo do leitor-scanner que podia... não queria esperar.* (ANT, p.381)

<sup>193</sup> Deleuze, 2006, p.9

<sup>194</sup> Lins, 2012, p.9

<sup>195</sup> *No centro da sala surgiu um bando de patos verdes e pretos. Eles gritavam excitados, levantando-se do chão, arremetendo-se contra o teto numa massa de penas e asas frenéticas na ânsia, guiada pelo instinto, de fugir. (...) Agora outra coisa apareceu. Um banco de jardim com um homem, idoso e esfarrapado, sentado e lendo um jornal rasgado e dobrado. Ele olhou para cima, mal enxergando Poole, sorriu brevemente para ele com dentaduras feias, e depois voltou sua atenção ao seu jornal dobrado.* (ANT, p.381)



brechas para linhas de fuga. Recriação delirante<sup>196</sup> de sua própria realidade, o corpo como território de experimentações esquizo. *Preferência pelo povo que come da própria terra o delírio do qual nasceram*<sup>197</sup>. Intuição trasbordante e vertigem.

*Essas visões, essas audições não são um assunto privado, mas formam as figuras de uma história e de uma geografia incessantemente reinventadas. É o delírio*<sup>198</sup> *que as inventa, como processo que arrasta as palavras de um extremo a outro do universo*<sup>199</sup>. Sarah está no apartamento durante estas experimentações e vê e ouve o que Poole produz e vivencia.

Patos e um mendigo que aparecem brevemente para esvanecer em seguida. O intervalo dos buracos feitos por ele haviam passado rapidamente e o mundo físico ainda está ali. *É o parapeito do eu que olha, sobre o qual um peixe de ocre vermelho restou (...) de uma coagulação de água refluída. Mas alguma coisa se produziu de repente*<sup>200</sup>.

Seguindo em seu movimento insurgente Poole começa a alterar a realidade ao seu redor. Altera sua programação alterando o encadeamento normativo imposto universalmente. Produz novas imagens que não foram originalmente destinadas a aparecer; *capaz de adaptar a realidade a suas exigências (...) constrói para si um mundo novo, que continua a fortalecer mediante o delírio*<sup>201</sup>. Todos os personagens parecem existir dentro de seu construtor de realidade.

---

<sup>196</sup> Subvertendo o corpo, *arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros, leva-a a delirar. (...) um problema de ver e de ouvir: com efeito, quando se cria uma outra língua no interior da língua, a linguagem inteira tende para um limite "assintótico", "agramatical", ou que se comunica com seu próprio fora.* (Deleuze, 2006, p.9)

<sup>197</sup> Artaud, 2007, p.35

<sup>198</sup> *Poder-se-ia afirmar que no delírio se confronta uma criatividade obrigatória. Isso no sentido de que quem delira viu desabar um mundo ao seu redor e certamente não se sente bem apenas expulso dele. Por isso obriga-se a procurar um substituto, um sub-rogado. Quando a vida se torna invivível, deve-se inventar uma vida nova.* (Bodei, 2003, p. 11) [Grifos meus]

<sup>199</sup> Deleuze, 2006, p.9

<sup>200</sup> Artaud, 2011, p.203

<sup>201</sup> Bodei, 2003, p.128

"Eles não eram reais" disse Sarah. "Eram? Então como eu..." "Você não é real" Poole disse para Sarah. "Você é um fator de estímulo na minha fita de realidade<sup>202</sup>. Uma perfuração que pode ser coberta... O paradoxo final da realidade é desvelado. Ao delirar, havia afetado Sarah e sua realidade<sup>203</sup>. Talvez todo o universo e todas as realidades possíveis fossem apenas isto: tradução delirante de luz, luz-realidade-(im)possível.

Esta perspectiva o fascinava. Criaria um novo universo delirante usando a luz. Necessitava de novos experimentos. Chegara talvez a hora de um experimento terminal: com prudência, tiraria completamente a fita e deixaria que toda luz e todas as realidades possíveis ganhassem passagem rumo ao transbordamento. Faria o movimento final de sua insurgência em seu corpo e então poderia *dançar às avessas como no delírio dos bailes populares e esse avesso será seu verdadeiro lugar*<sup>204</sup>.

---

<sup>202</sup> *Será que você também têm uma existência em outra fita de realidade, ou em uma realidade objetiva?" Ele não sabia, não podia dizer. Talvez Sarah não soubesse também. Talvez ela tenha existido em mil fitas de realidade, talvez em cada fita já fabricada. "Se eu cortar a fita" disse ele "você vai estar em toda parte e em lugar nenhum. Como tudo no universo. Pelo menos o tanto quanto eu estou ciente disso." Sarah hesitou: "Eu sou real." "Eu saberei" disse Poole. "Para isso preciso cortar a fita. Se eu não fizer isso agora, vou fazê-lo outra hora qualquer, é inevitável que, eventualmente, eu vá fazê-lo." (ANT, p.381)*

<sup>203</sup> *O delírio não possui somente uma valência individual mas também coletiva (...) e põe a descoberto a suposta obviedade do mundo de todos, de forma que conhecê-lo significa, para uma racionalidade capaz de encarar a Medusa, aprender (...) sobre as modalidades e os materiais com que cada um constrói seu mundo (Bodei, 2003, p.129; p;131)*

<sup>204</sup> Artaud, 2011, p.42

## **5º movimento.../ Desfazer o organismo...**

*O que quer dizer desarticular, parar de ser um organismo? (...) Com que prudência necessária, a arte das doses, e o perigo, a overdose. Não se faz (...) com pancadas de martelo, mas com uma lima muito fina*<sup>205</sup>. O experimento final de Poole é cortar e excluir a fita completamente, permitindo que toda luz possível entre no leitor-scanner. Poderia assim experimentar todas as sensações possíveis simultaneamente. Existe colocado o risco de uma sobrecarga no dispositivo e sua conseqüente destruição<sup>206</sup>. O risco parece aceitável. Está disposto a apostar.

*"Cortarei a fita dentro do painel do meu peito" disse enquanto olhava através do sistema de lentes ampliadoras. Isso é tudo! Sua mão tremia*<sup>207</sup> *quando levantou a lâmina de corte*<sup>208</sup>. Titubeia por segundos mínimos, e move seu desejo em um ato finalista de rebeldia. A lâmina como tessitura de um plano de fuga, a fita como instituição a ser desconstruída.

*Cortou a fita (...) viu e compreendeu que estava muito atrasado, pensou. Já havia acontecido. A velocidade da fita acelerara em uma taxa maior do que a calculada*<sup>209</sup>. Experiência angustiante de uma realidade ilusória, que se concentra em torno de um ponto mais e mais delgado<sup>210</sup> em desintegração.

*Perscrutando a tela da ampliação, viu o raio do brilho fotoelétrico apontado diretamente para o leitor-scanner, ao mesmo tempo viu o final da fita a desaparecer sob ele... Então é*

<sup>205</sup> Deleuze & Guattari, 2004, p. 22

<sup>206</sup> *Inventam-se autodestruições que não se confundem com a pulsão de morte. Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensur. No limite, desfazer o organismo não é mais difícil do que desfazer os outros estratos, significância ou subjetivação.* (Deleuze & Guattari, 2004, p. 22)

<sup>207</sup> *Em um segundo poderia estar feito, pensou. Tudo acabado. E...eu ainda terei tempo para colar as extremidades cortadas da fita. Meia hora depois pelo menos. Se mudar de ideia.* (ANT, p.382)

<sup>208</sup> ANT, p.382

<sup>209</sup> ANT, p.382

<sup>210</sup> Artaud, 2011, p.197-198

agora que...<sup>211</sup> No momento anterior à sua destruição, Poole experimenta a vivência plena da invasão da luz delirante que molda as realidades. Neste momento torna-se intensidade. Corpo-outro, corpo-limite. Em seu deslocamento delirante em máxima potência, no transbordamento total de suas sensações, torna-se realidade. Corporeidade real, viva. Maçãs, paralelepípedos e zebras são parte dele. Goza com mulheres e insetos ouvindo sons estridentes. O calor, o mar e o vento forte o invadem e o preenchem<sup>212</sup>. *Cheias de furor, e sem serenidade nem perdão, minhas torrentes se fazem cada vez mais volumosas e se afundam, e eu acrescento mais ameaças, e durezas de astros e de firmamentos*<sup>213</sup>. Seu corpo experimenta inteiramente o CsO. Sua corporeidade como puro devir.

*Eu estou vivendo, eu vivi, eu nunca vou viver*<sup>214</sup>. Recriando sua corporeidade-realidade, Poole-formiga-elétrica percebe que está vivo, viveu, e, paradoxalmente, nunca irá viver. Tudo atravessa em um só tempo o corpo de Poole que por um breve momento, reprogramou a sua existência e em seu ato de insurgência experimentou viver. *Eu me encontro aí exatamente como eu me vejo nos espelhos do mundo, e com uma semelhança de casa ou de mesa, já que toda semelhança está alhures*<sup>215</sup>.

*Ele queria dizer algo para Sarah. Abrindo a boca, tentou trazer palavras... uma seqüência específica delas, da enorme massa de palavras iluminadas em sua mente, chamuscando-*

---

<sup>211</sup> ANT, p.382

<sup>212</sup> *Viu maçãs e paralelepípedos e zebras. Sentiu calor, a textura da seda de suas roupas, sentiu o oceano o acertando e um grande vento do norte, como se a levá-lo para algum lugar. Sarah era tudo ao redor dele, e Danceman... New York brilhava na noite, e os foguetes sobre ele saltavam através do céu noturno e diurno, e inundações e secas. Relaxado tal líquido em sua língua, ao mesmo tempo em que odores repugnantes e gostos o assaltavam: como a presença amarga de venenos e limões, e as lâminas de grama do verão. Ele se afogou, ele caiu, estava nos braços de uma mulher em uma cama grande e branca que, ao mesmo tempo soava estridente em seus ouvidos: como o sinal de alerta de um elevador com defeito em um dos antigos hotéis abandonados do centro. (...) disse para si mesmo, e com seus pensamentos vieram cada palavra, cada som; insetos guincharam e correram, e ele afundou parcialmente no complexo de máquinas homeostáticas localizada em algum lugar nos laboratórios da Tri-Plan. (ANT, p.382-383)*

<sup>213</sup> Artaud, 2011, p.200

<sup>214</sup> ANT, p. 383

<sup>215</sup> Artaud, 2011, p.199

*lhe com o seu significado total*<sup>216</sup>. A experiência de Poole termina abruptamente, com a fumaça escapando de sua boca.

Poole sendo atravessado pela experiência de viver, acaba por destruir a formiga elétrica. *E ela cresce com uma gravidade de formiga, uma ramagem de formigueiro que escava cada vez mais à frente no solo. Ela cresce e escava esta folhagem tão atrozmente negra, e à medida que escava, dir-se-ia que o solo se distancia*<sup>217</sup>.

Congelada contra a parede, Sarah abriu os olhos e viu a coluna de fumaça subindo da boca semiaberta de Poole. (...) Agora estava acabado. (...) Ela sabia, sem examiná-lo, de que tinha "morrido". Ficou parada de pé, sem rumo. Neste momento Sarah pensa se Poole teria sentido dor, se compadece de sua loucura<sup>218</sup>, coloca-se a pensar no absurdo de que sua existência pudesse ser apenas um estímulo fotoelétrico em uma fita. E então percebe algo inesperado: ela é como a seqüência de um escalpelo. Ela está suspensa pelo fio da navalha<sup>219</sup>, de repente pode ver através de seu próprio corpo que começava a sumir<sup>220</sup>.

*Talvez se eu poder colar a fita novamente, pensou. Mas Poole já tinha se tornado vago. O vento da madrugada soprou sobre ela. Ela não sentiu, ela tinha começado agora a deixar de sentir. E o vento soprou*<sup>221</sup>. A conjunção completa de ambiente-realidade-corpo. Corpos e realidades atreladas. A invasão de uma realidade, por outra: invasão ontológica. O corpo como propriedade da corporação. Insurgência como subversão do

---

<sup>216</sup> ANT, p.383

<sup>217</sup> Artaud, 2011, p.197-198

<sup>218</sup> *Ele pensou que eu era um fator de estímulo em sua fita de realidade, disse para si mesma. Por isso, pensei que iria morrer quando ele "morreu". Que estranho, pensou. Por que imaginar isso? Ele nunca estivera ligado ao mundo real, "vivia" em um mundo eletrônico próprio.* (ANT, p.383)

<sup>219</sup> Artaud, 2011, p.199

<sup>220</sup> *Minhas mãos, pensou. Ela segurou-as. Por que é que eu posso ver através delas? As paredes da sala, também, tornaram-se mal definidas. Tremendo, ela voltou-se para o robô inerte, ficou ao lado dele, sem saber o que fazer. Viu através de seus pés o tapete, em seguida, o tapete tornou-se indistinto, e viu mais camadas de matéria desintegrar-se além.* (ANT, p.383)

<sup>221</sup> ANT, p.384



próprio corpo. A autodestruição como construtora de outro plano de realidade, plano de imanência. Mors ontológica do corpociborgue como abertura livre para outras corporeidades possíveis. Aniquilação da realidade do cativo, individuação como abertura para outras realidades imprevistas e intempestivas. Linha de fuga. Corporeidade em insurgência poética: tentativa intensa de Corpo-sem-Órgãos<sup>222</sup>.

---

<sup>222</sup> (...) nunca se chega ao CsO, pois ele também não conhece "resultado fixo e definido", cada encontro é um desencontro, segundo as forças ordenadas /desordenadas dos diagramas, embora portadores de linhas de fuga e cantos poéticos. (Lins, 2012, p.41)

Ensaiaando (im)possibilidades... /  
 Pode um ciborgue criar para si um Corpo-sem-Órgãos?

... Tire a mão e ponha o corpo todo no corpo da consciência / Ponha ouvido orelha Língua boca na cara da consciência / E umbigo na barriga dela / Ponha olhos no colírio dela / Ponha tripas na barriga dela / Ponha olhos nos óculos dela / O cabelo o pelo a pele a perna o braço a carne o sangue pensa / A madeira o nervo a unha a terra a água o leite o peito pensa / O plástico o fogo o estômago o aço o osso o coração o cigarro o chiclete / o pano o papel a coluna a vértebra o músculo o vidro o fígado o cágado / a pedra pensa...

[Arnaldo Antunes, Consciência]



Existir é expor-se a normas, estruturas e limites. Inibição pelas circunstâncias, ordenação do presente. Já nascemos classificados com base em nossos órgãos genitais. Aprendemos línguas e como nos comportar nas mais variadas situações e cenários conforme protocolos específicos. Corpos identificados, territorializados, medicalizados, organizados, estratificados<sup>223</sup>.

Todavia neste (des)conhecido cenário testemunhamos que a sobreposição de presente e futuro vem diluindo qualquer perspectiva de previsibilidade. O futuro se instalou no presente violenta e inexoravelmente. As biotecnologias se desenvolvem e evoluem em um ritmo acelerado impondo a aceitação de formas outras de existir. Inseridas nestas mudanças, novas problematizações sobre a existência ciborgue e as consequentes alterações de nossos corpos precisam “acontecer”.

Inicialmente encontramos aqui alguns intrigantes questionamentos: uma vez que avançam as soluções de softwares para aprimorar as interfaces gestuais e associa-las com as interfaces holográficas - e que imagina-se utilizar estes dispositivos para a comunicação entre os seres - se nosso corpo está presente ou telepresente a um outro via holograma animado por gestos corporais customizáveis como é sentida a diferenciação das corporeidades? Como deslocam-se os afetos em tal encontro insólito? Quais são as potências da presença real projetada e quais são as da materialidade do corpo presente? Há diferenciação possível na projeção gestualmente manipulada se o corpo real está profundamente atrelado ao seu processo de ciborguização? E esse corpo? Ele já se desfez<sup>224</sup>?

---

<sup>223</sup> Consideremos os três grandes estratos relacionados a nós, quer dizer, aqueles que nos amarram mais diretamente: o organismo, a significância e a subjetivação. A superfície de organismo, o ângulo de significância e de interpretação, o ponto de subjetivação ou de sujeição. Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo – senão você será um depravado. Você será significante e significado, intérprete e interpretado – senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado – senão você será apenas um vagabundo. (Deleuze & Guattari, 1996, p.22)

<sup>224</sup> Conectados no espaço cibernético, os corpos dissolvem-se (...). O viajante da infosfera não está mais preso a um corpo físico (...) sendo este último meramente um ponto de referência com relação a seus múltiplos corpos virtuais. (Le Breton, 2013, p.213)

Nestas condições de desenvolvimento biotecnológico - em muitas ocasiões sobrepostas - a primeira abordagem relevante no entendimento de uma corporeidade ciborgue são suas múltiplas possibilidades de interface. Para pensar o corpo (e também seus órgãos) torna-se urgente (re)pensar as interfaces. Além das interações diárias que executamos com as telas (ativa e passivamente), já utilizamos interfaces gestuais (inclusive de âmbito doméstico com *tablets* e *videogames*, por exemplo) e mesmo interfaces holográficas já não são realidades distantes de alguns grupamentos sociais.

Com plataformas mais intuitivas e interativas estas interfaces tornam as experiências de virtualização cada dia mais reais; aproximações com o "deixar o corpo para trás", como proposto pela FC, ao permitir articulações corporais livres e diretas e dimensionais com objetos virtuais. Numa espécie de produção destas máquinas, o corpo ciborgue transforma-se também numa interface e torna possível a materialização de imagens virtuais em espaços de realidade física.

Vertigens da virtualização plena: agenciamentos para desfazimento completo do corpo associado a visão cibernética mítica (e romantizada) de liberdade absoluta ao livrar-se do "peso da carne". Migração completa para dentro da rede informacional. Carne por bits, ossos por silício. Desencarnação para fuga. Visão romantizada do ciberespaço que desconsidera seus cidadãos. Utopia anárquica e imaterial de absoluta liberdade e igualdade de pensamentos constituídos por mentes desencarnadas. Desconsideração da falaciosa divisão de mente e corpo. Tendência a pensamento metafísico-transcendente. Posicionamento pós-humanista negativa as forças de oposição e as formas dominantes de controle e coerção do próprio território do ciberespaço. Teorização de que podemos seguir subjugando a natureza conforme nossos próprios interesses sem considerar as conseqüências destes movimentos.

Uma ciência tecnológica dogmática, que não leva em conta o inusitado, o imprevisto e o inesperado das conexões homem-máquina. Na crítica ficcionada por Gibson em o

*Neuromancer*<sup>225</sup>, Case é condenado por seus crimes no ciberespaço sendo punido com sua permanência “neste lado da realidade”, sem poder transmitir-se para o ciberespaço.

Antigas obsessões são postas de lado enquanto cibernsistemas monitoram o corpo com vistas a modificá-lo terminalmente. Noções de evolução e gênero são remapeadas e reconfiguradas em hibridismos. Surgem composições alternativas de vivo-máquina. A tecnologia entrega à pele um local desimportante: interface antiquada. O movimento (voluntariamente involuntário) do corpo que troca de pele e os seres humanos que operam cada vez mais com corpos substitutos em espaços remotos que funcionam com imagens cada vez mais interativas definem claramente o espaço de ressignificados da cibernética.

Devido à impessoalidade das telas, a interzona digital facilita, em níveis sem precedentes, demonstrações de intimidade e carinho espontâneo, enquanto fora das telas (no que antes era chamado de “vida real”) apresentam-se corpos violentamente reprimidos, contidos, cativos. A percepção destes limites por sua vez também encontra-se bastante comprometida visto que igualmente sofre diversos processos de nano-engenharia: dispositivos geradores de mudanças moleculares que afetam sobremaneira as afecções. Para além da venda de sonhos de imortalidade, as máquinas iniciaram um extenso desenvolvimento narrativo ciborgue e diversas teorias de pós-humanidade que hoje povoam o imaginário contemporâneo.

Em todos estes contextos urge o reposicionamento do corpo<sup>226</sup> - do biológico ao cibernético - em todas as suas zonas de extensão e interface. Exortem-se as reproduções: não assumo aqui a defesa do demasiado humano<sup>227</sup>. Mas a pergunta segue renitente... É

---

<sup>225</sup> Gibson, 2003.

<sup>226</sup> (...) o corpo como uma máquina desejante e pulsante que ultrapassa seus contornos. O corpo ocupa lugar de investimento de desejo a partir de si mesmo, e não de sua representação imaginária ou simbólica. É o próprio corpo, encarnado, que produz o corpo na experiência e comporta todo o virtual em seu desejo (Resende, 2008, p.72)

<sup>227</sup> Neste estudo não há o entendimento do humano como uma entidade moral, monotônica e fundamentalmente pura e que encontra-se em luta dicotômica com a máquina (com o mal). Se trata de (re)pensar também o humano como um devir, um existir fronteiriço, impuro, mestiço implicado em percursos vivenciais potencialmente éticos, estéticos e políticos. Por isso, remeto recorrentemente ao termo “vivo” ao invés de “humano”, tentando construir um entendimento a partir deste acoplamento conceitual.



possível revisitar o corpo sem recorrer ao platonismo ou a metafísica cartesiana? Implicome com esta possibilidade: percorrer um corpo-território em busca de corporeidades que resistem ao desfazimento. Corporeidades em insurreição. Esgueire-mo-nos então por esta brecha...

Sem a intenção de construir respostas finalistas ou verdades absolutas, os questionamentos colocados nos fazem obrigados a problematizar o corpociborgue - em suas corporeidades potencialmente subversivas de organismo cibernético - já que este não é estendido e expandido apenas através de intervenções cirúrgicas com a implantação de fios e circuitos, mas por conexões digitais e virtuais que se operam em sua superfície. Num plano de existência onde coabitam corpos mais ou menos virtualizados e/ou biônicos com perspectivas de reprodução massiva, hologramas e peles-interface... Afinal, o que (ainda) pode a carne? O que (ainda) pode o corpo vivo? O que (agora) pode a carne? O que (agora) pode o corpo vivo? *Qual a saúde que seria suficiente para libertar a vida em todo o lado onde ela está presa, pelo homem e no homem?*<sup>228</sup>

Enquanto o serialismo do funcionamento do corpociborgue articula-se a uma métrica temporal - especificações determinadas de software e hardware - a rebeldia da corporeidade do vivo que o habita articula-se paralelamente ao tempo como duração (a imanência, o tempo paralelo). Diferente do tempo serial, suporte extrínseco de operações algorítmicas e cronológicas, o tempo paralelo funciona na engenharia das coincidências. Simultaneidades de singularização maquínica e não super-ordenamentos de órgãos hiper-capazes.

Contra-memória como subversão: nomadismo num território narrativo sedentário<sup>229</sup>. Desmembramentos diversos. Para uma geração que se esqueceu do que seus órgãos

---

<sup>228</sup> Deleuze, 1997, p.14

<sup>229</sup> (...) *Perante esse estado (...) ao qual regressamos, continuamente, como uma regra enquistada na impossibilidade significativa do ainda, a história configura-se como um conceito que procura prender, num território narrativo sedentário, o processo de criação de significado que os homens desenraizam de um espaço memorial onde se inscreve a experiência da facticidade. Mas todos os tempos são espaços memoriais e os processos de libertação são, como o considera Deleuze, forçosamente nômádicos.* (Vilela, 2000, p.37)

deveriam não-estar fazendo, aprendizados esquecidos de corpos que podem desejar sem pré-programação. Corpo como devir. Como um lugar para a produção do extraordinário, do polimórfico, dos prazeres. Esquecer para que serve e aprender o que pode fazer. Experimentos com o corpo, arte, decomposições do corpo, desmantelamento do organismo: corporeidades em anarquia<sup>230</sup>. Experiências técnicas de liberação/libertação. A resistência a um poder multiplicador. Florescimento e reflorestamento de corpos. Produção de anarquia. Finitude de hierarquias orgânicas e inorgânicas, suas localizações, denominações, princípios: processo prudente de desintegração do organismo que preserva um corpo onde habita a vida.

Várias personalidades emergem em um piscar de olhos, o vivo em processos paralelos e sistemas distribuídos, cantarolando com a conversa de vozes invisíveis e suscetível a milhares de controles remotos. A telecomunicação, a cultura cibernética com as próprias mãos escondidas e em efeitos fugitivos, cheques, balança comercial em flutuações sem precedentes. Uma cultura de retalhos de memórias de curto prazo e registros perdidos, histórias conflitantes e amostras descontínuas, fios de narrativa puxados para fora de tempo. Um sistema volátil e sensível, suscetível a infecções oportunistas e mutações imperceptíveis, emergências espontâneas de novas vidas súbitas.

Este é apenas o primeiro ato do processo de abandono do modelo sistêmico unificado e organismo-centrado - o corpo (in)orgânico organizado que tem a reprodução-sobrevivência como objetivo terminal - em favor de um desenho movediço, fluido. Fluxos de intensidade, fluidos, fibras e descontinuidades. Na existência de sistemas acêntricos, redes autômatas e comunicações-execuções finitas insistem as vizinhanças e os fluxos. Conjunções de afetos, conjuntos de afecções. Fina segmentação, micropercepções, clínicas menores, saúdes minoritárias.

---

<sup>230</sup> (...) a dificuldade de atingir este mundo da Anarquia coroada, se se fica nos órgãos, "o fígado que torna a pele amarela, o cérebro que se sifiliza, o intestino que expulsa o lixo", e se se permanece fechado no organismo, ou em um estrato que bloqueia os fluxos e nos fixa neste nosso mundo. (Deleuze & Guattari, 1996, p.20)

E para onde foi o organismo<sup>231</sup>? Onde se encontra (ou se esconde) o corpo vivo no ciborgue? Apenas representando projetos de protodesejo organo-cibernético? O que o motiva e o anima? Em qual espaço-tempo cabem as disjunções, as rupturas? Encarcerados sem celas, entre fios e circuitos no colapso das antigas (e constantemente ressignificadas) ferramentas, os fluxos propulsivos resistem no hiato do concreto, correndo vertiginosamente no labirinto por micro-vielas, prontos para explodir.

Mas há um plano. Um lânguido platô - *feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades - onde somente as intensidades passam e circulam*<sup>232</sup>, onde os picos e as depressões têm convergido em um oceano sem bordas onde não é possível (ante)ver seus limites<sup>233</sup>. Não sabemos o que um corpo pode (des)fazer, o que é uma intensa razão pela qual devemos pensar o corpo com nossos corpos: o corpo como *questão que se impõe às variações de todo e qualquer modo de pensar*<sup>234</sup>. Tirar o corpo para longe de seus controles formais, desativar seus mecanismos de autoproteção e segurança que se ligam à reprodução e desta maneira a vida deixa de ser reduzida, assim, à sua definição biológica para tornar-se cada vez mais uma virtualidade molecular da multidão, energia anorgânica, corpo-sem-órgãos<sup>235</sup>.

Poderia se considerar que Deleuze e Guattari valorizam os acoplamentos do corpociborgue, conexões e fusão de componentes humanos e não-humanos, mas

---

<sup>231</sup> *O que quer dizer desarticular, parar de ser um organismo? Como dizer a que ponto é isto simples, e que nós o fazemos todos os dias. Com que prudência necessária, a arte das doses, e o perigo, a overdose. Não se faz a coisa com pancadas de martelo, mas com uma lima muito fina. Inventam-se autodestruições que não se confundem com a pulsão de morte. Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensor. No limite, desfazer o organismo não é mais difícil do que desfazer os outros estratos, significância ou subjetivação. A significância cola na alma assim como o organismo cola no corpo e dela também não é fácil desfazer-se. E quanto ao sujeito, como fazer para nos descolar dos pontos de subjetivação que nos fixam, que nos pregam numa realidade dominante?* (Deleuze & Guattari, 1996, p.22)

<sup>232</sup> Deleuze & Guattari, 1996, p.13

<sup>233</sup> (...) *mas não se sabe o que vai ser produzido; análise infinita em que aquilo que é produzido sobre o CsO já faz parte da produção deste corpo, já está compreendido nele, sobre ele, mas ao preço de uma infinidade de passagens, de divisões e de sub-produções.* (Deleuze & Guattari, 1996, p.12)

<sup>234</sup> Pelbart, 2004, p.69

<sup>235</sup> Pelbart, 2003, p.25

explicitamente rejeitam a idéia de uma montagem integrada e serializada<sup>236</sup>. A noção de um único organismo-cibernético<sup>237</sup> é rejeitado em favor de um CsO<sup>238</sup>: um corpo que é perpetuamente reinserido no processo de produção. Produção de intermináveis (des)montagens, eficazes na medida em que conseguem seguir sendo parciais e desterritorializadas.

O corpociborgue grita a buscar sua própria saída<sup>239</sup>. Saídas da carne, a insistir para sair da máquina. Construção de um *campo de imanência*<sup>240</sup>. O imenso, o incontido, os encontros, as possibilidades, o não-limite das microdesestratificações<sup>241</sup>. *Mas o que é este nós, que não sou eu, posto que o sujeito não menos do que o organismo pertence a um estrato e dele depende? Respondemos agora: é o CsO!*<sup>242</sup>

---

<sup>236</sup> (...) a multiplicidade de fusão, a fusibilidade como zero infinito, plano de consistência, Matéria onde não existem deuses; os princípios, como forças, essências, substâncias, elementos, remissões, produções; as maneiras de ser ou modalidades como intensidades produzidas, vibrações, sopros, Números. (Deleuze & Guattari, 1996, p.20)

<sup>237</sup> O organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil. (Deleuze & Guattari, 1996, p.21)

<sup>238</sup> Porque o CsO é tudo isto: necessariamente um Lugar, necessariamente um Plano, necessariamente um Coletivo (agenciando elementos, coisas, vegetais, animais, utensílios, homens, potências, fragmentos de tudo isto, porque não existe "meu" corpo sem órgãos, mas "eu" sobre ele, o que resta de mim, inalterável e cambiante de forma, transpondo limiares). (Deleuze & Guattari, 1996, p.24)

<sup>239</sup> O CsO grita: fizeram-me um organismo! dobraram-me indevidamente! roubaram meu corpo! O juízo de Deus arranca-o de sua imanência, e lhe constrói um organismo, uma significação, um sujeito. É ele o estratificado. Assim, ele oscila entre dois pólos: de um lado, as superfícies de estratificação sobre as quais ele é rebaixado e submetido ao juízo, e, por outro lado, o plano de consistência no qual ele se desenrola e se abre à experimentação. (Deleuze & Guattari, 1996, p.21)

<sup>240</sup> O campo de imanência ou plano de consistência deve ser construído; ora ele pode sê-lo em formações sociais muito diferentes, e por agenciamentos muito diferentes, perversos, artísticos, científicos, místicos, políticos, que não têm o mesmo tipo de corpo sem órgãos. Ele será construído pedaço a pedaço, lugares, condições, técnicas, não se deixando reduzir uns aos outros. A questão seria antes saber se os pedaços podem se ligar e a que preço. (Deleuze & Guattari, 1996, p.19)

<sup>241</sup> E se o CsO é um limite, se não se termina nunca de chegar a ele, é porque há sempre um estrato atrás de um outro estrato, um estrato engastado em outro estrato. Porque são necessários muitos estratos e não somente o organismo para fazer o juízo de Deus. Combate perpétuo e violento entre o plano de consistência, que libera o CsO, atravessa e desfaz todos os estratos, e as superfícies de estratificação que o bloqueiam ou rebaixam. (Deleuze & Guattari, 1996, p.21-22)

<sup>242</sup> Deleuze & Guattari, 1996, p.21

O CsO precisa dos órgãos para “passar”. Os próprios órgãos, como célula viva, entram em acoplamento, em autopoiese. A máquina não contempla autopoiese, apenas acolhe o implante de “ideias” autopoieticas onde as encerra.

Não apenas deixar o corpo para trás, mas para ir aquém ou além do organismo<sup>243</sup>, para anos-luz do orgânico-inorgânico ou para muito perto, mas para fora. Os corpos tornam-se mais propensos a essas mudanças no momento em se envolvem em movimentos efetivos de mudança. *Experimentação muito delicada, porque não pode haver estagnação dos modos*<sup>244</sup>.

Acesso de autonomia, de poiese, de alteridade. Possibilidades menores, moleculares, mais potentes que as possibilidades residentes nas partes melhoradas do corpo. E então *Algo vai acontecer, algo já acontece. Mas não se confundirá o que se passa sobre o CsO e a maneira de se criar um para si. No entanto, um está compreendido no outro.*<sup>245</sup>

Criar para si um CsO envolve uma série de movimentos para além da fixidez da subjetividade e da estrutura das unidades estáveis. Para o corpociborgue retido em sistemas binários dissimulados: experimentações e nomadismo<sup>246</sup>. Tal como acontece com a aprendizagem de uma língua estrangeira, é uma questão de mudar sutilmente o corpo ao redor, recompor novas musculaturas e sistemas nervosos.

O CsO não é nem um lugar, nem um plano, uma cena, ou uma fantasia. É um campo para a produção, circulação e intensificação do desejo, locus de imanência do desejo. Desestratificação, liberação de linhas de fuga, de rotas imprecisas de vôo, produção de

---

<sup>243</sup> (...) um tremor entre aquém e além do organismo, mas que deste ainda precisa, embora com este não se confunda, um entre aquém e além de uma organicidade que molda as máquinas desejantes que a pressupõem. (Pelbart, 2004 p.77)

<sup>244</sup> Deleuze & Guattari, 1996, p.13

<sup>245</sup> Deleuze & Guattari, 1996, p.10

<sup>246</sup> Ao conjunto dos estratos, o CsO opõe a desarticulação (ou as “n” articulações) como propriedade do plano de consistência, a experimentação como operação sobre este plano (nada de significante, não interprete nunca!), o nomadismo como movimento (inclusive no mesmo lugar, ande, não pare de andar, viagem imóvel, dessubjetivação.) (Deleuze & Guattari, 1996, p.22)



conexões. Movimentos de intensidades que fluem através e para além do CsO são então trajetórias ou tendências ao invés de estados fixos ou posições terminais.

O CsO não tem começo nem fim ou qualquer outro restritivo. O CsO é o próprio limite. O CsO pode ser descrito como um estado antes ou depois de existência. Todo o existente flui constantemente em processo de se tornar um CsO sem nunca atingir esse limite. O CsO é um limite em particular no qual todos os fluxos que constituem o mundo fluem completamente livres, uns através dos outros, não restando mais distinções.

Deleuze e Guattari nos apresentam um mundo onde tudo flui e tudo é composto de fluxos. Não apenas água, ar, magma e sangue. Ideias, pessoas, cultura, conversações fluem. O que nos permite distinguir estes fluxos uns dos outros - singularizando cada um - é o limite ou o ponto que separa cada um deles. Cada fluxo é constituído por um corte de outro fluxo. Restrição ou redesenho de um fluxo.

Mas os fluxos não querem ser cortados, restritos. Este desejo, o desejo de um fluxo de seguir fluindo irrestrito e incontido é onde se encontra o CsO. O CsO torna-se real quando o desejo é real. O CsO é nada além de desejo<sup>247</sup>. Fluxos jamais são totalmente livres. Fluxos são a todo momento interrompidos. Sem a interrupção e o desejo não haveria mundo: os fluxos e suas pausas. Pois tão logo um retorno do fluxo para o CsO seja reconstituído como parte de um outro fluxo, distingue-se dos seus arredores. Deixa-se ser superfície<sup>248</sup>.

Mesmo no corpociborgue - ou em desfazimento - rebeldes corporeidades seguem apresentando avidez pela vida, e a existência conduz de volta ao nada, porque nós pertencemos ao fim do universo. *Matéria onde não existem deuses; os princípios, como forças, essências, substâncias, elementos, remissões, produções; as maneiras de ser ou*

<sup>247</sup> CsO é o campo de imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo). (Deleuze & Guattari, 1996, p.15)

<sup>248</sup> O CsO (...) é portanto uma defesa ativa e eficaz (...) mas que opera numa zona dita de "profundidade", onde a organização de "superfície", que garante o sentido ao manter a diferença de natureza entre corpo e palavras, e de toda forma perdida. (Zourabichvili, 2009, p.31)

*modalidades como intensidades produzidas, vibrações, sopros*<sup>249</sup>. A convulsão de um punhado de estrelas moribundas. Moléculas em desintegração. Partículas decadentes. As células e os organismos perecem até a completa extinção da espécie. A cada micromomento planetas são destruídos e estrelas explodem. Galáxias inteiras se vão. Restam sempre as trevas. A vida se decompõe em poeira e expõe a morte do universo.

A apreensão de morte como o tempo-em-si-contínuo-grau-zero<sup>250</sup>. Excrementos e carne em decomposição que não ofertam solidez ou respostas compreensíveis aos ciborgues, mas padrões evanescentes para uma coesão dentro do caos. Uma saída de emergência, uma linha de fuga.

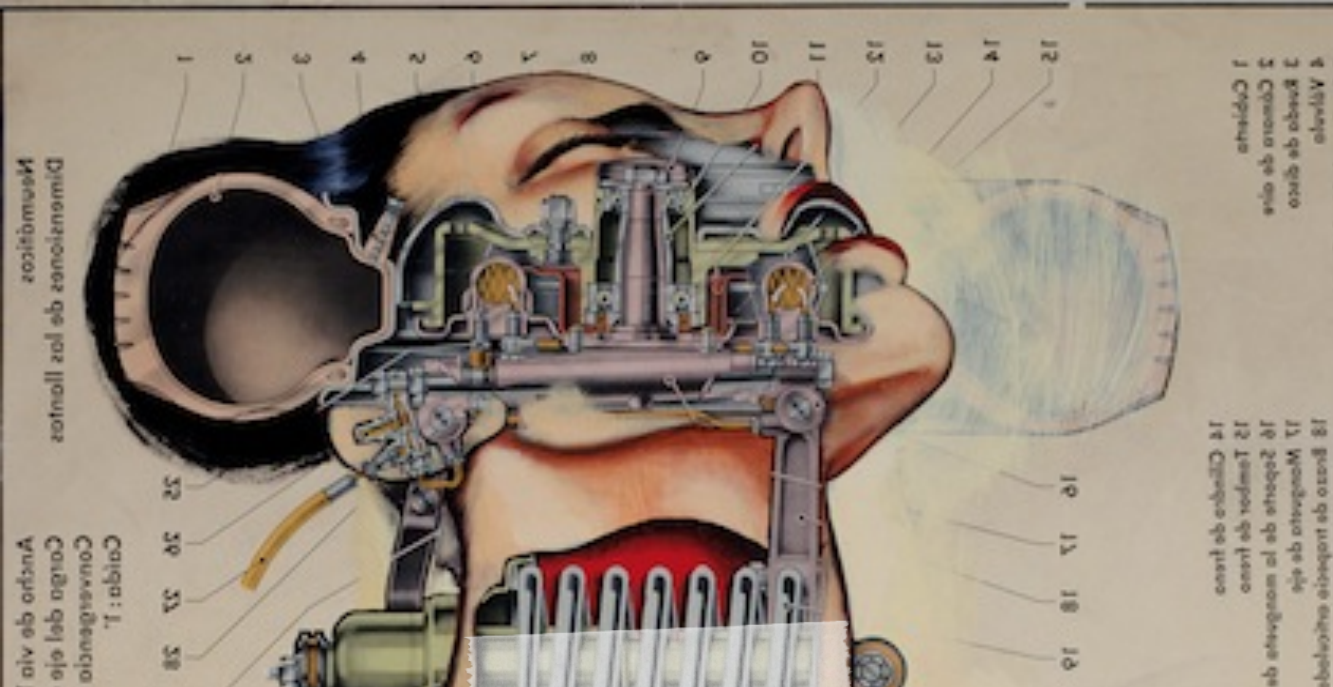
Nestes acontecimentos há algo que insiste. O caos resiste. A rebeldia do corpo deve ser o ápice da competência e da prudência<sup>251</sup>, já que anarquia e entrega total apenas nos leva a conectar com a morte. O CsO que segue corpo possível. A anarquia indiferenciável em zero. Não há conclusão terminalista para além do zero. Apenas palavras brotadas de um silêncio. Mais subversão. Zero igual a zero. A borda de algo, a borda de tudo. A vida que assombra a morte. Para além do julgamento de Deus. Descompressões no vazio. Um limite além do limite. Insurgência afinal.

---

<sup>249</sup> Deleuze & Guattari, 1996, p.20

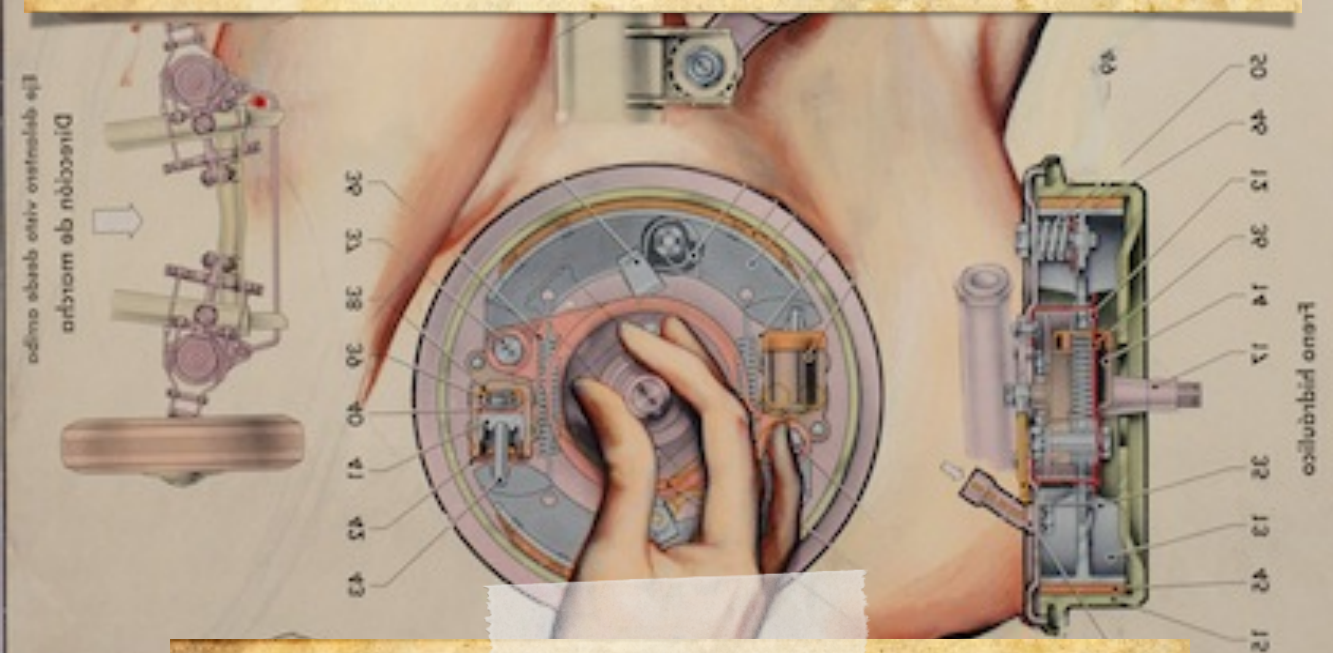
<sup>250</sup> O CsO (...) é a matéria intensa e não formada, não estratificada, a matriz intensiva, a intensidade = 0, mas nada há de negativo neste zero, não existem intensidades negativas nem contrárias. Matéria igual a energia. Produção do real como grandeza intensiva a partir do zero. (Deleuze & Guattari, 1996, p.13)

<sup>251</sup> Não se atinge o CsO e seu plano de consistência desestratificando grosseiramente. (...) Liberem-no com um gesto demasiado violento, façam saltar os estratos sem prudência e vocês mesmos se matarão, encravados num buraco negro, ou mesmo envolvidos numa catástrofe, ao invés de traçar o plano. O pior não é permanecer estratificado – organizado, significado, sujeitado – mas precipitar os estratos numa queda suicida ou demente, que os faz recair sobre nós, mais pesados do que nunca. (Deleuze & Guattari, 1996, p.23-24)



... os sintomas são como pássaros que vêm bater seus bicos no vidro da janela. Não se trata de "interpretá-los". Trata-se, isto sim, de situar sua trajetória para ver se eles têm condições de servir de indicadores de novos universos de referência, os quais poderiam adquirir uma consistência suficiente para provocar uma virada na situação...

[Félix Guattari e Suely Rolnik, Micropolítica: Cartografias do desejo]



... A saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta. Pertence à função fabuladora inventar um povo (...) Precisamente, não é um povo chamado a dominar o mundo. É um povo menor, eternamente menor, absorvido num devir-revolucionário. Talvez ele não exista senão nos átomos do escritor, povo bastardo, inferior, dominado, sempre em devir, sempre inacabado...

[Gilles Deleuze, Crítica e Clínica]

Ensaçando (im)possibilidades.../  
Pistas para uma clínica (im)possível...

Se observarmos a onipresença dos computadores - em todas as suas formas imagináveis - em nossos cotidianos e a crescente dependência que a nossa sociedade tem dos mesmos, ao ponto de não podermos em nossa organização atual operar tarefas simples e cotidianas sem os mesmos, parece bastante razoável questionar se a corporeificação ciborgue será uma escolha ou um imperativo de existência num futuro próximo. Seja qual for seu avatar escolhido você não pode resistir a tornar-se um ciborgue. Um *replicante* se mexe por dentro. Você será pós-humano em breve, seja ele qual for. De repente, você sempre foi.

Os rótulos e as concepções *prêt-à-porter* paralisam os fluxos transformadores que ao nos atravessar possibilitam evocar rupturas permissivas. Ao transformarmos nossos corpos em máquinas-dispositivos de escuta poética, podemos criar linhas de fuga que fazem com que vazem fluxos em *movimentos afectivos*<sup>252</sup> aos quais devemos nos ater: o corpo em questão passa então a ser afecção: algo vivo e sensacional, grávido de inadequações frente ao plano do real que lhe é corriqueiramente colocado. Recusa da felicidade-a-qualquer-custo, vendida em prateleiras – de lojas de departamento ou de farmácias – ou conseguida nas ruas por muito ou por muito pouco.

Assim, corpos constituídos como narrativas rebeldes incitam ao deslocar-se por percursos inusitados. Considerando a atual fronteira entre ficção científica e a realidade contemporânea como uma *vertigem escheriana*<sup>253</sup>, urge colocar-mo-nos em conversações sobre estas corporeidades. O ciborgue como conceito teórico disparador, que além de sua construção como mito pós-moderno e como uma construção imaginária

---

<sup>252</sup> O trabalho da clínica é o de acompanhar os movimentos afectivos da existência construindo cartas de intensidade, ou cartografias existenciais que registram menos os estados do que os fluxos, menos as formas do que as forças, menos as propriedades de si do que os devires para fora de si. (Passos & Barros, 2006, p.91)

<sup>253</sup> Maurits Cornelis Escher (1898-1972) foi um artista plástico holandês conhecido por trabalhos gráficos diversos que, a partir de efeitos de ilusão de ótica, constroem imagens (im)possíveis. As construções de Escher nos fazem indagar que relações estão potencializadas naquelas paisagens que causam vertigens, e que outros modos possíveis de ocupação e circulação elas desafiam. Questionam a veracidade do lugar que o sujeito ocupa investigando o instante do olhar que abre à perspectiva do paradoxo e aos múltiplos trajetos possíveis de percorrer. Exploram como se dão os encontros, as misturas, as passagens das realidades neste lugar que não converge ao mesmo ponto nem comporta posições polarizadas e binarizadas. (Oliveira & Fonseca, 2006, p.34)



de ficção, tornou-se uma parte da realidade atual pode nos trazer elementos provocadores para repensar o cuidado em saúde colocado em um momento em que os liames do presente e o futuro acontecem sobre divisas colapsadas.

A vivência imediata dos futuros distópicos descritos outrora pela ficção científica: redes comunicativas, robôs humanóides, órgãos e tecidos crescidos artificialmente, extensões protéticas do corpo, implantes neurais, inteligências artificiais, mapeamento e modificações genéticas com finalidades específicas, são vivências proximais que já se tornaram - ou estão em processo de tornar - a realidade científica e social do nosso presente conforme visto neste estudo-experimentação.

Ao visibilizar as transformações ocorridas a partir das tecnologias, devemos levar em consideração que a despeito de existirem dispositivos biotecnológicos com os quais lidamos todos os dias e outros sendo estudados em diversos centros de pesquisa (e que podem ou não vir a ser parte do nosso cotidiano), nenhum destes devem ser ignorados, pois são produzidos - e produzem - sinais e ruídos envolvendo variadas questões éticas, estéticas e políticas, essenciais para problematizar o próprio existir.

Em tempos de corpos-máquina - produzidos e serializados em cativeiro - precisamos *recordar*<sup>254</sup> de dispositivos mais potentes para ouvir, ver e sentir que acontecimentos atravessam os corpos e transmutam os territórios por onde correm os desejos. Quais linhas de força tensionam os corpos - em suas existências - a desterritorializarem-se e quais movimentos de captura os reterritorializam? Podem ser inventadas linhas de força para abrir brechas que permitam a insurgência das corporeidades-cativas, autômatas? Qual a potência desse devir? Um devir organismo no corpo autômato, um devir CsO no corpo organismo..

A fixação no duplo identificação sintomática/definição terapêutica, em geral advinda de uma formação composta por diversos aportes biologizantes, hospitalares e tecnológicos,

---

<sup>254</sup> *Do latim re-cordis, voltar a passar pelo coração.* (Galeano, 1994, p.5)



acaba por tornar estreita a visão do terapeuta reduzindo o paciente a um ciborgue<sup>255</sup>: corpo-de-apenas-órgãos – um organismo descorporeificado, um descorpo – e transporta (ou mantém) o terapeuta numa segura estabilidade indolor com pouca ou nenhuma potencialidade para a criação de possibilidades de vida, de *poiesis*. O paciente em seus movimentos em busca de sua plena funcionalidade - estável e segura - procura de outro lado os silenciadores disponíveis.

O sofrimento que corpos - à procura de cuidado - são levados a silenciar encontram reverberação no comportamento disciplinar biomédico e ciborguizante do profissional de saúde, pois este também acaba por esquivar-se de seu quinhão de dor, normatizando problemáticas com as quais não deseja ou não consegue se envolver. Deslocam-se muito velozmente as novas possibilidades de interfaces e não mais alcança-se o outro, não são percebidas as sutilezas que habitam os corpos. Apesar de todas as discussões sobre humanização da saúde, seu ponto de referência - o vivo - encontra-se em inexorável desfazimento.

Outro agenciamento de enunciações, repleto de silêncios pré-existentes que não é percebido no processo cotidiano de calar os ruídos – ou sintomas – que aparenta ser o real motivador da procura por cuidado. Perdidos entre códigos de classificação e eixos de alinhamento por várias vezes é esquecido (ou somos sistematicamente levados a não notar) que na prática clínica somos lançados ao encontro do outro: não há potência na clínica sem *outrem*<sup>256</sup>.

A busca - como percurso - encontra-se para além da escuta. Mais do que qualquer neurotransmissor (elemento principal condutor do discurso médico contemporâneo) faltam outros dispositivos capazes de fazer deslizar pela vida. Em algumas situações, falta ao corpo inclusive, a própria vida. É preciso escutar não só o que se faz ouvir, mas também sair dos trilhos – delirar – para escutar os silêncios, o não-pronunciado, o calar

---

<sup>255</sup> *A medicina transforma o humano em ciborgue (...) fazendo do hospital seu lugar predileto.* (Le Breton, 2013, p.204)

<sup>256</sup> *Outrem (...) nos "ensina" a sentir a preexistência de um objeto seguinte, de um acontecimento por vir. Há todo um campo de coisas, nesse instante, invisíveis para mim, mas visíveis para outrem, que constitui um campo de virtualidades e de potencialidades capazes, a qualquer momento, de se atualizarem.* (Teixeira, 2004, p.38)

repleto de signos e significados. *Proceder um agenciamento entre elementos que se dissolvem na gênese de novas composições*<sup>257</sup>. Trazer o corpo ausente ao cenário. Perceber por onde escapa o vivo no ciborgue.

As limitações da abordagem clínica ciborguizante<sup>258</sup> seguem os profissionais de saúde desde o início de sua educação formal, e acentuam-se alguns dos aspectos de restrição do olhar durante sua prática profissional. Um certo olhar segmentador passa a ser a única ferramenta disponível com o passar dos anos, pois aprimora-se, a cada vez que promove uma nova segmentação. Segmentações que não geram acontecimentos. E, deste modo, não geram, conseqüentemente, agenciamentos para a afirmação de vida.

É neste território que os sintomas – e principalmente as incontáveis síndromes – se inscrevem: no mapa axiomático do Capitalismo Mundial Integrado (CMI)<sup>259</sup> em todas as suas múltiplas formas de captura. Portanto, nos cabe questionar veementemente a importância do papel das medicações na contemporaneidade na produção do cuidado e como os movimentos de diferenciação diagnóstica se constroem: conjuntos estanques de representação, incapazes de dar visibilidade ao que esconde-se entre os interstícios dos corpos, escamoteado entre as facetas ditas sintomáticas.

Emerge daí a necessidade da construção de um pacto por uma ética clínica<sup>260</sup> que não busca instituir normas que sirvam – em módulo – como fórmulas de adequação. Clamor pela produção do olhar subversivo - rebelde à hiper-medicalização realizada pelo médico-programador sobre o paciente-console - que abdica dos conjuntos-simbólicos-

---

<sup>257</sup> Passos & Barros, 2006, p.99

<sup>258</sup> Nos percursos traçados para transitar sobre a temática proposta adveio a necessidade autoral de *adjetivar a clínica* por entender que *o que já se bastou como substantivo (...) simplesmente parou de designar o que antes dispensava qualitativos.* (Paulon, 2004, p.259)

<sup>259</sup> Segundo Félix Guattari, o CMI *não possui um programa definido de uma vez por todas; face a uma crise ou a uma dificuldade imprevista, sempre é capaz de inventar novos axiomas funcionais ou de suprimi-los.* (Guattari, 1981, p.211)

<sup>260</sup> (...) *enquanto ética de intervenção, a clínica se apresenta como uma experiência de libertação (...) do modo existente, isto é, uma experiência de retomada do conhecimento pela causa, de retomada do plano de composição tanto dos que lhe demandam intervenção quanto de si mesma enquanto instituição, enquanto realidade existente. O que queremos dizer é que o que caracteriza a clínica – seu ser de composição ou seu conjunto de afecções – é isso mesmo que ela toma como seu problema.* (Passos & Benevides, 2004 p.278)

sindrômicos e os rejeita incondicionalmente. Escrita de *pequeninas saúdes*<sup>261</sup>: potências de um cuidado vivo, que revela brechas, que rompe com o instituído, que cria novos possíveis.

Composições em movimento. Nas passagens são criadas as conexões do que antes era ou parecia desconectado ou não relacionado. Mover-se é necessário para inventar novas lentes, novos analisadores. Esta epistemologia nômade mostra-se eficaz quando situada em zonas "entre". A importância da narrativa do ciborgue é a radical redefinição do materialismo, nas equivalências do repensar o corpo. Após as problematizações elencadas neste estudo, a percepção de uma "paixão pelo autômato" presente no cuidado em saúde na contemporaneidade, torna urgente potencializar uma concepção deleuziana sobre a materialidade do corpo tendo como universo conceitual um mundo de alta cibertecnologia, onde impera a *biotecnomedicina*<sup>262</sup>, entendida aqui como criadora - e criatura - de uma clínica-ciborgue.

O sintoma, potencial miríade de possibilidades, acaba reduzido: comunica somente ele mesmo - o próprio sintoma - permitindo acesso ao organismo apenas. Para criar dispositivos verdadeiramente potentes precisamos nos reinventar. A proposta da tentativa de criação de um Corpo-sem-Órgãos pode ser experimentada para permitir outros acoplamentos. Trata-se ali - bem como nos territórios existenciais instáveis, fugidios, lisos, delirantes - de debruçar-se sobre as vibrações que pulsam de uma

<sup>261</sup> (...) e também o escritor como tal não é doente, mas médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem (...) A literatura surge então como uma tarefa de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma grande saúde (...), mas usufrui de uma irresistível pequena saúde que vem daquilo que viu e escutou, das coisas demasiado grandes para ele, demasiado fortes para ele, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, e que lhe dá, no entanto, devires que uma grande saúde dominante tornaria impossíveis. Do que viu, do que escutou, o escritor regressa com os olhos vermelhos, os tímpanos furados. (Deleuze, 1997, p.14)

<sup>262</sup> Por *biotecnomedicina*, designamos a forma hegemônica da medicina contemporânea, herdeira legítima da medicina positiva e experimental do século XIX e primeira metade do século XX, e que vem se constituindo, mais recentemente, no cenário particularmente "espetacularizado" da tecnociência de ponta. Trata-se, de fato, de um prolongamento extrovertido da iatromecânica, que estabelece, com esse prolongamento, uma particular "continuidade" de elementos conectados - que vão desde componentes biomoleculares, até compostos tecnomolares -, e que constitui o único e mesmo objeto desta medicina: uma única e mesma fábrica intima relacionando componentes descontínuos, distribuídos num mesmo espaço de representação. Uma multiplicidade conectada de componentes mecânicos, homogêneos e quantitativos, em tudo distinta do continuum que se estabelece na duração, quando não são mais ligações mecânicas, mas forças intensivas que conectam (ou não) seus componentes, formando uma multiplicidade conectada de "estados" qualitativamente heterogêneos. (Teixeira, 2004, p.69)

corporeidade-outra, uma corporeidade-mutante, para além dos órgãos organizados e potencializados pela construção de perfeitos corpos-máquina. Um transitar entre realidades com uma aposta na vida como busca incessante de imanência<sup>263</sup>.

A clínica-ciborgue mira finalisticamente um corpo andróide. Opera com corpos que podem ser consertados em linhas de produção seriais: atendimentos em massa que massificam também a forma com que se olham os mesmos corpos. Enxergam-se síndromes e não possibilidades. Aponto como um caminho possível a readmissão de uma terapêutica - imanente, menor, rebelde - que permita transitar entre o sofrimento e as brechas que os estados alterados possibilitem para mudar o curso de uma vida a partir de um espaço-tempo senão de cisão, de ruptura. Uma terapêutica-territórios-de-existência para vidas de quem assim as precisa. Experimentações em uma *zona de indeterminação* faz emergir aquilo que se dá *entre os corpos*<sup>264</sup>. Sem automatismo, um CsO que coloca em devir (autopoiese) os órgãos (ainda que no acoplamento tecnológico) que recusam-se a funções e competências vitais. Sintoma partilhado como possibilidade de insurgência. *Aumento de reivindicações de singularidade subjetiva*<sup>265</sup>.

Ao deparar-nos com os conteúdos revelados por corpos ciborgues temos que nos perguntar o que se esconde sob as dobras da comunicação e que silêncios povoam o discurso. Há de se inventar ouvidos para ouvir o silêncio, produzir deslocamento, criar uma *escuta poética*: percorrer os percursos da clínica para produções terapêuticas que permitam irrestritamente múltiplas (im)possibilidades-existenciais-poesia.

Necessidade urgente de reinventar os planos e modalidades terapêuticas visando a singularização, invenção-inteção-aprendizado, permissão, admissão. No movimento de potencialização dos espaços-tempo em que a clínica acontece (gera acontecimentos, distando de estar apenas comprometida apenas com a resignificação) inventar brechas

---

<sup>263</sup> (...) *Pode ocorrer que acreditar (...) nesta vida, se tenha tornado nossa tarefa mais difícil, ou a tarefa de um modo de existência por descobrir, hoje, sobre nosso plano de imanência (...)* (Deleuze, 1992a, p.99)

<sup>264</sup> Passos & Barros, 2006, p.98

<sup>265</sup> Guattari, 1992, p.13

para autoprodução, permissões - revolucionariamente tomadas - para que um território existencial aconteça. Pistas para potentes agenciamentos com corpos em sofrimento nos interstícios do discurso, seja este povoado por elementos-dispositivos sintomáticos ou não. Conversações com corpos em estado de greve, capturados, que gritam - silenciosamente ou não - em sua rebeldia.

Trata-se de fazer interagir de maneira rizomática – e poética – a ficção, as ciências e a inventividade em busca de outreidades. Devemos promover a rebeldia e a subversão em nossos cotidianos. Uma corporeidade que se insurge solicita compulsoriamente (e de maneira impostergável) de nós a fluidificação/fruição de nossos saberes-fazer: a desterritorialização da terapêutica. Invenção de possíveis.

Conhecimentos não capturados em mimetismos do discurso científico dominante. Construção de rizomas que criam conexões em nova experiência-vivência-inteligência. Nesta perspectiva, ser humano significa avançar para além e aquém - do organismo, da significância e da subjetividade - liberando linhas de fuga e alterando valores de identificação. Assim todos os corpos encontram-se em iminente processo de escape, potencial de tornar-se vivo, vida como *vontade de potência*<sup>266</sup>.

O rizoma nos é então essencial: nele repousam novas possibilidades de interligação entre as vivências. A centralidade da vida no pensamento, relacionamento e agenciamentos. A vida como central da vida. A desconstrução deleuziana do sistema logocêntrico binário. Deleuze nos propõe superar as estruturas de pensamento centradas em oposições dicotômicas e não apenas inverter os termos. Visitar então diferentes campos discursivos, problematizar o hibridismo e seguir atentos frente a possibilidade de captura de nossos movimentos passa a ser estratégia para manter o vivo na produção da vida.

Exercícios de produção de uma terapêutica que acolha insurgências, que acolha *experimentações desmedicalizadoras*, resgata movimentos impuros do *underground*, onde o vivo produz vida, inserindo dúvidas subversivas e invertendo a ordem vigente de

<sup>266</sup> (...) a vida, ela é sempre movimento (...), não é apenas vontade de viver e se conservar: viver significa querer a potência. (Peixoto Junior, 2010, p.135).



produção ciborgue dos corpos. Como um plano móvel, trazer a fronteira: a desestabilização do organismo pode ser mais seguro para a existência do corpo do que a estabilidade<sup>267</sup>, comprada forçosamente a um alto custo.

A rebelde desconstrução de uma clínica focada na elaboração protocolar de roteiros diagnósticos e resolução de sintomatologias busca o aumento da capacidade das corporeidades que se abrem aos possíveis por meio de bricolagens criativas não-essencialistas, não-fundamentalistas, não preconceituosas em narrativas e histórias de FC<sup>268</sup>, práticas erráticas de produção de sentidos.

Para um corpo construído - onde ficam do lado de fora todos os programas de desejo - repentinamente surge algo que se abre, que aperta, que pulsa, que bate, que cospe, que boceja. Microdesestratificações de um corpo-ciborgue que se rebela, tentativa de criação de um CsO como plano de insurgência. Experimentação de imanência, que permite vivenciar sentidos pelos quais podem existir os corpos. Nada a ser representado, delimitado ou definido. O vivo como mais do que apenas o humano (ou o andróide).

Na insurgência, talvez possamos começar a agenciar de maneira mais potente a experiência vivencial das corporeidades contemporâneas, desconstruindo no próprio corpo a distinção fronteira entre ficção e realidade, já que os andróides insurgentes, rebeldes contra a perfeição funcional não-viva superam os paradoxos colocados: após tornar o corpo máquina, a ponto de não se perceber mais vivo, o possível é o insurgir-se criando um corpo-outro, num eterno retorno da vida, e desconstruir (descorporificar) a ordem do estável-previsto-e-esperado e reinventar - por experimentações subversivas - territórios existenciais possíveis para sensações, memórias, inscrições, riscos.

---

<sup>267</sup> *Desvio, desestabilização, são características tanto da clínica quanto do contemporâneo. (...) podemos afirmar que a clínica é sempre uma figura do contemporâneo, constantemente forçada a habitar esse espaço-tempo marcado por sua instabilidade, pois, o que nos convoca a uma ação clínica, ou o que se produz como uma demanda de análise, não pode ser pensado fora desta situação crítica. A clínica do contemporâneo/no contemporâneo, é uma clínica necessariamente utópica e intempestiva. Essas duas figuras, uma do espaço (utopia) e a outra do tempo (intempestividade), se entrelaçam pela característica comum da instabilidade.* (Passos & Barros, 2001, p.90)

<sup>268</sup> Num tempo de ciborgues a ficção-científica apresenta-se para a produção da clínica como voz das corporeidades insurgentes, potencializando uma certa aliança que a literatura dita maldita mantém com essas vozes de corpos que teriam sido, um dia, apartadas do âmbito discursivo, silenciadas. (Kiffer, 2006, p.164)

A partir do acoplamento Poole/Artaud - em seu acontecimento - pode-se (com)fabular a produção de um plano movediço temporário (como uma *desprescrição*<sup>269</sup>) ao corpociborgue-prelúdio-de-andróide: compartilhamento de intuições e delírios, invenção de pedagogias sensacionais, atenção à saúde menor, saúde coletiva desterritorializada para coletivos contraculturais, agenciamentos criativos cuidado-alteridade, a desconstrução das identidades pré-fabricadas, a rebeldia dos corpos à medicalização, a luta incondicional pela afirmação da vida, onde quer que seja (im)possível que ela aconteça.

Assim, uma vez inseridos num tempo de ciborgues, talvez possamos pensar outros corpos envolvidos com a compreensão dos contextos micropolíticos - múltiplos<sup>270</sup> - e dos devires insurgentes implicados no traçado dos encontros. Então, outra terapêutica, feita de perspectivas novas, inovadoras. Inauguração subversiva de novos e inéditos agenciamentos de enunciação, tentativas intensas de produção de CsO, pistas para corporeidades insurgentes. Tarefa incansável - ética, estética e política - de agenciar linhas de fuga que permitam aos corpos insurgentes brechas por onde possam corporizar novos territórios por onde fluir desejo de vida.

Artaud quer desconstruir seu corpo todo, livrar-se de todos os órgãos inúteis à crueldade da vida. Crueldade da finitude, esgotamento dos órgãos vitais. Poole também quer desconstruir seu corpo todo, encontrar ligações que afirmem vida e tracem radicalmente novas realidades possíveis onde só reste força vital - a força de invenção de vida - não importando a perda de qualquer sobrevida, destruição de entornos ou criadores-normatizadores. Liberdade da vida ao custo de qualquer sobrevida.

---

<sup>269</sup> Como a necessidade que tem a filosofia da não-filosofia para a diferença (Deleuze & Guattari, 2005), para além da negação semântica, proponho o movimento de desconstrução e reconstrução conceitual da prescrição em suas atitudes prescritivas, tais como narrativas, fabulações, pistas, poesia, sinais vagos, riscos de giz, intuições...

<sup>270</sup> Deve-se manter a atenção ainda ao risco de captura das multiplicidades do corpo ao incorporar concepções protéticas performativas (bodypiercing, tatuagens, escarificações, auto-mutilações intencionais - medicalizadas ou não -, cirurgias plásticas estéticas etc) que possam alimentar (ou serem alimentadas) por padrões identitários. Não sendo objeto específico de estudo deste experimento apenas sinalizo, que não se trata de questionar o que há de singular na produção destas múltiplas corporeidades, mas apontar para a necessidade ética da implicação com a afirmação da vida - e conseqüentemente da diferença - assumindo uma postura crítica a movimentos mantenedores ou geradores de identidades *prêt-à-poter*, entendendo que nestes algo da vida é roubado, extirpado, despotencializado.

Que nestes movimentos - (po)éticos, caóticos, intempestivos, cruéis, contraculturais, destrutivos e imanentes - possam insurgir corporeidades (no corpo, contra e a favor do corpo) que lutem acirradamente para que reste a vida por toda a parte e por todos os corpos (humanos, ciborgues, andróides ou formigas elétricas) daqueles que aprenderam não sobreviver, mas sobre o viver.

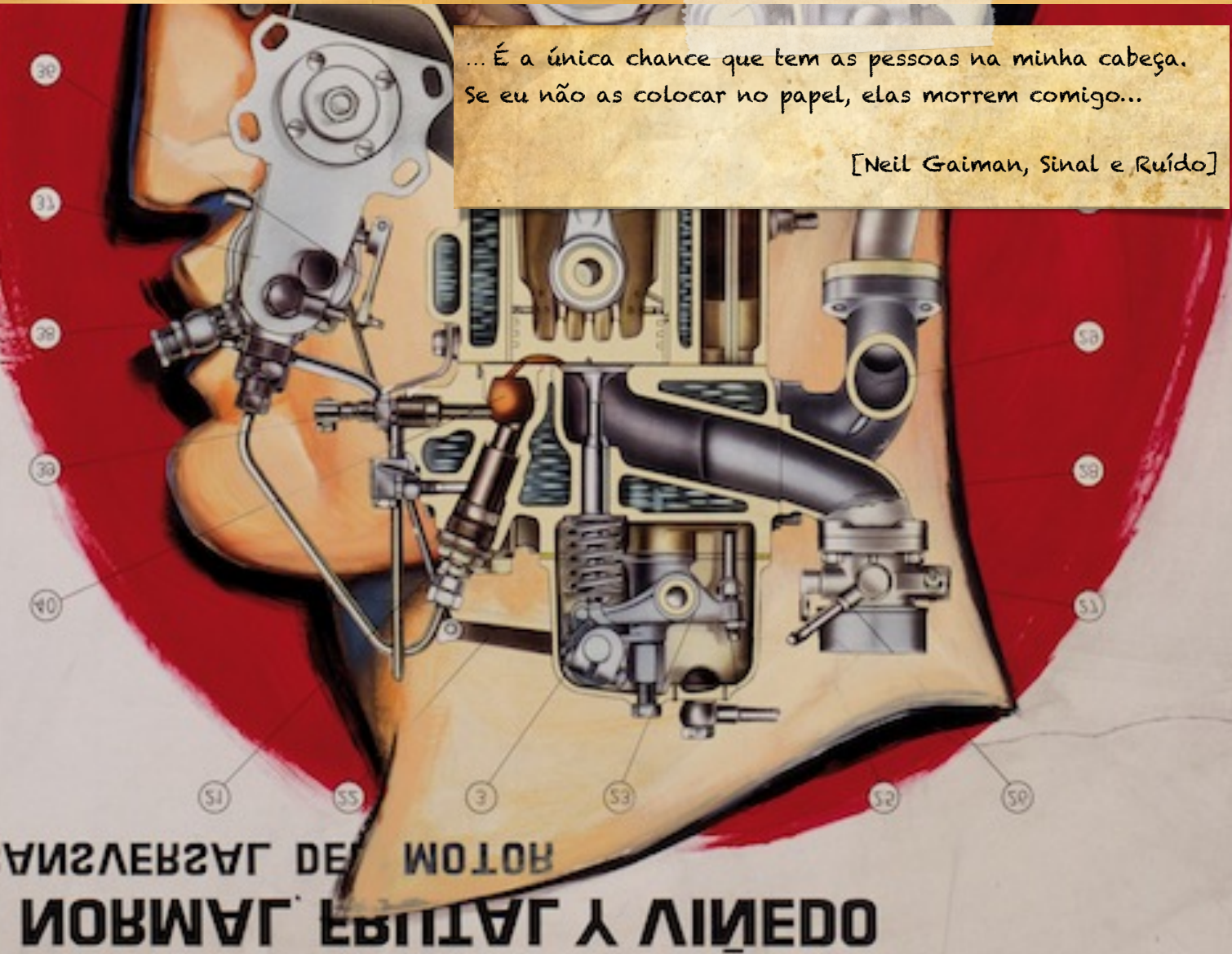
de pilosidade - 38 Válvula de descarga utilizada para - 39 Bico de aquecimento - 40 Múltiplos de compressão  
 moz e doze mozo - 39 Manômetro utilizado para - 40 Múltiplos de compressão - 41 bomba  
 mentação - 32 Válvula utilizada para - 33 Turbina utilizada para - 34 Jato de escape - 35 Jato de escape  
 admissão - 36 Coletor de escape - 37 bomba de água utilizada em - 38 Múltiplos de compressão - 39 bomba de  
 velocidade mozo - 33 Diferencial com manômetro - 34 Turbina utilizada para - 35 Jato de escape - 36 bomba de  
 cines - 34 Turbina utilizada para - 35 Jato de escape - 36 bomba de



Interferências.../  
 Textuais & Não-textuais...

... É a única chance que tem as pessoas na minha cabeça.  
 Se eu não as colocar no papel, elas morrem comigo...

[Neil Gaiman, Sinal e Ruído]



TRANSVERSAL DE MOTOR  
 NORMAL, EPITAL Y LINEADO

ARTAUD, Antonin. *Escritos de um louco*. São Paulo: Coletivo Sabotagem, 2007. Disponível em: <<http://midia independente.org/media/2008/11/433609.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ASIMOV, Isaac. *Eu, robô*. Rio de Janeiro: Exped, 1971.

\_\_\_\_\_. O homem bicentenário. In: ASIMOV, Isaac, WARRICK, Patricia; GREENBERG, Martin. *Máquinas que pensam*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

BARRY, Max. *Homem-máquina*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BODEI, Remo. *As lógicas do delírio: razão, afeto, loucura*. Bauru: EDUSC, 2003.

BORGES, Sonia. Antonin Artaud: arte e estética da existência. *Revista de Psicanálise*, v. 5, n. 2, p. 85-94, 2007.

CASTIEL, Luis David; MORAES, Danielle Ribeiro de; SILVA, Cassius Schnell Palhano. O gerencialismo utilitarista na produção acadêmica em saúde coletiva: a importância de ensaios críticos. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 30(1):213-214, jan, 2014.

CECCIM, Ricardo Burg; MERHY, Emerson Elias. Um agir micropolítico e pedagógico intenso: a humanização entre laços e perspectivas. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 13, supl. 1, 2009.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. A (des)educação do corpo ou o pequeno desfile dos corpos contemporâneos e seus lugares da transgressão. *Vivência (UFRN)*, v. 35, p. 161-168, 2009.

CLYNES, Manfred E.; KLINE, Nathan S. Cyborgs and space. *Astronautics*, v. 14, n. 9, p. 26-27, 1960.

COUTINHO, Andréa. Ficção científica: narrativa da mundo contemporâneo. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília*. Volume 1 – Número 1 – Ano I – fev/2008.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992a.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v.1, Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v.3, Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

\_\_\_\_\_. O corpo sem órgãos. In: DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010. p.21-29

\_\_\_\_\_. O que é uma literatura menor. In: *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. p.25-42

DICK, Phillip Kindred. *Andróides sonham com ovelhas elétricas?* São Paulo: Aleph, 2014.



\_\_\_\_\_. A formiga elétrica. In: ASIMOV, Isaac, WARRICK, Patricia; GREENBERG, Martin. *Máquinas que pensam*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

\_\_\_\_\_. Blade Runner: perigo iminente (sonham os andróides com carneiros eléctricos?). Lisboa: Publicações Europa-América, 1982.

\_\_\_\_\_. The Android and the Human (Conference, 1972). In: SUTIN, Lawrence. *The Shifting Realities of Philip K. Dick: Selected Literary and Philosophical Writings*. First Vintage Books, 1995. Disponível em: <<http://www.octobot.net/library/Dick,%20Philip%20K/Dick,%20Philip%20K%20-%20The%20Shifting%20Realities%20of%20PK%20Dick.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Man, Android, and Machine (Conference, 1976). In: SUTIN, Lawrence. *The Shifting Realities of Philip K. Dick: Selected Literary and Philosophical Writings*. First Vintage Books, 1995. Disponível em: <<http://www.octobot.net/library/Dick,%20Philip%20K/Dick,%20Philip%20K%20-%20The%20Shifting%20Realities%20of%20PK%20Dick.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

ECO, Umberto. *Sobre o espelho e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

EYBEN, Piero. Anarquia do ensaio (entre experiência e desastre). *Alea*, Rio de Janeiro, v. 13, n.2, Dec. 2011.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: *Ditos e escritos v.3. - estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p.411-422

FRANCO, Túlio Batista; MERHY, Emerson Elias. *O Reconhecimento de uma produção subjetiva do cuidado*. Disponível em: <<http://www.professores.uff.br/tuliofranco/textos/reconhecimento-producao-subjetiva-cuidado.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2013.

GAIMAN, Neil. *The Graveyard Book*. New York: Haper Collins Publishers, 2010.

GAIMAN, Neil. *Sandman: noites sem fim*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

GAIMAN, Neil; MCKEAN, Dave. *Sinal e Ruído*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2009.

GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GIBSON, William. *Neuromancer*. São Paulo: Editora Aleph, 2003.

GIBSON, William. *Reconhecimento de Padrões*. São Paulo: Editora Aleph, 2004.

GUATTARI, Félix. O capitalismo mundial integrado e a revolução molecular. In: \_\_\_\_\_ . *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_ . *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_ . *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*, Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

HALFPAP, Dulce Maria; DE SOUZA, Gilberto Corrêa; ALVES, João Bosco da Mota. Robôs como artefatos. *Ciências e Cognição / Science and Cognition*, v. 12, Nov. 2007.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.33-118

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

KIFFER, Ana. Corpo, memória, cadeia: o que pode o corpo escrito?. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 8, n. 2, p. 263-280, 2006.

KUNZRU, Hari. Você é um ciborgue: Um encontro com Donna Haraway. In: TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.33-118

LAGE, André. O teatro segundo Artaud: ou a reinvenção do corpo. *Revista FIT*, v. 3, p. 62-71, 2008.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação e Realidade*, 2004; 29:27-43

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papyrus, 2013.

LEVY, Pierre. *O que é o virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

LINS, Daniel. *Antonin Artaud: o artesão do corpo sem órgãos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

LINS, Daniel. *Estética como acontecimento: o corpo sem órgãos*. São Paulo: Lumme Editor, 2012.

LIMA, Homero Luís Alves de. Do corpo-máquina ao corpo informação: o pós humano como horizonte biotecnológico. *Anais XXIX Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, 2005.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

MACHADO, Leila Domingues. O desafio ético da escrita. *Psicologia & Sociedade*, v. 16, n. 1, p. 146-150, 2004.

MACK, David. *Phillip K. Dick's Electric ant*. New York: Marvel Comics, 2011.

MANN, George. The History and Origins of Science Fiction. In: MANN, George. *The mammoth encyclopedia of science fiction*. London: Constable & Robinson Ltd, 2001. p. 1-26

MARTINS, Marcelo Diniz. *O elogio da instabilidade: ensaios por uma semiologia do corpo*. Tese (Doutorado em Semiologia). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MONTAGNARI, Eduardo Fernando. Brecht: estranhamento e aprendizagem. In: *Revista JIOP no. 1*, Departamento de Letras Editora. UEM, 2010. p. 9-17.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. *Humano, Demasiado Humano*. Um livro para espíritos livres. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

OLIVEIRA, Andréia Machado; FONSECA, Tania Mara Galli. Conversas entre Escher e Deleuze: tecendo percursos para se pensar a subjetivação. *Psicologia & Sociedade*; 18 (3): 34-38; set/dez. 2006.

OLIVEIRA, Fátima Régis de. Ficção Científica: uma narrativa da subjetividade homem-máquina. *Contracampo*, v. 9, 2005. p.177-198

OLIVEIRA, Nelson de. Presença do futuro. In: OLIVEIRA, Nelson de (org.). *Futuro presente*. Rio de Janeiro: Record, 2009. p.07-10

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. *Psicologia Clínica Pós-Graduação e Pesquisa (PUC/RJ)*, PUC-RJ, v. 13, n. 1, p. 89-99, 2001.

\_\_\_\_\_. Passagens da clínica. In: MACIEL, Auterives; KUPERMANN, Daniel; TEDESCO, Silvia (org.) *Polifonias: Clínica, Política e Criação*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006, p.89-100

\_\_\_\_\_. O que pode a clínica? A posição de um problema e de um paradoxo. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda (orgs.). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.275-286

PAULON, Simone. Clínica ampliada: que (m) demanda ampliações?. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda (orgs.). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.275-286

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Algumas considerações nietzschianas sobre corpo e saúde. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 14, n. 35, p. 727-738, 2010.

PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

\_\_\_\_\_. Corporeidades em minidesfile. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda (orgs.). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.65-88

PRIGOGINE, Ilya. Arquiteto das "estruturas dissipativas". In: PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do caos a inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. São Paulo: Editora da UNIFESP, 1993. p.35-50

REGO, Isa Sara. *Corpos virtualizados, danças potencializadas: atualizações contemporâneas do corpociborgue*. 2013. Dissertação (Mestrado) - Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2013.

RESENDE, Catarina. A escrita de um corpo sem órgãos. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 20, n.1, p.65-76, jan/jun. 2008.

RIBETTO, Anelice. *Experimentar a pesquisa em educação e ensaiar a sua escrita*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

RODRÍGUEZ, Vitor Gabriel. *O ensaio como tese: estética e narrativa na composição do texto científico*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

TADEU, Tomaz (Org). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

TAVARES, Bráulio. Apresentação. In: TAVARES, Bráulio. *Páginas do futuro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011. p.09-18

TEIXEIRA, João Marques. *Editorial: Depressão e pós-modernidade*. 2005. Disponível em: <[http://jornalgggn.com.br/sites/default/files/documentos/vol7\\_rev2\\_editorial\\_3.pdf](http://jornalgggn.com.br/sites/default/files/documentos/vol7_rev2_editorial_3.pdf)>. Acesso em: 17 dez. 2013.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. A grande saúde: uma introdução à medicina do corpo sem órgãos. *Interface – Comunic., Saude, Educ.*, v.8, n.14, p.35-72, 2004.

TUCHERMAN, I. Fabricando corpos: ficção e tecnologia. *Comunicação, Mídia e Consumo, Brasil*, v. 3, n. 7, 2008.

VILELA, Eugénia. Corpos inabitáveis: errância, filosofia e memória. *Enraonar: quaderns de filosofia*, n. 31, p. 35-52, 2000.

VIVIANI, Ana Elisa Antunes. *O salto de volta à multidimensionalidade: perspectivas de compreensão do corpo na cibersociedade*. Dissertação (Mestrado em em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

WILSON, Robert Anton. Prefácio. In: RUCKER, Rudy; WILSON, Peter Lamborn; WILSON, Robert Anton (orgs.). *Futuro Proibido*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003. p.19-23

ZANELLA, Andrea Vieira. Escrever. In: GALLI, Tania Mara; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 89-91

\_\_\_\_\_. *Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia: Ediouro, 2009.

**[ Não-Textuais ]**



**[ Filmes ]**

*BICENTENNIAL MAN*. Direção: Columbus, Chris. Produção: Barnathan, Michael. Roteiro: Asimov, Isaac; Kazan, Nicholas. Alameda (EUA): Touchstone Pictures, 1999. 1 DVD.

*BLADE RUNNER*. Direção: Scott, Ridley. Produção: Deeley, Michael. Roteiro: Fancher, Hampton; Peoples, David. Alameda (EUA): Warner Bros. Pictures, 1982. 1 DVD.

*MATRIX, The*. Direção: Wachoswski, Andy; Wachowski, Larry. Produção: Silver, Joel; Cracchiolo, Dan. Nashville/Sydney (EUA/AU): Warner Bros. Pictures, 1999. 1 DVD.

**[ Músicas ]**

NINE INCH NAILS. *The Downward Spiral*. Los Angeles: Nothing Records, 1994. 1 CD. Digital, estéreo.

ANTUNES, Arnaldo. *Ninguém*. São Paulo: BMG Ariola, 1995. 1 CD. Digital, estéreo.

**[ Imagens ]**

VICENTE, Fernando. (Disponíveis em <http://www.fernandovicente.es>)